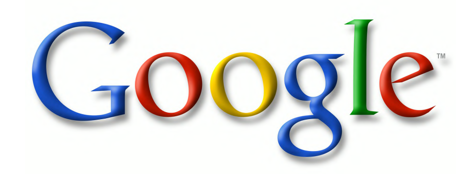



THE UNIVERSITY OF MICHIGAN LIBRARIES
THE UNIVERSITY OF MICHIGAN
ARTES SCIENTIA VERITAS
1817



POESIAS

DE

JOSÉ DA NATIVIDADE SALDANHA

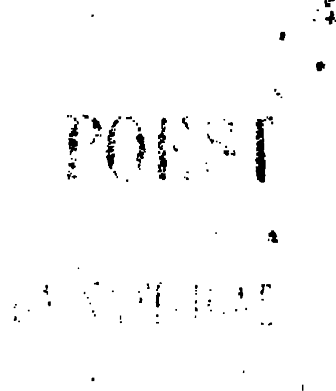


JOSÉ DA NATIVIDADE SALDANHA

Nascido em Pernambuco a 8 de setembro de 1796

Só o vate se esquiva á lei da morte.

SON. XXIV.



IA

JOSE AUGUSTO



Typ. Universal de Thomaz Quintino Antunes, impressor da casa real
rua dos Calafates, 110

Phœbe, fave, novus ingreditur tua Templa Sacerdos.

TIBUL. L. 2. ELEG. V.

Não fazem damno as Musas aos Doutores
Antes ajuda ás suas lettras dão.

A. FERREIRA.

Sunt bona, sunt quædam medioeria, sunt mala plura,
Quæ legis hic; aliter non fit, Avite, liber.

MART. L. 2. EPIG. 40

Á MEMORIA

DO VENERANDO

MARQUEZ DE SAPUCAHY

Não quiz a morte que em vida vos significasse a minha gratidão.

Bem sabieis que o trabalho que me pertencesse em todo ou em parte e que tivesse de levar o meu nome, vós ereis o primeiro a quem pertencia a dedicatoria.

Não é a loisa do sepulchro que me faria esquecer esse dever; não seria ella que me faria olvidar as longas conversações com que me honraveis e as instantes animações, para que na minha restrictissima esphera, concorresse para a gloria da patria que tanto amaveis; nunca perderei da memoria a quasi obrigação que me impozestes de estudar a historia de meu paiz, principalmente da minha gloriosa provincia, cujos feitos tanto lastimaveis não terem ainda sido devidamente narrados.

Agora não só as linhas que me pertencem como a obra que annotei, á vossa memoria as consagro: e ainda mais solemne é o dever de amisade para mim quanto mais expansivamente o posso confessar sem que se me aponte os labios manchados de lisonja ou calculos.

Ainda bem que perante o sepulchro se respeitará as puras intenções de quem sente, só hoje, á vossa memoria poder pagar o tributo de respeito, veneração, amisade e gratidão.

Lisboa — 1875.

José Augusto Ferreira da Costa.

A S. EX.ª O SENHOR

VISCONDE DE CARAVELLAS

MINISTRO E SECRETARIO
DE ESTADO DOS NEGOCIOS ESTRANGEIROS, SENADOR
DO IMPERIO, ETC. ETC. ETC.

**Como antigo lente da Faculdade de Direito de S. Paulo
e illustrado mentor da mocidade**

Igual dever me impõe a dedicatoria do presente volume a V. Ex.ª

Muito áquem do que devo a V. Ex.ª, que sempre me distinguiu com subidas e affectuosas provas de estima, quero descançar um pouco a consciencia, pedindo a V. Ex.ª que acceite essas linhas como uma diminuta prova do quanto desejo corresponder aos sentimentos de V. Ex.ª

A um homem de lettras como é V. Ex.ª entrego o valor do que deixo dito na presente obra, e corro os azares de ouvir uma opinião para mim com o peso do saber.

E V. Ex.ª digne-se receber n'este acto de minha publica confissão a consagração do sentimento elevado de gratidão do de V. Ex.ª

Março — 3 — 1875.

H.^{mo} Ven.^{or} Resp.^{or} e Adm.^{or}

José Augusto Ferreira da Costa.

A QUEM LÊR

Dos lidares da nossa vida publica consagramos nós as horas que nos restavam aos estudos da historia e litteratura patrias, que temos podido fazer na pequena, mais escolhida collecção de obras, de nossos escriptores, que chegamos a possuir; assim como no manuseamento de documentos dos archivos.

Entre as obras bem raras eram contadas as poesias de José da Natividade Saldanha, e de certo não passariam ellas de nossa estante, si por um lado o patriotismo de um editor que já tem prestado relevantes serviços as lettras, e por outro amigos bondosos não nos instigassem a emprehender essa edição, fazendo nascer assim em nós a lembrança de cumprir tambem um dever, dando uma prova publica de nossos sentimentos a pessoas para com as quaes nos julgamos em obrigação.

Entretanto para chegarmos a levar este volume

ao prélo foi-nos preciso o esquecimento das difficuldades do trabalho e das forças proprias, assaz deffícientes; innumeras foram as fadigas para colleccionar-mos poesias disseminadas e outras ineditas, e maiores ainda para congregarmos elementos para a historia biographica do auctor, cercada de mil tropeços, enredada em infinitas têas, e de todos ignoradas, não só de parentes, como até dos contemporaneos.

Ante tantos embaraços como os que encontramos por certo desisteriamos da empresa, senão houvesse em nós uma força mais poderosa que nos impellisse avante: o desejo de superar difficuldades e de tornar conhecido um comprovinciano que talvez o seu nome tivesse de ser ouvido para o futuro tradiccionalmente. Alem d'isso perdida a occasião de se encontrar um editor, talvez bem difficil seria apparecer ella, alem de que o valor poetico do auctor, gloria da provincia, pela qual morreu exilado, ralado de saudades da patria, e victima de ideias generosas, era um incentivo para não deixar sosobrar o nosso animo.

Traçamos um rapido esboço litterario da epocha na provincia, e julgamos dever juntar certas notas que elucidassem o texto. O publico dirá o valcr que ellas têm.

Após as notas publicamos alguns juizos criticos que chegaram ao nosso conhecimento, sobre o auctor.

Tendo de tratar de um homem assaz importante na historia da provincia, deixamos-nos levar do impulso de traçar em rapido esboço, os movimentos e principalmente os ultimos annos que precederam a *Republica do Equador*, onde elle tanto figurou sendo a cabeça pensante.

Não sabemos si teremos a satisfação de um dia dar á luz, a historia politica de nossa provincia de 1817 a 1824, cyclo assaz importante, cheio dos maiores e mais gloriosos episodios e para a qual já possuimos riquissima collecção de documentos ineditos e authenticos; si não formos antecipados por alguem mais habilitado que diga a verdade, e si não formos impedidos, havemos de pagar esse tributo de filho, a gloriosa provincia que nos deu o berço; e que só o amesquinhamento dos seus homens politicos a tem condemnado a representar um papel aquem do seu real merecimento.

Agora fazemos publicar algumas peças importantes das commissões militares, no fim do estudo historico.

O nosso trabalho só terá por fim rehabilitar a sua historia da maledicencia e calumnia de alguns

ligeirissimos historiadores, historia que continúa ignorada a falta de um livro.

Aproveitamos entretanto esta occasião para levantar um protesto contra as scenas barbaras que se passaram na provincia, como castigo da revolução.

Quando só tem havido palavras de condemnação e de despreso para homens, que, julgando alcançar um beneficio para o seu paiz, foram levados a precipitar acontecimentos que se preparavam para mais tarde; quando aos oppressores são esquecidas as suas medidas de sangue, entendemos dever levantar tambem a nossa voz e estygmatisar e condemnar as crueis execuções e açoites que com tanta serenidade se viram repetir em calamitosos tempos por parte dos governadores.

Nós não tratamos de justificar a revolução, que aliás se acha justificada pelos proprios homens do governo d'aquella época em suas correspondencias; nosso fim é sómente reviver alguns factos esquecidos e fazel-os passar pela vista de todos os que quizeram condemnar os opprimidos, os suppliciados, ao passo que si elles tivessem vencido teriam os seus louvores e as benemerencias, como haviam de ter poucos annos depois outros mais felizes, sem que entretanto se gravasse na historia pala-

vras, não dizemos duras, asperas, de fogo, contra as medidas barbaras de que se lançou mão, mas nem ao menos um simples estygma aos factos que ennegreceram esse tempo de terror!

De maneira alguma nos furtaremos ao concurso, em nossa apertada esphera, de preparar elementos para a futura historia politica e litteraria do paiz, assim encontremos animações que nos habilitem a emprehender estudos, que, talvez, sem o merecimento intrinseco da novidade, terá comtudo o da investigação e do manuseamento de documentos; trabalho facillimo para os que têm o resultado dos esforços, mas que por certo não podem avaliar o heroico animo dos que se dedicam a revolver, estudar e apreciar os archivos.

Entre nós, duas Assembléas Provinciaes têm-se inspirado de patriotismo pelas lettras: a do Maranhão auctorisando a publicação das obras de Gonçalves Dias, Francisco Lisboa, Odorico Mendes e Sotero dos Reis; e a de Pernambuco comprando os manuscriptos do Vigario Ferreira Barreto, já publicados, os de Fr. Joaquim do Amor Divino Caneca, e as biographias de homens illustres, pelo Commendador A. J. de Mello.

No Rio, o sr. Norberto de Sousa, incansavel architecto da nossa historia litteraria, com a sua

«Bibliotheca Brasilia» por conta do editor Garnier, tem-se tornado digno do mais subido apreço do paiz, e pena será que tão patrioticos esforços não tenham tido uma animação que o habilitem a dar-nos novos volumes.

Um paiz tão rico de gloriosas tradicções, tão animado pela ardente e pujante natureza, com um futuro grandioso a esperal-o, tem direito a exigir de seus filhos de hoje os elementos que têm de fazel-o respeitado, e nós com os nossos fracos esforços, devemos dar-nos por felizes em amontoar materiaes para o engrandecimento de seu nome.

É este o dever patriotico de todos.

I. A. F. C.

ESTUDO HISTORICO-BIOGRAPHICO

ESTUDO HISTORICO-BIOGRAPHICO

I

Nos seculos XV e XVI Portugal, esse paiz tão estreito e pequeno attrahia a attenção da Europa que o admirava.

Não se fazia elle temer por suas armas, nem nas contendas politicas que se gladiavam nos terrenos da ambição e do dominio tomava elle parte.

Acantoado na parte extrema occidental da Europa, sem forças pelas quaes preponderasse nos destinos continentaes, as suas luctas haviam-se limitado com Castella, cujos sons apenas repercutiam além dos Piryneus.

Era outro o plano em que elle desenvolvia as suas forças e genio; era em mares distantes do velho mundo, que elle levantava o seu nome, com as grandes descobertas que os seus marinheiros realisavam trazendo uma revolução nas relações do commercio, industria e riquesa.

As tentativas do infante D. Henrique com a fundação da academia de Sagres, a qual principiou cedo a produzir tão felizes resultados com as descobertas dos archipelagos da costa d'Africa e successivamente com o conhecimento do proprio continente ardente e desconhecido, cujas praias ficavam selladas com o dominio portuguez, teria de produzir os mais grandiosos elementos de força com a descoberta do caminho para as Indias, antes tentado por Bartholomeu Dias[1], e finalmente levado ao cabo por Vasco da Gama no reinado glorioso de D. Manoel[2].

Esse problema julgado insoluvel tinha um resultado conhecido, a abertura dos mares, e firmava o dominio portuguez, estendendo-o por todos os paizes visitados, levantando um emporio na Asia, onde as suas armas resplandeciam com um nome glorioso; e as pareas e tributos do Oriente viriam crear a esse pequeno paiz um futuro prospero e um nome respeitado, até que decahido o seu poder ahi o viesse reerguer nas praias da America.

[1] Vid. in fin. a nota 1.ª sobre Barth. Dias

[2] As grandes, importantes e numerosas descobertas dos portuguezes só devidamente se apreciam nas antigas chronicas, ou nos livros modernos, taes como os de fr. F. de S. Luiz *Os portuguezes nas cinco partes do mundo*, o *Roteiro* do sr. Castilho, *Hist. de Port.* de Rebello da Silva, etc.

Entretanto que Portugal se engrandecia, a rainha do Adriatico, a poderosa republica dos doges, Veneza, se abatia; todo o emporio do seu commercio transferia-se para as margens do Tejo com a descoberta de Vasco da Gama.

A explorar esse manancial de grandesas e riquesas adquirido por Portugal, enviava o rei expedições; e, em 1500, Pedro A. Cabral, partia com a primeira após a de Vasco da Gama.

Ainda tinha de pertencer ao reinado de D. Manoel a descoberta do Brasil, devida ao acaso e aos receios das calmarias da costa d'Africa que levára a frota a fazer-se ao occidente,

Era o apogeu da grandesa d'esse pequeno paiz que projectava sobre o mundo uma luz que em breve teria de se obscurecer.

O commercio e a industria da Asia, absorvia a attenção do rei, que deixava o novo paiz no mesmo estado, o qual era apenas mais leguas de terras juntas a corôa; entretanto o pouco conhecimento do seu valor e ao mesmo tempo a difficuldade de povoar-se, levou o successor de D. Manoel, D. João III, a dividil-o em capitanias, que eram doadas aos servidores do estado, que d'essa maneira eram remune-

rados, ao passo que prestariam novos serviços em prol da patria, colonisando-as.

Como paiz incognito, inexplorado e a cargo dos donatarios difficil seria prosperar, não só pelas luctas dos indigenas como por se haver tornado o logar de degredo da metropole[3].

Entretanto o Brasil, florão de gloria para a corôa portugueza, mais tarde explorado, seria a fonte inexhaurivel de riquesas que habilitariam esse paiz a representar na Europa assombrada uma magnificencia levada á prodigalidade.

Terras incultas, eram habitadas de selvagens aborigenes que combatidos, e a ferro e fogo rechaçados do littoral para o centro do paiz, retiravam-se até as margens dos caudalosos rios, balisas naturaes de tão uberrimo solo, cobertas de monumentosas florestas virgens, que ainda hoje cedem ao viajante mil descobertas a sciencia.

O conquistador christão era o barbaro, si bem que sem as atrocidades dos hespanhoes; as raças soberanas do paiz não esqueciam-se dos seus odios communs para pelejar contra o estrangeiro, e ver n'elle

[3] V. Gonç. Dias, *Brasil e Oceania*, Memoria apresentada ao Inst. geogr. bras., 1867, tom. XXX, part. II, transcreve uma carta de Duarte Coelho ao rei, pedindo-lhe que suspenda a remessa de degradados (tal peçonha) para a sua capitania.

o senhor, e de certo o captiveiro ou a morte que os esperava, si não abandonassem as suas *tabas*, e não se entranhassem no amago do paiz, que os protegia, para que não se extinguissem esses typos, que mais tarde a sciencia anthropologica iria estudar, procurando assim concatenar todos os materiaes para a historia do homem, afim de mais seguramente poder elevar o edificio da creação, formação das raças, sua diffusão, assim como as revoluções geologicas do globo.

O povo conquistador mal cuidava d'isto, que então se ignorava; o exterminio era a medida ambicionada, elle não queria formar um paiz ou crear um estado, pretendia apenas uma larga feitoria na qual os soberanos passariam a escravos, os indios captivos[1] seriam o elemento da extracção da riquesa do paiz, pesando sobre elles o duro rigor de agentes cubiçosos de um governo avido.

Eram esses agentes que teriam de legar paginas tristes, que a dedicação dos Anchietas e Nobregas mais fazem sobresahir.

Era com tal prologo que se preparava o paiz da America para produzir só e só em favor da metropole.

---

[1] J. F. Lisboa, *Obras*, vol. II, liv. VI.

Conhecedor o governo do paiz que conquistára tratou de evitar as relações dos outros povos com os naturaes que já se achavam catechisados e sob verdadeiro captiveiro. O seu calculo de administração tendia a supprimir tudo o que podesse significar um desenvolvimento para os naturaes; a oppressão era a unica lei e medida usada, a conservação do dominio dependia do temor em que o paiz se achasse, e do seu atraso.

A não ser as explorações todas em favor da corôa, tudo o mais não era permittido; cedo principiava o receio de que o paiz procurasse, com o seu desenvolvimento, crear-se estado. Era preciso o embrutecimento e os rigores: estes tinham chegado a um excesso, de se levantar as vozes de alguns sacerdotes como o P.e A. Vieira a clamar contra os governadores, e em diversas epochas a obterem para os pobres indios leis que o equiparassem a gente, que os livrasse das vendas, e das crueldades que soffriam até que chegasse o Reg. de 3 de maio de 1757, seguido do Alv. de 17 de agosto de 1758, firmado pelo immortal marquez de Pombal, ao qual a America tanto deve, e que entre os seus mais gloriosos actos, sem duvida, sobresáhe essa humanitaria lei de emancipação dos Indios, que

cortou o poderio dos padres, além-mar, da metropole [5].

Diversos decretos lavrou elle em favor dos infelizes indios; já tinha procurado romper com os prejuizos de infamia, declarando que aquelles que se casassem com indias se faziam dignos da real munificencia (Decr. de 4 de abril de 1755), por outro abolia a escravidão dos negros (Decr. de 19 de setembro de 1761), e coroava a sua obra eminentemente humanitaria com o Decr. de 16 de janeiro de 1773, no qual se dizia «que uns e outros se reputassem habeis para os empregos publicos, dignidades e honras, quando para ellas se mostrassem aptos, quer fossem negros, mulatos, ou mestiços [6].»

Tinha sido tambem o marquez que havia creado as companhias da Parahyba e Pernambuco e tomado tantas e tantas medidas de engrandecimento para tão grandioso paiz, e de certo, tendo uma politica inteiramente differente de seus antecessores e successores havia o Brasil de chegar a um subido grau de prosperidade, si não se désse em breve a sua queda.

5 Vid os Bandeirantes, de Mendes Leal — v. 2.º, cap. 6.º

6 Hist. do reinado de D. José, de Simão J. da Luz Soriano, Lisboa, 1867.

Era que o marquez com profunda vista tinha alcançado o valor do paiz que tinha até então sido a feitoria da metropole.

Mas não obstava essas suas largas vistas a que a Carta Regia de 30 de junho de 1766 prohibisse no Brasil o officio de ourives sob pena de praça no exercito e sequestro.

O corpo de leis, cartas regias e alvarás está cheio de medidas de compressão ao desenvolvimento do Brasil.

Si, por exemplo, se prohibia a extracção do sal em Cabo Frio para não se prejudicar e importado do reino (C. Reg. de 18 de janeiro de 1691) si o mesmo se fazia quanto ao gengibre em Pernambuco etc., ainda ia mais longe a metropole quando por Alv. de 5 de janeiro de 1785 fazia extinguir todas as fabricas existentes no Brasil, afim de que não ficassem os seus habitantes independentes!

E si tão grande era o receio do desenvolvimento material quanto maior não era do intellectual!

A instrucção que existia no Brasil limitava-se aos conventos que se apropriavam de todos os talentos que germinavam, outros, poucos, eram pela metropole aproveitados para commissões que os desviassem de seu paiz.

E por certo o governo bem previa os graves ma-

les que viriam em seu detrimento com o desenvolvimento da instrucção, males que ficavam compro vados mais tarde pela conjuração mineira, na qual todos os homens de lettras tinham tomado parte.

Era assim que receiando da typographia creada em Pernambuco em 1706, por Ord. Reg. de 8 de julho, mandava-se sequestrar os impressos e prohibir o trabalhar-se mais [7].

Não obstante as medidas apertadas, longe de fazerem produzir os fructos desejados, não faziam mais do que excitar os animos contra os excessos e despotismos dos governadores.

II

Entre as provincias do Brasil fica ao norte, Pernambuco bello e formosissimo, pela prodigalidade da naturesa que esmerou-se em seus encan-

[7] O Sr. Francisco de Sousa Martins em sua Memoria sobre o progresso do jornalismo no Brasil (Rev, do Inst. Geogr. Bras. Tom. VIII — 1846) diz que a typographia se estabeleceu pela primeira vez no Brasil em 1808 por occasião da vinda de D. João VI. Entretanto nem tratou da typographia existente em Pernambuco, no tempo dos hollandezes, sobre a qual ha controversias, mas ainda omittiu a que deu logar ao alvará de 8 de julho de 1706, supprimindo-a.

tos, dando-lhe um aspecto admiravel, dotando-o com uma primavera constante e collocando-o sobre a parte mais saliente do continente americano do sul. Como atalaia avançada sobre o Atlantico em cujas aguas se espelha, annuncia-se um dia no futuro, ser um dos grandes emporios do commercio, senão o primeiro d'esta parte do mundo.

A região topographica, a amenidade do clima, e a bellesa da cidade cortada de rios e edificada sobre ilhas em um plano nivellado por longa extensão, em todos os tempos tem chamado a attencção do estrangeiro sobre si.

O desenvolvimento que elle hoje toma quer material, quer intellectualmente proporciona-lhe uma posição que só aos vindouros é dado gosal-a.

Esse concurso de causas, entretanto, foi motivo no passado para que essa provincia inscrevesse gloriosamente o seu nome na historia, e o genio bellicoso que passou de geração em geração lhe creasse o titulo do primeiro povo nas armas, pugnando sempre pela liberdade.

As nações maritimas, como a França e a Hollanda, em tempos passados viram n'essa provincia um ponto de apoio ao seu commercio nos mares do sul e é assim que aquella apossando-se de Itamaracá, e esta do litoral da capitania, sustentou por

trinta annos uma lucta para plantar o seu dominio, lucta na qual aprenderam os naturaes a ser guerreiros, associando-se ao povo, cuja religião e lingua haviam tomado, preferindo-o ao novo usurpador.

Gloriosos triumphos couberam n'essa parte aos habitantes d'esse paiz e que por tantos historiadores passaram a posteridade.

E era o animo herdado de antepassados que os pernambucanos iam revelar em diversas epochas que summariamente vamos rever antes de entrar na ultima parte d'este trabalho.

Em 1710 era Olinda a capital da capitania, n'ella se achava concentrada a nobresa, e ahi eram obrigados a residirem seis mezes os governadores; o Recife summamente commercial, por se achar n'elle estabelecidos os portuguezes mercadores, — mascates —, era sua rival. Por diversas vezes tinham pretendido estes subtrahirem-se ao dominio dos naturaes, elevando a villa esse ponto commercial; porem haviam-se mallogrado todas as tentativas n'esse sentido, a ponto de na ultima D. Pedro II lhes declarar que nunca mais tão absurda pretenção se renovasse.

A influencia da nobresa que fasia desapparecer a preponderancia do dinheiro dos mascates, longe de fazer estes arrefecer em sua empresa mais os levava a procurar a realisação de seus desejos e interesses.

Sebastião de Castro Caldas, nomeado governador de Pernambuco em 1710 patrocinára a causa dos portuguezes, que não recuavam a preço; e podera obter, contra o parecer do senado da Camara de Olinda, de D. João v, a elevação a Villa do logar do Recife.

A demarcação tinha de trazer uma lucta de sangue.

Não satisfeitos os mascates de se subtrahirem a governança da nobresa, com a creação do municipio, cujos cargos passavam assim para as suas proprias mãos, queriam elles alargar a sua circumscripção, contra a opinião do Ouvidor de Olinda.

O partido que tinha tomado, em favor dos mascates, o governador Castro Caldas e as violências que havia este commettido contra a nobresa havia feito com que se tentasse contra a sua vida disparando-se-lhe dois tiros, de dia, a rua das Aguas Verdes.

Esse facto que fez recrudescer a animosidade de Castro Caldas, o habilitava a usar de medidas re-

pressivas, e n'esse sentido não trepidou ante prisões, tornando a nobresa e o mesmo Ouvidor e o Bispo, cumplices.

A nobresa pegou em armas e avançando sobre o Recife, no dia 10 de Novembro de 1710, deitou abaixo os pelourinhos, não encontrando mais o governador que no dia 9, havia embarcado para a Bahia, fugindo assim as consequencias que havia creado.

Vago ao governo, reuniu-se o Senado da Camara de Olinda para se tratar da substituição.

E então que pela primeira vez se revelam os animos de que se achavam possuidos os habitantes de Olinda contra a geração metropolitana.

Bernardo Vieira de Mello apresenta uma proposta «de se declarar a capitania em republica *ad instar* da de Veneza, mostrando que a capitania tinha recursos para a sua independencia, lembrando-lhe ainda como prova a guerra dos Palmares, concluindo que, si por desgraça não tomassem essa deliberação, opinava para que se entregassem aos polidos francezes,» apoiou este parecer Pedro Ribeiro da Silva que disse — «que se governassem a si mesmos, porque só assim ficaria a patria livre dos riscos porque acabava de passar.» Assim votaram Leandro Beserra Cavalcanti, André Dias de Fi-

gueiredo, José Tavares de Hollanda, Cosme Beserra Cavalcanti, Manoel Beserra e outros [1].

Depois de largo debate a maioria decidiu que tomasse conta do governo o Bispo D. Manoel Alves da Costa, o qual na propria carta de nomeação do rei era contemplado para esse cargo.

De posse o bispo do governo, immediatamente deu em nome do rei amnistia aos habitantes de Olinda.

Decahida a influencia dos mascates não podiam, de certo, conformarem-se elles com sua condição. Tendo podido prender o Bispo na Villa do Recife não descançavam em seus preparativos para que voltasse para o governo Sebastião de Castro, que se achava foragido na Bahia, cuja volta, apesar do levante dos mascates em Junho de 1711, não póde elle realisar por tel-o prendido o governador geral da Bahia D. Lourenço de Almeida, afim de que não fosse elle aggravar os males da capitania, sendo no anno seguinte enviado para Lisboa pelo Conde de Castello Melhor, que queria

[1] Asseguram-nos não existir na Camara de Olinda o livro de Vereações no qual se achava essa sessão importantissima. Confiado esse livro ao Snr. R. Almeida nunca mais o restituiu, assim como fez com outros da secretaria da Presidencia, um dos quaes fomos encontrar ultimamente em mão de terceiro! Eis como certos homens illustrados, são prejudiciaes!

evitar assim uma guerra fratricida, na qual o oiro dos colonos e a parcialidade do governador crearia scenas de sangue.

Enganada a vigilancia dos mascates, pelo Bispo, que póde evadir-se para Olinda, e reunido a nobresa, tentou a subgeição d'aquelles. Depois de chamados aos seus deveres de vassallos, lançou contra elles excommunhão que não os abalou; então prevendo as scenas de sangue que iam dar-se, desistiu do governo temporal que entregou a Camara, limitando-se aos meios espirituaes para os abrandar.

A lucta na qual se declararam os naturaes em partidos, assumindo proporções assustadoras, dando duas grandes victorias a nobresa, nas batalhas de Sibiró e Ipojuca, era lucta que de certo traria conflagração geral, e na qual o sangue teria de humedecer muito a terra, si não fosse a chegada do novo governador Felix José de Mendonça Castro e Vasconcellos, que a fez cessar.

Ao principio apparentou concordia, mas em breve creou uma junta de justiça sob sua presidencia, em cujas devassas conhecidas pelas do «Bacalhau» e «Cutia» dos juizes que fizeram parte, cincoenta e cinco foram considerados auctores da insurreicção, julgados em pena de tão horroroso

crime, e transportados para Lisboa, para ali soffrerem o castigo, porquanto os juizes, apesar da sentença, não quizeram tomar a responsabilidade da execução.

Entretanto a espectativa e as alegrias dos mascates tiveram de ser mallogradas, porque o Rei concedeu perdão aos implicados, degradando apenas alguns para as Indias [8].

Nem o proprio Bispo ficou isempto das medidas repressivas, porque sendo chamado a côrte em 1715, passou cinco annos em um convento até que em 1720 foi encartado na diocese do Funchal.

Eis como se acabava a guerra dos mascates [9], na qual de certo o rei, para, naquelle tempo, ter dado um passo tão generoso, devia estar bem convencido da justiça dos pernambucanos e dos arbitrios do governador.

A herança de odio de raça que a prepotencia dos governadores havia creado no povo brasileiro, ainda em 1817 se tinha de revelar no desafogo patriotico que se suffocou em sangue.

[8] Rocha Pitta diz terem sido apenas dois, outro porem diz terem sido os degredados onze.

[9] Léa-se as Memorias de Pernambuco por Fernandes Gama — vol. IV.

Ainda verde para nós essa epocha, cujos episodios nossos paes nos contam em familia com todas as negruras que o historiador desconhece e ignora, mas que, quem as testemunhou, reproduz sob a impressão pesada dos factos que se lhe passaram pela vista, e aos quaes julgamos assistir, é de certo muito difficil de narrar.

Porem ante o homem desprevenido esse drama cujas scenas tanto nos entristecem, tanto honra o povo que sahiu ensopado no sangue quanto envilece os algozes que sobraçaram os arcabuzes.

Era Caetano Pinto de Miranda Montenegro governador; desde 1804 ate essa celebre epocha de 1817, bondoso e excellente havia creado uma sympathia que se alienava em breve tempo com os ouvidos que dava as intrigas, que interessados faziam cahir em seu animo contra os naturaes.

Os excessos de auctoridades, a venalidade da justiça, a sobranceria dos estrangeiros com causas antecedentes, tudo concorria para um odio latente e uma desconfiança que só esperava occasião de se fazer dia.

Lojas maçonicas, relações com outras capitanias, pessoas influentes, tudo conspirava para uma nova phase de coisas no Brasil.

A denuncia levada ao governador pelo Desem-

bargador Cruz Ferreira e as medidas repressivas resolvidas contra os denunciados, precipitaram o rompimento revolucionario de 6 de Março, no qual todo o povo alliando-se aos motores da insurreição, tornaram-se senhores da cidade, obrigando Caetano Pinto a encerrar-se na fortalesa de Brum e finalmente a capitular, retirando-se para o Rio.

As alegrias que se respira sempre após um adormecimento de soffrer silencioso, ante as injustiças e abusos contra os quaes o fallar era peiorar a condição, eram expandidas em delirios.

Formara-se o governo provisorio, homens de ideias patrioticas, de sentimentos generosos se collocavam a frente dos acontecimentos: de antemão jogavam a vida, mas não tendo todos os dotes administrativos, nem se achando bem amadurecido o projecto, corriam o risco de perder a causa que mais demorada triumpharia.

Todas as medidas tomadas pelo governo provisorio eram em bem da causa publica e das liberdades do cidadão, a maneira dos Estados-Unidos queriam os membros do governo formar a republica arvorada hontem. Era assim que tendiam para a igualdade civil de todos e para a liberdade de consciencia.

- Associada as provincias da Parahyba, Rio

Grande, Ceará e Alagoas, era preciso que a Bahia tambem se lhe juntasse.

A infeliz missão do Padre Roma, Abreu e Lima, que foi pagar com sua vida no campo da Polvora a sua generosa acção de patriota, e que preso, aniquillou todos os documentos que revelavam os compromettidos dessa provincia, era o prologo de sangue que tinha de desenrolar-se em breve.

O Conde dos Arcos, sem provas contra os seus subditos, lançando mão de uma medida de terror, para abater os animos fracos, declarou achar-se possuidor de provas que condemnavam os cumplices. —Em animos mais preparados essa medida teria feito estalar o levantamento; mas foi o contrario, todos receiosos quizeram significar por actos e palavras a sua adhesão ao governo e a nenhuma connivencia na revolução de Pernambuco.

As offertas de dinheiro e gente para debellar a revolução appareceram de todos os lados, não tendo o Conde dos Arcos senão a dar-se por muito feliz de salvar-se de tão imminente perigo, como seria a repercussão na Bahia dos acontecimentos da proxima provincia.

Os complicados ignoravam a ousada coragem e patriotismo do Padre Roma, que os salvára, morrendo sob o arcabuz; exemplo forte e energico que

dava o governador da Bahia áquelles que se deixassem levar das ideias do governo do Recife.

Não tinha-o empedido nesse passo o proprio conselho dos Dezembargadores que opinavam pelo julgamento criminal e não militar!

Ao passo que o governo do Recife procurava pôr em pratica as medidas de organisação para a republica surgida inesperadamente dos acontecimentos, vinha do Rio onde as noticias tinham resoado com excessivo vulto, uma esquadra ao mando do Vice-Almirante Rodrigo Lobo, e da Bahia forças de terra as ordens de Mello Cogominho.

As Alagoas contra-revolucionando-se e as provincias da Parahyba e Rio Grande, collocavam o governo em precarias condições. Os animos desacoroçoavam ante attitudes tão contrarias ás espectativas de Domingos Theotonio e dos outros. A extensa têa de conspiração que chegava até o Rio e no qual muitos se achavam implicados quebrava-se sem se sentir [10].

[10] L. Rego em carta escripta ao Rei D. João VI, em data de 13 de julho diz que José de Barros Lima havia dito que «elle sabia de alguns empregados na administração do governo que que eram traidores a S. M., porém que seu confessor lhe prohibira declaral-o.» Um padre preso na Bahia, disse que elle estava alli por causa de muitos que o haviam de salvar, da situação em que elle se achava.

armas revolucionarias cahiam vencidas, e a
'ophe era clara aos olhos dos motores; en-
to o temor apressou o desenlace.
povo respirando apos longo lethargo, via em
) governo a felicidade, despresára as procla-
s do Conde dos Arcos e de Rodrigo Lobo,
ıs membros do governo, conhecendo que se
ımava a extrema hora trataram de se segurar,
ıingos Theotonio, como dictador apresentava
sições de paz a Rodrigo Lobo, com a entrega
ıça, mas com a garantia das vidas dos com-
ıttidos.

piniões de que a revolução estava a preparar-se larga-
› que o mesmo conde dos Arcos fazia parte d'ella assim
ıuitas pessoas do rei, e n'este sentido houve denuncias,
os acontecimentos que a precipitaram a destruiram
não estava amadurecida.
te ainda em uma das cidades de Pernambuco, um ho-
əstemunha de todos os movimentos da provincia, que
'a ter havido por occasião da revolução uma longa cor-
iencia para os Estados Unidos, correspondencia que
ısue por fazer parte da sociedade que se communicava
Republica Americana.
todos passa esse homem como um maniaco pela ma-
orque vive, em uma certa sobriedade, sem amisades,

ıervando ainda hoje os mesmos sentimentos de sua mo-
abstem-se de toda a sociedade, e muitissimo poucos
odido ouvir as suas opiniões.

Quem tinha em = «seu favor a lei e a força ar-«mada tanto terrestre como maritima para poder «entrar no Recife com a espada na mão a fim de «castigar a sua vontade os patriotas» como respondia o Vice-Almirante não acceitava condicções mas impunha; entretanto o *ultimatum* de Domingos Martins ameaçando o incendio da cidade e a morte dos prisioneiros graduados e dos Europeos, si bem que parecesse não abalar o commandante do bloqueiro, comtudo, apesar de sua resposta destemida, realmente calou-lhe no espirito [11].

Julgam todos que os documentos que elle diz possuir são phantasticos, mas um collega e amigo que nos merece todo o conceito, dado tambem aos trabalhos historicos, tendo merecido a amisade d'esse homem, tem ouvido as suas conversações e opiniões, e chegado a vêr alguns documentos, relatorios, etc.

Apesar de suas vivas instancias não tem podido esse nosso collega alcançar mais do que isso, a não ser que, talvez, por sua morte receba como legado esses papeis, si antes os não queimar.

Esse nosso collega disse-nos mais que era uma porção consideravel de massos de papeis que esse homem guardava como verdadeiro thesoiro.

Diz esse homem que a historia da revolução ainda está por ser escripta, e que mal se julga das pessoas que se acham compromettidas!

Que mysterio será este a desvendar-se?

11 O sr. Moniz Tavares diz que era uma ameaça vã que Do-

Antes porem da resposta de Rodrigo Lobo, D. 'heotonio e os outros trataram de retirar-se: os novimentos das forças tão encontrados fazia todos ssombrarem-se dos meios de que o governo que-ia lançar mão; era que o governo ia em retirada; precipitação e soffreguidão com que esta se fazia

nimgos Theotonio fazia não só por seu genio, como por ser ontra os sentimentos de humanidade, etc. Que Domingos 'heotonio não houvesse posto em pratica a sua ameaça para nós ada tem de impossivel, nem tambem se póde avaliar o animo de Rodrigo Lobo, o qual não podia conhecer si em uma situação desesperada, e na qual se achava compromettida a vida não só de um como de muitos, se devesse attender aos sentimentos de humanidade muito legitimos, naturaes, porém sempre ou quasi sempre olvidados nos momentos difficeis. Entretanto apesar de nenhum temor causar a Rodrigo Lobo, este concedia um armisticio para que se fosse a côrte pedir um perdão ao rei etc. «com tanto que não houvesse a menor vingança com os desgraçados em prisão.» Tambem o conde dos Arcos havia em uma sua proclamação dito que os pernambucanos que não seguissem as forças da Bahia seriam fusilados, a cidade arrasada e tudo passado a fio de espada; e sobre os chefes da revolta «a todos era licito atirar-lhes a espingarda como a bandidos.» Hist. da Revol. 1817. M. Tavares, pag. 239.

Tremeu o governo e o povo ante as ameaças do conde dos Arcos?.. para livrar-se d'aquelle perigo cumpriram os pernambucanos uma só das ordens d'aquelle governador?.. para honra da provincia, não. As apreciações que se fazem ao *ultimatum* de D. Theotonio, são em maioria de rasão applicaveis ás proclamações do conde dos Arcos. O *Correio Braziliense* chama estas de miseraveis.

arrastava mais depressa a queda do governo, quando ainda tinha muito por si.

Foi esse um desenlace inesperado não só pela côrte, como pelos conde dos Arcos, Luiz do Rego e o proprio Rodrigo Lobo.

O desanimo da ultima sessão tinha levado o Padre João Ribeiro a enforcar-se, cujos sentimentos nobres de salvação de seus camaradas e patricios, não poderam abalar os seus companheiros de governo; fugia assim as torturas da tyrannia que em breve desfraldava sua bandeira de vingança e sangue, ainda mesmo sobre o seu cadaver [12].

Abandonnada a cidade, a tropa insurgente sem chefes rompeu em tumultos de desespero e de certo iriam renovar-se scenas tristes si a officialidade não a contivesse.

Os membros do governo provisorio fugindo tinham tido um sentimento nobre que nunca a malevolencia e o odio dos escriptores poderão denegrir, é que abandonavam o cofre com o dinheiro que havia em caixa, respeitando assim a renda publica.

Desembarcado Rodrigo Lobo, entradas as forças

[12] Ainda bem que o sr. Varnhage achou palavras para sentir «o fim triste e na verdade digno de lastima, do mais bello caracter da revolução.» H. B., vol. 2.°, pag. 390, edic. 1857.

terrestres de Cogominho, mudava-se o quadro, os festejos, as alegrias regorgitavam, mas não era o povo natural da terra, eram os que foragidos, occultos e alguns poucos, adeptos que a elles se achavam ligados e que ha pouco tremiam por suas vidas, agora se viam salvo quasi miraculosamente.

Rodrigo Lobo no governo da capitania abria as valvulas a vingança e ao desenfreiamento.

«Seguem agora tetricas e horridas scenas de lucto e de dôr» como diz simplesmente o Sr. Varnhagen, sem as narrar, por não poder justifical-as.

O corpo do Padre João Ribeiro era arrancado á sepultura depois de tres dias, a cabeça espetada em um poste era collocada no peloirinho, e apredejada sob o alarido de um povo sedento de sangue, depois de trazida processionalmente do Engenho Paulita pelas forças do general!

Era uma das victorias dos soldados de Cogominho que da Bahia vinha dar-lhes esta prova de valor, assim como Rodrigo Lobo.

Iam principiar as horas amargas para a capitania.

As prisões e as caçadas aos homens, eram acompanhadas das scenas mais desolantes; os gritos da populaça que estrugiam os ares a cada victima que se apresentava agarrada; as cordas, as correntes, as gargalheiras e machos eram lançados aos pés e

pescoços de homens distinctos como Antonio Carlos, Fr. Caneca e todos os outros; os immundos porões, verdadeira sepultura de vivos, dos brigues «Mercurio» e «Carraseo» eram o carcere de tantos homens, que em numero de 114 iam encher as masmorras e segredos da Bahia, entregues ao Conde dos Arcos que ia ser o carcereiro e algoz desses homens, que pouco a pouco tinham de morrer, si uma aurora de regeneração não raiasse.

No Recife continuava Rodrigo a desempenhar o triste papel de verdugo, fazendo açoitar na grade da cadeia (hoje Relação) todos os homens de côr, com a maior barbaridade que se pode imaginar [13].

Não lhes valiam honras ou postos de official, todos cahiam sob o *bacalhau* de negros possantes.

[13] Eis como se procedia a esses castigos: o padecente era amarrado pelos braços, e todo despido, ás grades da cadeia, na parte de fóra; o executor armado um «bacalhau» ou azorrague de coiro de boi, com cinco raios, tinha junto a si uma larga tina d'agua, na qual mettia o *bacalhau* para amollecer, depois passava-o pelo chão afim de se lhe adherir areia e applicava sobre as nadegas e costas do padecente: esta scena da tina e areia se repetiam de momentos a momentos: as carnes do padecente sangravam horrivelmente e deliam-se! A populaça que assistia dava gritos de alegria e de vez em quando cahiam ao pé do executor moedas de cobre e prata, que eram atiradas pelos espectadores!!!...

Este espectaculo era na rua do Imperador na sala das audiencias, então a cadeia!

Eram tal a crueldade e excessos de Rodrigo Lobo e Cogominho que o proprio Conde dos Arcos se horrorisára, e contra elles escrevera ao proprio Rei [14]!

Os brigues «Mercurio» e «Carrasco» despejavam nas praias da Bahia os presos remettido pelo brutal Rodrigo Lobo, que com a pequena viagem apresentavam physionomias de homens aos quaes se haviam inflingido todas as torturas, da fome, da sede, da insomnia, da falta de luz e da gargalheira [15].

A Bahia regorgitava em applausos e festejos, mas no animo do povo, por honra se diga, estava o odio da tyrannia occulto, e o pezar de não haver quem desse o grito da sua queda. Não podiam elles ver a prepotencia que sobre elle se exercia por homens alheios ao paiz.

Transferidas as victimas dos immundos porões dos navios para os carceres da cidade, mudavam

[14] Luiz do Rego escrevendo em data de 31 de maio, da Bahia ao ministro diz: «O conde dos Arcos queixa-se amargamente do commandante da esquadra Rodrigo José Ferreira Lobo, e penso que elle já escreveu a S. M., sobre este assumpto. O mesmo conde não faz todo o conceito do Marechal, pelo que respeito a economia da Fazenda Real, etc.»

[15] *V. Moniz Tavares*—Hist. da Rev. de 1817 pag. 336 a 365.

apenas de theatro porem não de martyrios que mais pesados e dolorosos iam ser nessas masmorras atulhadas, onde apenas era dado a cada preso tres palmos de espaço para viverem, tal era o numero de homens em tão estreitos calaboiços!

A miseria, a fome, a nudez iam cahir sobre essas victimas até que a morte as viesse arrancar a tantos soffrimentos, pois nunca julgára um só dos que entrara nessas sentinas do crime que tivesse maior espaço a percorrer a não ser o que distava dessas moradas a forca!

Eram 114 martyres da liberdade, aos quaes mais tarde se teria de reunir o cortejo de Bernardo Teixeira.

Desembarcados a 9 de junho os presos, formava-se a Commissão Militar sob a presidencia do Conde dos Arcos, e eram julgados e condemnados a *morrer morte natural cruelmente* no dia 11, e no dia 12 era o segundo alarma de sangue na capitania: ao Padre Roma, iam juntar-se Domingos José Martins, José Luiz de Mendonça e Padre Miguel Joaquim de Almeida Castro, que eram arcabusados no campo da Polvora.

Os outros dois pronunciados (Deão Bernardo Portugal e Pereira Caldas) eram perdoados pelas

rasões que annotaremos á sentença, que transcrevemos [16].

Esses homens morreram como verdadeiros heroes, intrepidos ante a morte, esperavam o juizo da posteridade.

E quando se salvaram dois dos pronunciados não se fez o mesmo a José Luiz de Mendonça que tinha opinado apos a revolução que se pedisse perdão ao Rei e se lhe fizesse acto de submissão; não lhe valeu ter-se ido entregar, afim de não comprometter pessoas que o haviam homisiado [17]?

E que sentimento nobre podia existir em peito de vassallos avidos de honras!

Mais é que elle imprecando contra os juizes, declarara que «havia salvado mais de 60 criminosos,

[16] Vid. As celebres sentenças da commissão Militar no fim d'este — Estudo — que são digna da apreciação e conhecimento de todo o cidadão. — Vid. tambem no fim do vol. a not. 9, pag. 165.

[17] José L. de Mendonça é um dos typos mais nobres de severidade e honradez. A sua vida, mui pouco conhecida, é o modelo vivo de virtudes e de grandesa d'alma. Alguns factos que conhecemos é a mais subida prova desses sentimentos do coração do homem. Entretanto mais tarde o seu nome será apenas conhecido, como um dos suppliciados da revolução — ficando a parte mais nobre da sua existencia ignorada! Eis como se esquecem os homens!

«sem que os seus allegados tivessem meio peso de
«seus embargos a sentença!... »

Esse acto cruel que se praticava e que por muitos era festejado, pelo povo era reprovado, e não faltou mesmo os pasquins, epigrammas pregados contra o Conde dos Arcos nas muralhas, fóra outras provas que appareceram entre os arcos e festões d'aquella gala nacional [18].

Era tal a repercussão desse acto barbaro na côrte que o ministro desapprovando-o ao Conde dos Arcos, nomeava uma commissão criminal para julgar dos outros reos, cuja presidencia era confiada ao Dezembargador Bernardo Teixeira, homem cruel, e que pelo rei pretendia despovoar as capitanias revolucionarias.

Ia elle principiar o seu miseravel officio de cruel algoz em Pernambuco.

Os miseraveis presos das enxovias esperavam e como que rogavam a approximação de seus instantes finaes.

Mais era que Deus pela mão dos homens queria mostrar o seu poder e a instabilidade de seus corações.

Não morriam no cadafalso, pelo contrario teriam

[18] Isto que dizemos, foi-nos asseverado por um dos presos dos carceres da Bahia.

de sahir das enxovias para que a revolução de Pernambuco se completasse em 1822 com a independencia.

Com a chegada do novo governador e capitão general ia-se abrir espaço a scenas tristes e barbaras de sangue. Luiz do Rego Barreto tinha *carta branca*, para consolidar a paz na sua capitania.

De posse do governo em data de 1 de julho de 1817 formava a commissão militar que tinha de justiçar os complicados na revolução.

O primeiro sangue, na capitania, que tinha de regar a arvore da liberdade era o de Antonio Henriques Rebello, cuja barbara sentença e execução por diversas vezes havia de repetir-se. A 5 de Julho, cinco dias após a sua chegada, era L. de Rego testemunha, e executor do assassinato barbaro do homem que havia-se recusado a vender a revolução por trinta e dois contos de réis, e denunciára a proposta que se lhe havia feito.

Eis o primeiro exemplo de sangue que se levantava para os habitantes não se esquecerem dos seus deveres de fidelidade; e afim de que mais gravado lhes ficasse na memoria, era cumprida a ultima parte da sentença, que mandava ser a cabeça do suppliciado espetada n'um poste junto a forca, e as mãos

em outro na ponte do Recife, onde estiveram até serem consumidas pelo tempo!...

O seu corpo arrastado a cauda de cavallos pelas ruas publicas da villa ia ter abrigo no Cemiterio da igreja matriz de Santo Antonio.

Cinco dias depois era a villa de Recife testemunha de outro espectaculo doloroso e compungente.

Era a segunda execução da sentença do processo verbal da commissão militar que os juizes haviam lavrado a 8: dois dias apenas para os réos prepararem-se para entrar na eternidade e na posteridade.

O apparato bellico, as alas de soldados que desde as Cinco Pontas até o Campo da Honra (largo das Princesas hoje) em numero de 4:000; os restos dos batalhões que tinham de seguir para a Ilha de Fernando e para o Rio da Prata degradados por serem da terra, e terem assistido e adherido a revolução, e que desarmados vinham acercar-se da forca, rodeados de parque de artilheria de morrões accesos, e da cavallaria da Bahia, para assistirem ao justiçamento dos rebeldes condemnados, para tomarem como exemplo e ficarem sob o temor, tudo, tudo apresentava a scena a mais pesada e profunda ao coração.

Domingos Theotonio Jorge, José de Barros Lima

(Leão coroado) e o padre Pedro de Sousa Tenorio, com todo o apparato lugubre de semelhantes actos, vestidos de alva, com os confessores ao lado a fallar-lhes do ceo, e com a irmandade da Misericordia a precedel-os, e cuja bandeira, talvez mesmo, não os salvasse, si a Providencia fosse por lles, iam subir ao cadafalso ao som dos hymnos marciaes e os seus corpos pendentes da forca e arrastados pelas ruas iam servir de exemplo a todos os revolucionarios.

Após essa scena tão edificante, marchavam os cascos dos batalhões, perto de 800 homens, a embarcar, sempre entre alas, nas lanchas que os esperavam para os transportar para bordo dos navios [19].

Em seguida a execução procedia-se a ultima parte da sentença, eram separadas as cabeças e mãos dos corpos. E eram pregadas a cabeça e mãos do Theo-

[19] Muitos episodios dignos do longa menção honrosa, passam desapercebidos. Entre os que sabemos citamos o seguinte: — Meu avô materno e um seu primo passaram os maiores revezes e transes acima da imaginação. Ambos fugiram de Montevideu, com saudades da familia; o ultimo cortando rios, embrenhando-se pelas florestas e perseguido de toiros e onças após uma viagem de 18 mezes e dias na qual passou todas as privações; comendo raizes e fructos agrestes, evitando os povoados, com receio de ser agarrado, muitas vezes desesperando da vida, pôde abraçar mulher e filhos!

tonio, aquella na soledade e estas no quartel; de Leão Coroado, a cabeça em Olinda e as mãos no quartel; e do Padre Tenorio a cabeça em Itamaracá e as mãos em Goyanna. E os troncos amarrados a caudas de cavallos eram arrastados ao cemiterio, onde chegavam despedaçados, depois de haverem percorrido as ruas da villa!

Era a ultima honra dos suppliciados! [20]

Luiz de R. Barreto, ante esse espectaculo que parece tel-o abalado, começou a implorar o perdão para tantos infelizes que viam na forca o remate de suas idéas generosas.

O senado da camara implorava á effigie de S. M. o perdão e era tal o abatimento dos animos e da capitania que o proprio governador dizia em carta ao rei.

«Senhor. As scenas de sangue, em que a Pro-

[20] Aquelles que não tem ouvido de seus paes e ascendentes as scenas de horror praticadas então, no principio d'este seculo, julgal-as-hão impossiveis, e a posteridade já creada em outro berço de liberdade, ha de olhar para taes narrações como excesso de odio contra os que nos governaram. Mas é esta a verdade attestada unanimemente por muitas e muitas pessoas. Outros factos ha que a historia tem tambem, si os apanhar, de guardar com horror.

ıcia, que tão visivelmente protege V. M. quiz
ɔ meu debil braço confundisse os seus alei-
; inimigos, despertam no meu coração os
mentos de humanidade, horrorisam a todo
povo, e obrigaram os officiaes da camara a
n corpo formado trazer-me o requerimento
enho a honra de levar a Augusta e Real Pre-
, de V. M. Foi para mim e para todo o meu
lo Maior um espectaculo bem tocante ver a
ldade, e respeito e acatamento, com que o
ıo senado entrou pela sala do docel, onde
ha o Retracto de V. M. com toda a decencia,
ı voz tremula e balbuciante implorou a Real
ɜncia a favor do resto dos habitantes d'esta
ania, a quem os —« monstros do crime se-
ım ou aterraram com embustes, mortes, pri-
desamparos, deshonras de familia, etc. » —
utra parte da mesma carta previa elle tanto
ı rede que se tinha de estender despovoan-
:apitania que dizia: « o meu coração que
spira zello e lealdade, e amor de S. R. Pes-
serviço *teme* e *treme* pelos ulteriores proce-
ıtos que podem envolver uma grande parte
eis e innocentes Vassallos de V. M. » (Carta
de julho de 1817 ao Rei D. João VI.)
carta ao ministro Thomaz Villa-Nova Por-

tugal, dizia elle: «a petição da Camara d'esta Ci«dade enterneceu-me sobre maneira e não pude «deixar de unir-lhe as minhas supplicas... o medo «pela segurança de seus bens, ou de suas familias «ou o terror dos assassinios e destruição que aquel«les *barbaros* (!) [21] ostentaram foi o motivo de se «tornar equivoca a conducta de alguns dos mora«dores d'esta Capitania... deverá V. Ex.ª affastar «d'estes logares uma investigação rigorosa, porque «então a má vontade e as paixões particulares fa«rão apparecer como criminosos muitos vassallos «que continuarão a bem servir a S. Magestade, etc.»

Estas palavras seriam um grito da consciencia?

Porém como se podem avaliar estas palavras ante um trecho da mesma carta sobre o desembargador José Marques que diz: «e V. Ex.ª póde ficar se«guro que nenhum homem podia a um tempo ser «tão fiel observador da Ley sem offender os mais puros sentimentos da humanidade!!!...

A barbara sentença que elle assignou não é o grito mais terrivel contra os sentimentos do coração!

E tantas e tão barbaras sentenças que se executaram no Campo da honra, com tanto e tão ter-

[21] Eram «barbaros e monstros» e não praticaram as scenas dos Capitães generaes!

pparato, e com os tristes espectaculos de
decepados, e arrastados em caudas de ca-
assim como mãos e cabeças collocadas nas es-
em postes, que sentimentos poderão revelar!
novas scenas de sangue que tinham de re-
ir-se?

assim que a 21 de Agosto scenas de deso-
terror iam passar pelos olhos dos habitan-
Recife afim de que a ordem se consolidasse.
Gomes da Silva Coutinho, José Peregrino
de Carvalho e Francisco José da Silveira
n a mesma pena, com o mesmo triste appa-
s cabeças e mãos decepadas do tronco, eram
las em postes na Parahyba para onde eram
das; e os troncos depois de passearem pelas
a Villa em cauda de cavallos eram deposita-
mesmo cemiterio.

inda a 6 de Setembro outras victimas iam
no — Campo da Honra — o crime de cons-
n contra os desmandos do governo, faltando
fidelidade jurada.

onio Pereira de Albuquerque Maranhão e
Leopoldo de Albuquerque eram garrotados
ma praça onde se elevava o patibulo já ba-
por tanto sangue. As suas cabeças e mãos,
formidade com a sentença eram decepadas e

iam servir de tropheos de victoria e de rigoroso exemplo aos logares onde elles haviam levantado o grito em prol da causa decahida.

A tantas e tão pesadas scenas nunca faltou os hymnos marciaes e o regosijo publico do *povo* para o qual tinha chegado a sua hora de vingança.

Os festejos, as alegrias succediam sempre ás execuções; e aquelles que não sentiam do coração associavam-se a ellas para não serem notados e denunciados como contrarios ao governo de El-Rei.

Luiz do Rego tinha sido o signatario de tantas e tão crueis sentenças; e em suas cartas a el-rei; falla d'ellas como o homem que tem a consciencia assentada do dever.

Apenas Monteiro da Franca era perdoado [22]!

E era em 1817 que se praticavam taes sentenças!... Mas é que, tambem em Portugal, no mesmo anno o infeliz general Gomes Freire e seus companheiros de infortunio perdiam a vida como conspiradores.

Tanto sangue fazia germinar a liberdade que em Portugal raiava em 1820, no Brasil em 1821, seguida logo da Independencia em 1822.

[22] Vide a nota a sentença no fim d'este Estudo.

As scenas de sangue apesar d'esse perdão implorado, parecia não desapparecer: os tormentos e soffrimentos acompanhavam todo esse povo que ia encher as masmorras das provincias do Ceará, Rio Grande, Parahyba e Pernambuco, para d'ahi sairem para o cadafalso ou degredo.

A larga rede que lançava o cruel Bernardo Teixeira prendia em suas malhas todo o povo, era como hecatombes de homens que se arrastavam, como nos sacrificios antigos, ao altar da tyrannia.

Eram os vassallos que em seus excessos de zelo queriam segurar o throno do rei, ao passo que este em sua bondade era alheio aos desmandos de seus governadores [23].

Os carceres da Bahia estavam pejados, as victimas subiam aos centenares, e a crueldade que o desembargador mostrava em suas devassas horrisava a todos, ao proprio L. do Rego.

O perdão que o Rei contra a opinião de toda a côrte, a excepção do seu Ministro Villa-Nova Portugal que por elle instara, podendo quebrar assim a lisonja e zelo que affectavam os aulicos que rodeavam D. João VI, era pelo cruel Desembargador

23 Conta-se que D. João VI a todas as pessoas com quem fallava perguntava sempre o que diz «o meu povo de mim e de meu governo? está satisfeito?»

mallogrado, que em sua sêde de dinheiro, conservava as prisões atulhadas.

A providencia queria evitar mais sangue e fez com que apparecesse a lucta entre o Presidente da Alçada e o Governador da Capitania.

A crueldade d'aquelle que queria mergulhar em sangue toda as provincias revolucionadas; o insaciavel instinto de avaresa que via em seus serviços e em sua commissão bem demorada, tudo fazia o Desembargador Bernardo Teixeira esquecer dos sentimentos humanos.

O perdão do Rei punha um paradeiro as Devassas, quebrava o instrumento de crueldade nas mãos do Desembargador Presidente da Alçada, mas este não trepidava em considerar todos «chefes da revolução» afim de que o perdão não aproveitasse [24]!

Tantos excessos e a voz influente de L. do Rego faria desapparecer este homem da provincia levando comsigo innumeros presos para, em outro theatro,

[24] L. do Rego ao Ministro Villa-Nova Portugal diz: «do que resultou mandar-me elle (Bernardo Teixeira) a relação original que tambem apresento a V. Ex.ª em que declara que todos são Chefes da Revolução» «E é possivel que fossem todos chefes da revolução? Tenho noticia que ficaram pronunciados na Devassa homens incapazes de offender um insecto» carta de 6 de Agosto de 1818.

a Bahia, continuar o seu miseravel papel de endurecido carrasco até que a revolução de 1820 e a amnistia das Côrtes de Lisboa viesse extinguir tão negra commissão.

A revolução de 1817 tinha trazido os maiores males ao povo e ás capitanías.

As perseguições desenfreiadas, o labéo que todos receiavam que se pronunciasse contra si de revolucionarios; os carceres atulhados, a Alçada perseguindo e matando lentamente os infelizes que tinham entrado para esses infernos na terra, e á sombra de tantos desgraçados fazendo jus a larga remuneração e emolumentos, innumeras familias levadas á miseria, e á deshonra, um governo militar comprimindo os habitantes; os de fóra mais ousados com o governo que tinha a capitanía, a desconfiança em que havia cahido os naturaes para com o mesmo governo—e emfim o atraso que pesava sobre a capitanía, ainda mais aggravado pelos proprietarios, na maior parte encarcerados, era a tristissima consequencia da revolução.

Si não fôra a revolução de Portugal de 1820, e a amnistia das côrtes de 1821 que abria as portas a tantos desgraçados, todos teriam perecido ou

no cadafalso, ou de fome e miseria nos calaboiços, como já havia acontecido a vinte e seis.

O perdão dado por D. João VI [25] a poucos havia aproveitado, pois muitos e muitos continuavam a gemer a sua miseria, em satisfação da cobiça do desembargador presidente da Alçada [26].

A revolução de Portugal vinha justificar a tentativa revolucionaria de Pernambuco.

Inaugurava-se o reinado da constituição; e agora sahiam das masmorras esses homens macilentos, cadaveres ambulantes, que traziam comsigo uma qualidade que não haviam levado quando para ellas entraram, com mui rarissima excepção,—era o saber.—A masmorra tinha sido uma academia, que tinha de formar muitos homens para a independencia. A revolução tinha sido prematura.

Em 1821, premiava-se e elogiava-se o que em 1817 se condemnava e castigava no patibulo.

O povo ainda mostrava que os seus sentimentos generosos não se tinham amortecido, pagava com o mandato ás côrtes, aquelles que haviam tanto e tanto soffrido em prol da liberdade.

---

[25] V. no fim d'este estudo.

[26] Em uma memoria que temos em mão sob o titulo da *Alçada julgada por Luiz do Rego,* mostraremos que papel representou ella em Pernambuco.

Em Pernambuco o regimen militar reinava, scenas contristadoras eram continuamente praticadas; o governador havia creado uma odiosidade no coração de todos. — Vacillára no reconhecimento do novo governo da metropole.

A amnistia levara para suas provincias os encarcerados da Bahia, e Pernambuco era a que tinha mais a reclamar.

Uma conspiração se formára contra Luiz do Rego, e contra sua vida se tentou em a noite de 20 de julho de 1821 [27]. Ferido e mal esperando a vida recomeçava-se nova perseguição aos homens aos quaes ha pouco haviam-se-lhes aberto as porteiras de ferro.

Eram todos mettidos no brigue *Intriga* e remettidos para Lisboa, como conspiradores, onde seriam soltos como innocentes.

[27] Muitos negam que tivesse havido tal conspiração, outros affirmam. Nós somos levados a acreditar em sua existencia não só por termos ouvido de alguns, diversas circumstancias d'essa projectada tentativa de morte, como pela circumstancia de ter-se desconhecido o infeliz Souto-Maior, muito conhecido quando se incitava com promessas pecuniarias.

Um dos considerados mais complicado n'essa tentativa foi o padre Venancio Henriques Rezende que morreu vigario da freguezia do Santo Antonio em 1865. Causa houve para elle ser assim considerado. Mas solto em Lisboa representou um bri-

Tres dias depois do acontecimento nas aguas do Capibaribe boiava um cadaver que tirado, era exposto aos olhos de todos, na matriz de Santo Antonio, para que fosse reconhecido e denunciado.

O governador offerecia a quem o conhecesse a quantia de 1:000$000 réis; e si fosse escravo a liberdade tambem.

E em Pernambuco não foi reconhecido o cadaver do tão conhecido João de Souto Maior!

Era que então havia um verdadeiro patriotismo, todos achavam-se sob as mesmas leis compressoras sem poder respirar, e sentiam ter-se mallogrado este acto condemnavel de desespero.

Desobedecendo ás côrtes, não permittindo o livre governo, de conformidade com o decreto de abril, em breve o povo goyannense, poria um termo a este governo com a revolução que d'esta vez

lhante papel na politica do seu paiz; era um republicano sincero, soffreu na revolução de 1824, vendo-se obrigado a expatriar-se, e a percorrer diversos paizes como os Estados Unidos, Mexico, etc. Amnistiados os da revolução de 1824, voltou Rezende á sua provincia, foi deputado geral: era sempre o primeiro nas occasiões difficieis como o iniciador de medidas fortes, foi presidente da camara dos deputados, até que recolheu-se á vida privada. Deixou diversos manuscriptos como nos foi asseverado por pessoa muito de sua intimidade. Que destino terão tido?

obrigaria o governador a ceder o paiz á liberdade entre vivas acclamações.

O martyrio das masmorras não tinha amolentado o vigor do espirito e coração.

Ao ar da liberdade, os revolucionarios de 1817, trataram de levar a effeito as suas idéas iniciadas n'aquelle anno e agora abraçadas pela metropole.

Tratava-se no Brasil de fazer cahir o governo de el-rei e substituil-o pelo da constituição.

Havia um receio da parte do governo de que as idéas da America Hespanhola não lavrasse, e muito principalmente que não partisse de Pernambuco novo germen de perturbação: — isto obrigou o governo a formar um — cordão sanitario — que resguardasse as capitanias d'esse mal; portanto os governadores escolhidos as deveriam conservar em fidelidade.

A dubiedade que apresentava porém diversos governadores em acceder ás ordens das côrtes levou Pernambuco a dar o signal de alarma com a revolução do Goyanna.

Levantado de repente, e machinado a sombra, parecendo quasi impossivel a coragem de seus auctores, esse grupo, que se intitulava desde logo—

Governo temporario de Goyanna — officiava ao governador para que consentisse que o povo elegesse o seu governo de conformidade com o decreto das côrtes de 24 de abril de 1821.

Tendo Luiz do Rego procurado formar um conselho governativo composto de sete membros, chamou Goyanna a fazer-se representar, julgando haver satisfeito as aspirações d'aquelle governo; mas os goyannenses pretendiam a liberdade, e não só se recusaram a isto, como exigiram a sua retirada da capitania, por cujo sangue derramado seria criminoso perante as côrtes. A reluctancia e opposição de L. do Rego trouxe alguns recontros, marchando os goyannenses sobre o Recife, attraindo a si as forças que passavam-se para elles, e arrastando o governador a desistir do governo, pois que as camaras municipaes se declaravam em favor do novo governo. As perdas dos recontros de Maria Simplicia, Forno da Cal e Affogados, onde as forças quer proprias, quer vindas da Bahia eram batidas obrigaram o governador a capitular com a — Convenção de Beberibe — pela qual lhe era concedido apenas o governo de Olinda, Recife, e seus termos até resolução das côrtes, que foram em favor do governo temporario de Goyanna; determinando a L. do Rego que entregasse a administração e embarcasse.

Tal solução tão contraria á sua espectativa o levou a abandonar a provincia sem fazer entrega do poder ao governo eleito.

Esta epoca é tão rica de factos que não cabe n'um summario narral-os.

Toda a correspondencia do governo de Goyanna com a junta constitucional é o mais evidente monumento de patriotismo.

As alegrias do povo eram excessivas, tudo sorria então. As canções populares a L. do Rego repercutiam por toda a parte [28] e annunciavam a liberdade na capitania.

[28] Possuimos essa canção, assim como outras da epocha e anteriores. Nos outros paizes as canções são recolhidas, apuradas para a historia da litteratura e no seu quanto para a historia politica. Ainda ultimamente em Portugal o distincto poeta Theoph. Braga, esse talento superior, que tanto tem trabalhado para formar a historia da litteratura de seu paiz, com os innumeros livros que ha publicado, e que o collocam no primeiro grau dos homens illustrados, publicou alguns volumes de cancioneiros.

Seria muito para desejar e para louvar que nas diversas provincias se recolhessem as cantigas populares, aliás tão abundantes entre nós, afim de não se perderem completamente no futuro. E aquelles que se lançarem a este campo com muitas difficuldades terão de luctar, mas prestarão um relevante serviço ao paiz. Muitos julgam taes estudos uma verdadeira inutilidade, sem o menor valor; entretanto merecem elles todos os

---

A revolução de 1817 era o primeiro annuncio da liberdade: o sangue e os martyrios de tantos cidadãos tinham uma aureola de gloria na historia.

Considere-se como queira, esse primeiro grito repercutia tão profundamente no coração de homens acostumados aos vexames dos governos que repetil-o-hiam em breve, embora a primeira pagina tivesse ficado tinta de sangue.

A independencia ou separação das provincias da c'rôa era um crime de lesa magestade; a *morte cruelmente* era o apanagio d'aquelles que haviam-se deixado absorver no vortice: em 1820 a revolução do Porto proclamando a constituição corroborava as idéas de que era impossivel mais o governo absoluto, e a nação toda acceitava o grito de liberdade e o rei perdia as prerogativas que passavam ao povo nas côrtes; e em 1822, era um principe, o revolucionario, era elle que dava o grito da separação da colonia da metropole, e sob sua cabeça cahia a c'rôa de um imperio que se formava.

É assim o destino: uns perdiam a cabeça, ou-

cuidados como elemento para a formação da litteratura popular, etc.

Praza a Deus que muitos se lancem n'essa rica seara e tragam ao publico as suas colheitas.

ros adquiriram a liberdade e outro alcançava uma c'rôa. — Alguns historiadores acceitam porém os factos pela consequencia, sem que analysem-os perante a critica e circumstancias.

As duas revoluções ultimas confirmavam os excessos da metropole e do governo, que em 1817 espiritos exaltados, patrioticos e prematuramente arrastados procuraram suster.

A revolução de Pernambuco, que transviara-se, era patrocinada por todos, era o primeiro grito do Ipyranga, como diz o sr. A. P. Pinto.

E ella ha de ser sempre acceita na historia como um desafogo patriotico, como uma tentativa de liberdade mallograda; e historiadores mesmo como o sr. Varnhagen, para cujo «animo o assumpto é «tão pouco sympathico que se lhe fôra permittido «lançaria um veo sobre ella» hão de contrafazendo-se, dar-lhe um logar em seus livros, embora «não adulem os annaes pernambucanos» e ainda «que seja para procurar destruir esse mytho he«roico de provincialismo», condemnado por Gerva«sio e outros, e com a qual o Brasil nada perde, «deixando de catalogar em seus annaes.» [29]

Servirá tambem as cruas tyrannias que se exer-

[29] V. Hist. do Bras. Vol. II. Secção LIV.

ceram contra os complicados, de um stygma eterno para o governo que as applicou, e que apesar de tudo, esquecidas dos historiadores não o serão nunca dos homens que recebem as tradicções de seus paes.

Succedia ao governo de Luiz do Rego, a Junta Provisoria: as intrigas de alguns e a ambição de outros.

Gervasio Pires, typo que ainda a historia não definiu, era o homem necessario, pelo menos assim se julgava; as contendas que se davam entre o povo e a tropa, a posição difficil do governador das armas, José Maria de Moura ante a odiosidade que se lhe votava, acabava pela sua retirada para o Pará, sendo substituido por José Corrêa de Mello.

A politica que a Junta seguia era dubia, creando difficuldades contra os estrangeiros, e sem ter annuido ao decreto do Rio, que convocava os procuradores, pairava entre o Rio e Portugal.

Uma quasi anarchia que reinava na provincia eram só devidas a Gervasio, o homem que mais havia alcançado com a revolução e que a tinha de renegar.

Impellido a força pelo povo e Camara, Gervasio prestava o juramento de adhesão a causa do Bra-

sil, e Pernambuco era o que lavrava o documento mais completo da independencia, não só reconhecia o principe como regente, porém ainda mais como chefe do poder executivo, a 2 de julho.

A maneira contraria porque Gervasio se houve n'esta sessão, accusando depois em cartas ás côrtes os promotores da sua forçada adhesão, prova contra o seu caracter de patriota.

Entretanto o seu predominio, a sua influencia sobre os outros membros em todos os negocios, havia feito lavrar um descontentamento que fazia nascer a sedição militar que o depoz do governo [30], sedição que felizmente não teve serias consequencias por terem os membros do *Club* que o sustentava sido perseguidos e impossibilitados assim de uma contra-insurreição pela qual se pretendia reintegrar o presidente e toda a Junta no governo.

Em virtude d'essa adhesão da provincia á côrte do Rio, o brigadeiro José Corrêa de Mello demittia-se do governo e regressava a Portugal.

Gervasio preso na Bahia e remettido para Lisboa era solto pelas côrtes pela maneira porque se havia comportado para com a metropole, e despei-

[30] O sr. Mello Moraes.—No Brasil—Reino e Imperio, V. I, pag. 347 e 354 trata com fidelidade os acontecimentos.

tado condemnava a revolução no seu folheto de defêsa que ahi publicou.

A sedicção militar que havia deposto a transacta Junta renovava-se, prendia o governador das armas Joaquim José de Almeida, que era remettido para o Rio, depunha os Presidente e Secretario da nova Junta e acclamava em logar d'aquelle o capitão Pedro da Silva Pedroso, e creava no espirito publico um estado de licença. As livres e perigosas doutrinas da *Sentinella da Liberdade* na *Guarita de* Pernambuco, e do *Escudo da Liberdade*, dos deputados da Bahia em Pernambuco então, mais alimentavam esse estado de espirito desenvolto tornando difficil a tarefa de governar.

A lucta que a Junta abria logo com Pedroso por causa de conflictos de auctoridade, a enfraquecia. Pedroso, patriota dedicado, que rompera com Gervasio pela declaração de união ao Rio, ameaçava a Junta e fazia-a fugir para o Cabo, a qual o depunha e o considerava inimigo da patria; e si não fôra o patriotismo de Pedroso, que senhor da cidade cedera ás instancias da Camara do Recife e dos negociadores, demittindo-se de governador das Armas e sendo remettido para o Rio, de certo que de novo uma outra sedicção militar iria fazer correr o sangue na provincia.

O enfraquecimento moral da Junta era extremo, a deposição de dois de seus membros a requerimento da camara de Olinda e tropa, o abandonno por parte de Francisco Barreto, e as difficuldades da epocha levavam a provincia a scenas sensiveis até que a prisão dos deputados Barata e Mendes Vianna, arrastaram-a a queda; não só pelo movimento que se levantou contra si, como pela parte que Goyanna assumia, ainda mais incitados os animos por Manoel de Carvalho, o qual, como deputado a denunciava e pedia ás camaras que obstassem aos excessos do governo.

Ante attitude tão pronunciada e julgando-se insustentavel o proprio presidente Gomes dos Santos, reunidas as camaras, entregou-lhe o governo as quaes por eleição de conformidade com o novo decreto de outubro, sem porém ter attribuições, elegia para presidente da provincia Manoel de Carvalho Paes de Andrade, secretario José da Natividade Saldanha, e governador das armas por acclamação José de Barros Falcão.

———

A provincia marchava para outra revolução, animos por annos acostumados aos movimentos, de novo iam levantar o grito de desobediencia ao governo.

Eleito o governo que tinha de administrar a provincia ate que fosse nomeado o presidente de conformidade com o decreto de 20 de outubro, foram escolhidos para os primeiros cargos, Manoel de Carvalho Paes de Andrade, José da Natividade Saldanha, José de Barros Falcão e outros para conselheiros, cargos nos quaes eram confirmados pela eleição de 8 de janeiro de 1824.

O imperador fazia recahir a escolha no morgado do Cabo, Francisco Paes Barreto depois marquez do Recife. para presidente.

O desprestigio em que havia o Morgado cahido na opinião publica, como membro da ultima junta da qual se retirára, fazia ser mal recebida tal noticia.

Congregados por tres vezes os eleitores acabaram por dirigir uma representação ao Imperador, pedindo a confirmação da sua escolha e regeitando o morgado como homem incapaz de occupar tão elevado cargo.

A dissolução da assembléa constituinte por decreto de 12 de novembro era mal recebida na provincia, e o manifesto de D. Pedro não tinha podido fazer calar as causas que allegára; o apparato bellico com que se tinha dado esse facto, a prisão de diversos deputados ao sahir da assembléa e a

sua deportação, as alegrias do partido estrangeiro, tudo tinha repercutido muito profundamente em Pernambuco.

O norte tinha que os deputados bem haviam cumprido o seu dever, e julgavam que não deviam cumprir a parte do decreto que mandava eleger novos deputados para uma assembléa a convocar-se.

As camaras representaram portanto que deixavam de eleger novos deputados por considerarem os da assembléa constituinte com poderes para a commissão que ainda se não havia ultimado.

Tendo recebido a nomeação, Paes Barreto levou ao conhecimento da camara de Olinda que declarou nada resolver em vista da representação dirigida ao imperador; entretanto negava-se Carvalho por sua parte a empossal-o, de conformidade com o grande conselho. A deffeção de Lamenha e Seara em favor do morgado arrastaram alguma tropa comsigo e o presidente Manoel de Carvalho era preso por esses officiaes no Brum, mas horas depois era solto pela mesma tropa da fortalesa, que se declarava em seu favor.

Entretanto chegára a esquadrilha ao commando de Taylor para sustentar o decreto imperial, mas reunido terceira vez o conselho deliberou-se ainda

contemporisar com Taylor até solução do imperador á representação.

Convencido este do caminho que tomavam os negocios estabeleceu o bloqueio.

Emquanto o morgado com os seus partidarios retirava-se para a Barra Grande, Manoel de Carvalho preparava as coisas para a revolução e bloqueiava-os com os brigues *Constituição e Morte* e *Maria da Gloria.*

O imperador afim de evitar maiores embaraços procurou conciliar os animos, attendendo a recusa feita pelos eleitores do morgado, e escolhendo José Carlos Marink, homem intelligente, antigo secretario de Montenegro e Luiz do Rego, e causa principal do rompimento d'este com o presidente da alçada.

Não era porém este de animo para occasiões difficeis, e depois de uma correspondencia indecisa acabou por desistir da nomeação imperial.

A noticia de uma esquadra partida do Tejo para o Brasil e a falta de forças para garantir o littoral, fizeram o imperador dirigir-se ás provincias para que estas lançassem mão dos meios de que podessem dispor para guardarem-se e defenderem-se de qualquer tentativa de invasão. Foi este o facto que se deu como causa da revolução, e Manoel de Carva-

lho não só dirigiu-se ao povo como ás outras provincias, tornando bem patente a traição do imperador que assim abandonnava o paiz ao estrangeiro, não lhe dando forças e mandando que elle se defendesse por si.

Em tão tristes circumstancias mais dolorosa resoara tal noticia na côrte.

Para se debellar esta revolução que estabelecia uma republica com o nome de *Confederação do Equador*, aprestaram-se todos os meios de que se podia dispor. Lord Cockrane era investido do commando da esquadra, o brigadeiro Lima e Silva do commando das forças operadoras; e todas as garantias eram suspensas para as provincias revolucionadas.

As operações começaram em agosto: não tendo podido Cockrane alcançar por ameaças de destruição, a rendição da cidade, emquanto as forças terrestres de Alagoas seguiam a incorporar-se á partida do morgado, para marcharem sobre a capital, tentou os meios conciliatorios que foram despresados; chegando Manoel de Carvalho a offerecer a quantia de quatrocentos contos (dos cofres) para se declarar pela revolução, o que foi peremptoriamente recusado.[31]

[31] John Armitage, *Hist. do Bras.*, pag. 117.

Começado o bombardeamento sobre a cidade d'onde se retiraram as familias, viu-se obrigado lord Cockrane a levantar o bloqueio por força maior continuando ella em poder dos republicanos.

A juncção das forças de Lima e Silva com as do morgado depois de diversos recontros e vivo fogo com os *Carvalhistas* e auxiliados pela divisão Jewett que cortou as communicações das tropas *Carvalhistas* habilitaram-o a dar assalto á cidade. Não podendo assim Manoel de Carvalho reunir-se a sua gente viu-se obrigado, pelo fogo activo que se fazia na praia, a não desembarcar em terra, seguindo para bordo da corveta ingleza *Tweed*, donde mandou apresentar proposições de capitulação em favor dos compromettidos, proposições regeitadas pelas forças imperiaes já vencedoras.

Depois de cinco mezes tremulava de novo a bandeira imperial nos topes d'onde havia descido, para dar logar a da Confederação do Equador, que tão breve desapparecia.

Entretanto o general Lima e Silva tratava com emissarios da camara de Olinda a capitulação para a cidade, sem mais effusão de sangue.

Vencida a revolução em Pernambuco, nas outras provincias do norte, sempre suas irmãs nas horas difficeis, acostumadas a acompanharem-o em todos

os seus movimentos de liberdade e em todos os seus soffrimentos e martyrios, desapparecia tambem a revolução enfraquecida e exangue.

Entregue a cidade, empossado o general, começou a funccionar a commissão militar de que era elle presidente.

Feitas as prisões e escolhidos os considerados chefes ia lavrar-se sentenças de sangue.

As reclamações do general ao consul inglez para a entrega de Manoel de Carvalho tinham sido baldadas.

Fugia a triste sorte que esperava a outros, os principaes auctores d'essa revolução nas pessoas de seu presidente, do secretario J. N. Saldanha, do governador das armas José de Barros Falcão, que evitavam a pena que lhes tinha de caber.

A Commissão Militar compunha-se do general Lima, presidente, juiz relator Thomaz Xavier Garcia de Almeida; conde de Escaragnole, interrogante, e vogaes os coroneis Salvador Maciel, Vicente Souto, e Leitão Bandeira.

Lavraram-se as primeiras sentenças de morte. O triste quadro do triumpho sempre tinham de formar os seus claros em sangue.

Repetia-se scenas de dôr e angustia na provincia; porém sem o apparato triste, lugubre, cruel e barbaro de 1817.

Eram condemnados á morte o distincto fr. Joaquim do Amor Divino Caneca [32], Lazaro de Souza Fontes, Francisco Antonio Macario de Moraes, Antonio do Monte Oliveira, Agostinho Beserra Cavalcante, Nicolau Martins Pereira e James Rodgers.

A condemnação do carmelita Caneca assombrou a todos; elle que havia-se negado absolutamente a fugir da prisão, como por diversas vezes se lhe offerecera, mal esperava tão pesado castigo.

Fôra tal o sentimento, que o Cabido, de cruz alçada, as communidades religiosas e innumero povo que se associára a tão triste noticia, dirigiram-se a pedir a suspensão da sentença emquanto impetravam do imperador o perdão; mas foi-lhe recusado esse deferimento.

No dia 13 de janeiro de 1825, nas Cinco Pontas, dava-se o espectaculo mais triste e doloroso: um frade era exautorado de suas ordens, e ia-se cumprir n'elle a sentença de morte.

Tres negros carrascos negaram-se ao triste officio n'este dia, e apesar de castigados, persistiram em não cumprir esse dever da justiça.

[32] Encontramos na secretaria da presidencia de Pernambuco o processo de Caneca e Ag. Bezerra, cuja existencia se ignorava. Já é uma copia tirada em 1847. Não vimos o original que entretanto deve existir no Archivo.

O proprio Caneca, revestido de toda a coragem, lembrou que não era só no patibulo que se morria, que os fuzis tambem matavam, e que não se inflingisse castigos a homens por se recusarem a assassinal-o respeitando n'elle um sacerdote [33].

Morria como verdadeiro heroe, e ainda no oratorio offerecia os seus descendentes á patria na poesia que dedicava a Marilia.

Seguiam após estas as outras execuções, de Souza Fontes a 20 de janeiro, de Macario de Moraes a 13 de fevereiro, do major Agostinho Bezerra a 19 de março, Monte, Martins Pereira e Rodgers, a 12 de abril, e Fragoso a 19 de maio [34].

A Commissão Militar entretanto mostrou-se tocada dos destroços de sangue que ia causando a revolução, e o seu presidente implorou o perdão de cinco, sob os mais justos fundamentos, assim como o de Lucas de Souza Rangel.

E não só foi approvado o seu acto quanto a recusa da suspensão da execução de fr. Caneca «pois «por nenhum pretexto se deve suspender a execu-«ção das sentenças da sobredita Commissão Mili-«tar», como ainda se lhe negou o perdão impetrado

[33] Ficou entre o povo uma tradicção maravilhosa sobre a morte de fr. Caneca.

[34] Vid. A. J. Mello, Biogr. vol. I, pg. 229, e vol. II, pg. 277.

para Agostinho Beserra, Martins Pereira, Rodge- Monte, Macario, ordenando-se a prompta exe-ção das mesmas sentenças; e apesar das ponderações do general para que se extinguisse a Commissão, passando a serem os réos julgados pelos tribunaes competentes, mandou-se que esta continuasse a funccionar, para com «indispensavel e exemplar castigo» affastar aquelles de perversas doutrinas e opiniões.

Não só os sentimentos do brigadeiro tendiam para a paz e o perdão á vista dos males da provincia, como por influencia de um amigo intimo que perante elle justificava a conducta de muitos compromettidos [35].

Em quanto essas scenas desoladoras se passavam no Recife, outras se passavam no Ceará e Rio de Janeiro alli morriam o padre Gonçalo Loyola, coronel João de Andrade Pessoa, Luiz Ignacio, Francisco Pereira Ibiapina e Feliciano José da Silva, fóra outros cujas penas eram commutadas em degredo perpetuo; e aqui morriam heroicamente Guilherme Rattcliff, Joaquim da Silva Loureiro e João Mettrowich, em virtude de uma sentença barbara de desembargadores fracos que cediam ante a jus-

[35] O sr. Francisco Antonio de Oliveira, muito conhecido na provincia, e que privava muito com o general.



tiça para satisfazer á vontade do governo. Sentença que, pelos seus longos fundamentos e perante a defesa, era a prova mais evidente da fraquesa da accusação.

Mas os remorsos acompanharam os signatarios d'esse triste documento da pusilanimidade.

Os que não tinham morrido no cadafalso, por terem fugido, eram condemnados á morte; affixavam-se editaes para que qualquer pessoa «livremente os podesse matar».

Expatriados, de privações em privações, longe da familia e da patria, e sem recursos expiavam o acto de suas idéas generosas.

Entre tantos figurava o nome de José da Natividade Saldanha, cuja intelligencia, patriotismo e dedicação muito tinha concorrido para que Manoel de Carvalho se sustentasse no seu posto de presidente da ephemera republica.

III

José da Natividade Saldanha, nasceu em 1796, a 8 de setembro.

Abria os olhos ao fechar do seculo XVIII, ainda sob o estampido medonho da revolução franceza,

que derrocando uma sociedade velha, lançava pelo mundo germens que successivamente tinham de fazer apparecer os direitos do homem.

Era sob essas auras que tão longe sopravam que o infeliz poeta da patria, acalentava-se.

Sem um nome, sem uma familia, e sem, nem ao menos, a côr, Saldanha vinha ao mundo.

O nome de seu pae não o declinaria, era filho de um sacerdote, vigario em Serinhaem; mãe, era uma mulher mulata, e outros dizem, creoula ou preta; nascia malfadado para a sociedade.

Nascia em um tempo em que a patria, rica, esplendida e magnificente era apertada nos laços de ferro dos interesses da metropole.

D. Thomaz de Menezes sob cujo governo vinha elle ao mundo, e um d'aquelles governadores a quem muito deve a provincia por sua bondade, e o que, mais que nenhum, legou-lhe beneficios.

Saldanha, mulato, como elle se chama, nada tendo a seu favor, e só contra si, a sua procedencia, que n'aquelles tempos era muito reparada, tinha entretanto de representar um papel assaz importante em sua provincia, que se orgulha de lhe haver dado o berço e embalado-o com os poderosos principios de patriotismo republicano.

Na idade que devia decidir-se por uma carreira

ıcipiára os estudos que tinham de formar um erdote.

No seminario de Olinda, onde então se recebia ıstrucção secundaria, revelou Saldanha o seu ·ecimento, no curso de humanidades; mas cede ; de seguir os estudos de direito que tinha de ızel-os em Coimbra.

Elle mesmo diz os seus primeiros annos como passaram, soneto XXXVIII

Em setembro nasci, no mesmo dia
Em que nasceu do Eterno a filha pura;
Soube aos cinco fazer qualquer leitura,
E aos dez annos a musica aprendia.

Aos doze uma rabeca eu já tangia,
E mil versos compunha com doçura;
Aos quinze do latim tomei tintura,
E aos dezoito estudei philosophia.

Estudei com prazer Quintiliano
Em desenho empreguei a mocidade,
Quiz da sã theologia entrar no arcano.

Eis, ó Rego, eis em que posteridade,
Já tem gasto o Saldanha de anno em anno,
Vinte e dois, que hoje tem de idade.

ıe certo é, devido ao pae o caminho que tomou Portugal, pois que nenhum recurso tinha a fa-

milia materna do poeta, assim como acreditamos que o desejo que teve Saldanha de entregar-se á vida sacerdotal, foi-lhe desviado por conselhos igualmente de seu pae que desejou aproveitar o seu talento.

Mas Saldanha si como estudante de humanidades tanto brilhára, a ponto de fazer vencer sacrificios a seu pae para o fazer educar em uma carreira litteraria na metropole, muito mais tinha de revelar-se em Coimbra.

Matriculado em 1819 no primeiro anno de direito civil e canonico, era elle e outro, os unicos que ali tinham os premios do anno pelo seu talento e applicação. Era-lhe conferido o grau de *accessit*, que era convertido em dinheiro por elle assim o preferir.

No segundo anno sempre o mesmo, não obtinha premio, porém nenhum outro estudante tinha essa gloria; no terceiro anno de seu curso, talvez cioso de vêr passar um anno sem distincção, applicava-se de maneira a ser-lhe conferido o premio de *accessit* (outra vez revertido em dinheiro) e que tambem era dado ao mesmo companheiro do primeiro anno; e ainda eram os dois unicos premiados [36]. No quarto anno Saldanha fazia o seu acto,

[36] Consta dos Livros dos Actos dos respectivos annos, da

sendo o presidente da mesa o dr. José Pinto Fontes, e era approvado *nemine discrepante* a 2 de julho de 1823 e recebia a carta de bacharel *in utroque jure* [37].

Saldanha que passara com toda a economia os seus tempos em Coimbra, que tinha acceitado que os premios de *accessit* fossem convertidos em dinheiro, quarenta mil réis cada um, como lhe permittia os estatutos da Universidade, pois era pobre; passara as horas de desenfado a visitar os logares saudosos de Coimbra e a inspirar-se em suas recordações, na quinta das Lagrimas, Lapa, dos Esteios e Penedo da Saudade, quando não cantava a patria e os amigos.

No seu terceiro anno em 1822, colleccionava suas poesias e dava-as ao prélo, sob o titulo de «Poemas offerecidos aos amigos amantes do Brazil».

Si se havia imposto como grande estudante de direito, não menos celebre se havia tornado como ameno poeta.

Universidade de Coimbra, dos quaes extrahimos estes apontamentos, em nossa viagem.

[37] Na Universidade de Coimbra se confere no 4.º anno de direito o titulo de Bacharel; no 5.º o de Bacharel formado; e depois o de Doutor si o Bacharel defende theses.

Em nossas faculdades só ha os dois ultimos, não se fazendo distincção do Bacharel e Bacharel formado.

De posse da carta, ia Saldanha mitigar a saudade dos amigos e da patria, e mal sabia elle que tinha apenas de visital-a, pois que não ella, mas os homens tinham de foragil-o d'aquella pela qual

Mil versos compunha com doçura.

Chegado a sua provincia, era bem recebido; poucos e mui poucos tinham a fortuna de seguir uma carreira superior a não ser a sacerdotal; o fôro resentia-se da falta de advogados, e um moço tão conhecido pelo seu talento não podia deixar de encontrar acceitação.

Apenas chegado, exercera o logar de auditor de guerra que a custo acceitara; em breve porém deixava esse logar para abrir escriptorio de advogado.

N'essa honrosa profissão, separando-se dos interesses mal julgados, da chicana e obrando limpamente, adquiria larga clientela.

Após a revolução de 1817, o governo de compressão que teria a capitania acabara-se em 1821 pela convenção de Beberibe.— O governo que lhe succedia, as juntas até 1823, era um governo de oscillações.

Um certo grau de liberdade chegado até á licença, predominava no povo.

Expandido o seu genio após um governo militar, os homens da administração fracos para conter os odios e excessos do povo, sustentavam uma posição toda filha da vontade do mesmo povo; porque a menor sedição, o menor pronunciamento levantava logo um grande partido.

As idéas prégadas na *Sentinella*, de Cypriano Barata; e no *Escudo*, de Mendes Vianna, idéas subversivas, mais contribuiam para animar as inclinações de uma população desenfreiada.

Ao tempo da oppressão succedia o da licença.

Era em tal occasião que Saldanha voltava á patria, onde o seu genio ultra-republicano, achava largo campo, e onde suas idéas mais se acalentavam. Era uma occasião que levantando-lhe os seus sentimentos de liberdade o tinham de comprometter até ao ponto de, ou morrer, ou expatriar-se.

A sedição que se levantára, e que trouxera como consequencia a prisão dos redactores da *Sentinella* e do *Escudo*, era a morte da junta.

Este acto obrigava-a a demittir-se ante a camara de Olinda, e então formava-se a 13 de dezembro o novo governo.

As idéas de liberdade que professava J. N. Saldanha, eram das mais avançadas, o seu patriotismo conhecido em todas as occasiões, tinha-lhe dado

summa importancia, e tendo de se proceder a eleição pela queda da junta em 13 de dezembro de 1823 era eleito elle secretario por 50 votos, cargo assaz honroso e que elle desempenharia com intelligencia inexcedivel.

Investido d'esse cargo e servindo com Manoel de Carvalho Paes de Andrade, presidente do governo, pelas suas idéas e por seu talento mais se fez necessario em quadra tão difficil como aquella pela qual passava a provincia.

Aberta a luta com a côrte e proclamada a — Confederação do Equador — era Saldanha não só ouvido de Manoel de Carvalho, como nos conselhos mostrava-se sempre exaltado patriota pugnando pela independencia da provincia, e redigindo as proclamações assignadas pelo presidente.

Debellada a revolução, emquanto uns entravam para os carceres, outros tomavam o caminho do desterro; e entre estes ia Saldanha, que podia assim salvar a cabeça do patibulo.

Escapo ás pesquizas da força dirigiu-se para a Inglaterra onde se achava Manoel de Carvalho. Hospedado pouco tempo em sua companhia foi persuadido a transportar-se para a França.

N'essa nova residencia achava-se elle entregue as tristes doçuras de viver com patricios, longe da

patria, e sem recursos, quando foi acordado d'essa satisfação pela policia francesa que lhe intimou a retirada da França dentro de um certo praso.

Parecia que o destino de Saldanha era o do condemnado; sem meios, encontrou em corações generosos de moços, os auxilios precisos para voltar de novo a Inglaterra.

Deixava um solo onde prendia-se o pensamento e o coração.

De volta a Inglaterra ia encontrar-se com Manoel de Carvalho; mas este talvez, pouco satisfeito de correr com despesas, persuadia o nosso poeta a deixar o solo britannico e transportar-se para os Estados Unidos, para onde dava-lhe cartas de apresentação.

Atravessando o oceano, ia o poeta contemplar a grande republica americana.

Mais uma decepção amarga tinha de juntar aos desenganos da vida.

Elle, pardo, ia encontrar no paiz da liberdade, o mais terrivel preconceito contra a igualdade e fraternidade, a da côr [38].

[38] É sabido o preconceito de côr que ainda hoje existe nos Estados-Unidos. Depois da liberdade da escravidão e dos direitos que os homens de côr adquiriram, mais terrivel se tornou esse prejuizo, chegando a formar-se sociedades para extinguir

Não se lhe concedendo o assento na mesa commum, e sim reservada, onde os seus amigos e patricios tambem expatriados, quizeram fazer-lhe companhia, em um instante de doloroso sentimento fez um soneto que não chegou ao nosso conhecimento.

Quiz logo sair dos Estados Unidos e passou-se ao Mexico e d'ahi a Venezuela, onde fixou sua residencia, esperando o dia em que podesse vêr a patria.

Foi d'ahi que enviou uma carta ao dr. Pedro de Moraes Mayer, assim como a procuração ao seu collega dr. Garcia de Almeida, Juiz que o condemnou á morte, assim como o soneto que acha-se á pag. 44.

Por curiosa a procuração a transcrevemos:

«Pela presente procuração, por mim feita e as-

a raça negra, como a celebre Klus-klus, na qual se achavam filiados sacerdotes, senhoras e a gente mais escolhida da republica. A mortandade de familias inteiras levou a policia a descobrir em 1865 esse elemento de destruição.

Ainda hoje são mal recebidos nos theatros e logares publicos os homens de côr, havendo sempre questões que só a força publica as contem.

Não é só este o vicio de que se resente tão grandioso paiz que admira e assombra o mundo.

Em questão da eleições e de dinheiros publicos muito se falla sem conhecimento.

da; constituo por meu bastante procurador na ncia de Pernambuco ao meu collega dr. Tho- Xavier Garcia de Almeida, para em tudo cum- a pena que for imposta pela commissão mili podendo este morrer enforcado, para o que lhe rgo todos os poderes que por lei me são con- os. Caracas, 3 de agosto de 1825. — *José vidade Saldanha.*»

seu collega Moraes Mayer enviava uma carta rtude da sentença que contra elle havia dado, qual chamava-o de mulato.

esse desafogo lembra-lhe elle que esse — tal o Saldanha — era o mesmo que adquiria pre- quando elle Mayer tinha approvação por em- os, quando o tal mulato recusava o logar de or elle o alcançava por bajulações, etc.

mos que Saldanha fallecera solteiro, embora elle dito na mesma carta a Mayer que era bem acolhido na sociedade de Caracas e que a receber-se com uma senhora; a morte tal- vesse cortado esses laços.

lado de saudades, condemnado á morte como ioso, pela patria que tanto amara, pouco a finou-se Saldanha de doenças que lhe pro- im os excessos de bebidas alcoolicas a que se entregado, e nas quaes procurara entorpe-

cer o sentimento que mais lhe predominava no espirito.

O retracto que precede estas suas obras, mostra quanta vida e mocidade se perderam com a sua morte.

Ao passo que para outros abriria a patria mais tarde suas portas, para elle tinha ella gravada na memoria a triste e pesada sentença de Dante, ás portas do inferno.

Onde jaz Saldanha e quando morreu, ainda brasileiro nenhum se lembrou de indagar.

O que esperar de filhos de Lusos?

IV

Pernambuco é summamente esquecido de suas glorias.

As lettras são aqui tão honradas quanto as armas.

Largo horisonte tem percorrido elle, e seus filhos em todos os tempos tem gloriosamente sustentado seus fóros.

Innumeros nomes passam em olvido.

A tribuna sagrada foi sempre honrada por muitos sacerdotes carmelitanos, franciscanos, benedictinos e de S. Filippe Nery.

Os cursos de humanidade haviam creado a muitos sacerdotes um nome celebre, e ainda os estudos aridos como as mathematicas tinham profundos conhecedores no claustro.

A poesia sacra era tambem cultivada; e d'ella nos restam por ahi muitos canticos que se repetem sem que os seus auctores sejam conhecidos.

Na epoca em que florescia Saldanha não era menos rica de talentos poeticos.

Fr. Joaquim do Amor Divino Caneca, tão distincto escriptor e professor quanto ameno poeta cantava a sua Marilia, e a patria e ainda no oratorio eram os seus ultimos versos por ellas.

Fr. João Baptista da Purificação, franciscano, homem de subido talento, era dulcissimo dedilhador da lyra; muitas poesias suas passam esquecidas de seu nome, e apenas uma Ode publicada no volume de Antonio Joaquim de Abreu é conhecida [39].

Padre João Baptista da Fonseca igualmente dulcissimo poeta, compunha suas obras que modestamente guardadas, eram apenas conhecidas de poucos.

Fr. Miguel do Sacramento Lopes Gama, benedi-

[39] O sr. Padre Lino do Monte-Carmelo, na sua obra *Memoria sobre o clero Pernambucano* transcreve a ode e elogio de Abreu ao franciscano.

ctino, professor de rhetorica, dava-se muito as musas, e no genero ligeiro compunha, como Domingos Caldas, canções que as acompanhava em instrumentos.

Em luctas politicas era levado a compor o seu poema heroi-comico a *Columneida* no qual o Padre Barreto e Marinho eram portogonistas.

Escrevera posteriormente o *Carapuceiro*, jornal critico e joco-serio, por cuja antonomasia ficou conhecido.

Padre José Marinho Falcão Padilha professor no Lyceu, era tambem excellente poeta; para as festas campestres compunha elle poesias; assim como canticos e dramas pastorís para a commemoração do natal e que eram cantados nos presepes, sempre de todos os tempos, com verdadeiro delirio, festejados na provincia e que constituem uma feição particular de seus costumes [40].

Era poeta que escrevia sob as impressões instan-

[40] As festas campestres; as de S. João, Santo Antonio e do Natal e outras tem um cunho particular da provincia, que em nenhuma outra é excedida, temos tido occasião de conversar a este proposito e mais nos confirmamos em nossa opinião; mesmo entre outros povos não temos rival. O quasi delirio popular e ainda mais de toda a população, quer nacional quer estrangeira, — as danças proprias do povo, os *sambas* — tudo é uma feição particular da nossa provincia.

do sentimento, era uma torrente, esgotado
mento calava-se a lyra. Ardente escrevia elle
na heroi-comico intitulado a *Migueleida* em
ta a *Columneida*.

Fr. Lopes Gama o protogonista por sua

ora da morte, porém, rasgou-o Marinho, sem
essem as lettras de lamentar esse facto: —
a a prova de reconciliação com o seu anta-
politico.

ncisco Ferreira Barreto, o Doutorsinho, já
edilhava na lyra sons meigos e suaves, como
s que se respiram em suas poesias—Ameno,
mo no verso de pequeno como de grande
era Barreto o poeta da meditação; sem as
as, os impetos de Marinho, era elle ao con-
poeta da lima e que mais cumpria os pre-
le Horacio.

versos limados e burilados successivas ve-
perdiam nunca a graça da idéa.

provincia imprimiu suas obras.

e João Baptista Cordeiro, um dos martyres
lução de 1817 nos carceres da Bahia, ahi
o seu nome de poeta.

ente cheia de vida e de idéa, era o poeta ar-
improvisador, seus versos bellos e faceis,

tem ao mesmo tempo a expressão e energia do sentimento.

Com a facilidade do improviso jogava aceradamente o epigramma, ora contra os companheiros, ora contra os verdugos.

Sem nunca deixar de poetar, ainda nos acontecimentos de 1824, andava foragido, sem porém, nunca esquecer de memorar em seus sonetos e epigrammas os seus inimigos, não os poupando em tempo algum, nem mesmo o padre Lopes Gama, e outros com os quaes achou-se em lucta.

Depois redactor de diversos jornaes e patriota, escrevia os dramas *Arco Verde* ou a *Gloria dos Taybarés* [41], e morria sem que em tempo algum houvesse deposto o alaúde.

Antonio Joaquim de Mello, [42] companheiro e amigo de Saldanha, tambem era poeta; suas canta-

[41] No prologo d'esse drama dá elle noticia de um poema heroico, de auctor que desconhecia, e que encontrára em seus papeis; é a *Pernambuquiada* cujos versos pelas diversas oitavas transcriptas são de subido merecimento, e que será para sentir-se o não se publicar.

[42] Vid. not. 7; pag. 162.

Saldanha celebrou muito A. J. de Mello e cremos, apesar do que dissemos a nota 27, que a elle se refere na Elegia quando diz:

O Joven Mello, amigo verdadeiro.

buco: Amigo. Eu El-Rey vos envio muito saúdar. Tendo-se celebrado o Acto de minha Acclamação e exaltação ao Throno destes Reynos, e conhecendo pelas vivas demonstraçoens do Meu Povo, da Nobresa, e dos Reprezentantes das Cameras e Corporaçoens, que a elle concorrerão a prestar o juramento de Preito e Homenagem, o Amor e Lealdade que tem á minha Real Pessoa, á Monarchia, e ao Nome Portuguez; querendo demonstrar-lhes quanto me são agradaveis estes fieis sentimentos: Houve por bem por Decreto da datta desta expedido á Mesa do Dezembargo do Paço, que as Devassas a que se estavão procedendo nessa, ou em outras quaesquer terras pelos crimes, que alguns malvados, trazendo de longe o veneno de opinioens destruidoras, e querendo inficionar a Nação Portugueza, que acabo de ver que se acha illesa, commetterão contra o Estado, conspirando-se, e rebellando-se contra elle, cessassem no seu proseguimento, e se houvessem por fechadas e concluidas, para se proceder sem outra demora a julgar os Culpados pelo que por ellas já constasse e segundo as suas culpas merecessem, pois que não permitte a justiça que crimes tão horrorosos fiquem impunidos. Que não se procedesse consequentemente prender ou sequestrar a mais nenhum Réu, ainda

que pelas mesmas Devassas já se lhe tivessem formalisado culpas, excepto tendo sido Cabeças da Rebellião, e os que tivessem sido presos, ou sequestrados depois da datta deste dia, fossem soltos e relaxados os sequestros; pois he Minha Tenção que a Justiça somente prosiga contra aquelles que anterior a elle já se achavão prezos e todos os mais fiquem perdoados, ainda que tenhão commettido Culpa provada, a excepção somente dos referidos excepetuados. O que me Pareceo participar-vos, para que assim o tenhaes entendido. Escripta no Palacio do Rio de Janeiro em 6 de Fevereiro de 1818.—Rey : • : Para Luiz do Rego Barreto.

POESIAS

SONETO

I

A Bartholomeu Dias [1]

as toca o promontorio ousado
ıso Dias o baixel veleiro,
ırio, espesso, denso nevoeiro
bre o dia ao nauta denodado.

na enxarcia Noto desatado;
ar baqueia electrico luzeiro;
ouco trovão, e sobranceiro
Neptuno em serras levantado.

ırge, eis s'ergue espectro pavoroso:
ıso (trôa assim) é tempo; agora
ɔerás de Neptuno ao seio undoso.

... (horrendo abysmo a nau devora:)
punido, ó mortaes, o que vaidoso
ıu primeiro os penetraes da aurora.

SONETO

II

Ao tenente Antonio de Padua Vieira Cavalcanti, estudante do terceiro anno de mathematicas, e fallecido a 4 de julho de 1821

Finalmente, Vieira, illustre amigo,
Morreste ás mãos da phtysica funesta.
O que resta de ti? Sómente resta
Um frio corpo em tacito jazigo.

Dons, em que o céo foi liberal comtigo,
Não te salvaram da secure infesta;
Vibrou seus golpes Átropos molesta,
Soffreste sem delicto atroz castigo.

O que foste, o que és hoje estamos vendo;
E a amisade fiel seus ais te envia
Junto ao sepulchro, em que te vê jazendo.

Descansa em paz na sepultura fria.
Ah! talvez que Saldanha ao mal cedendo *
Breve te faça eterna companhia.

* O auctor estava então enfermo.

SONETO

III

Depois de haver contente protestado
Nunca mais harpejar na branda lyra,
E á divina Camena que me inspira
Haver entregue o plectro auribordado:

Depois de ter o Pindo abandonado
Onde habita o Pastor que o globo gyra,
O sacro enthusiasmo não expira,
Nem o phebêo calor tem moderado.

Um não sei que me impelle com frequencia
Para versos fazer, por mais que forte
Oppôr-lhe intento humana resistencia.

Que farei? Eu não posso obstar a sorte:
Quer que eu seja poeta: paciencia;
Sou poeta e serei até á morte.

SONETO

IV

Marcia! Marcia! ai de mim! está chegado
O momento cruel que eu mais temia;
Sinistro môcho, que a meu lado pía,
Ha longo tempo o tinha annunciado.

Já deixei o surrão e o meu cajado;
Quebrei a doce frauta, em que tangia,
E o rafeiro fiél, que me seguia,
Definhou; definhou tambem meu gado.

Tudo acabou; e a negra desventura
Quer que os laços de amor a ausencia corte;
Que eu deixe, ó Marcia, a tua formosura.

Céos! que fado cruel! que imíga sorte!
Eu desespero, eu morro... ó Parca dura,
Já que Marcia perdi, vem dar-me a morte.

SONETO

V

A D. Ignez de Castro

aixo d'esta pedra inculta e dura
de Pedro a consorte, Ignez formosa;
ım tambem com ella em paz ditosa
ınocencia, a virtude, a formosura.

foi a causa d'essa morte escura
rendo crime, culpa vergonhosa;
delicto foi ser de um rei esposa,
amada e amar com fé tão pura.

ilhas do Mondego o caso infando
ngo tempo chorando memoraram»
nadeixas subtis desentrançando.

[ondego gemeu: os céos troaram;
; Amores dos labios se apartando
luras settas pallidas quebraram

SONETO

VI

Ao mesmo assumpto feito de repente na quinta das Lagrimas em 1820 [2]

A sombra d'este cedro venerando
Momentos mil gosaste encantadores;
Aqui mesmo assentada entre os verdores
Te achou mil vezes Pedro suspirando.

Parece-me, que estou ainda escutando
Teus suspiros, teus ais, e teus clamores;
Parece-me que a Fonte dos Amores [3]
Inda está de queixosa murmurando.

Aqui viveu Ignez!... E reclinada
Á borda d'esta fonte clara e pura,
Foi (que horrivel memoria!) traspassada.

Mortaes! gemei de magoa, e de ternura;
N'esta rara belleza não manchada,
Foi culpa amar, foi crime a formosura.

SONETO

VII

Os teus olhos gentis, encantadores,
Tua loira madeixa delicada,
Tua bocca por Venus invejada,
Onde habitam mil candidos amores:

Os teus braços, prisão dos amadores,
Os teus globos de neve congelada,
Serão tornados breve a cinza!... a nada!...
Aos teus amantes causarão horrores!...

Céos! e hei de eu amar uma bellesa
Que á cinza redusida brevemente
Ha de servir de horror á naturesa!...

Ah! mandae-me uma luz resplandescente,
Que minha alma illumine, e com puresa
Só ame um Deos, que vive eternamente.

SONETO

VIII

Em vão, meu caro amigo, acautellado
Pretendes occultar no teu semblante
A paixão, que te abrasa o peito amante,
A causa d'esse amor, talvez baldado.

Em teus olhos, e peito incendiado,
Flammeja essa paixão omnidomante,
E onde estará occulto um só instante
O filho de Mavorte, o deus alado?

A engraçada, gentil . . . . [4]
Formosa nympha, mais que Venus bella,
É causa d'esse amor, paixão divina.

Deixa, amigo, no amor não ha cautella;
Ama livre a gentil, que te domina,
É teu gosto morrer?... morre por ella.

SONETO

IX

Á aclamação de D. João VI

Empunha, ó rei supremo, um sceptro augusto
De teus claros avós co'o sangue herdado
Cinge o regio diadema não manchado,
Terror do Ganges, e do Hydaspe susto.

O céo, que te proteje, o céo que é justo,
Vestirá de ventura o teu reinado,
Ed'... e...[5] o braço armado
Teu reino escudará do hispano injusto.

Brando recebe o feudo respeitoso,
Que a filha de Agenor, Brazil jocundo,
Que o luso Algarve offrece pressuroso.

Reina, ó copia fiel de João segundo :
Sobe a um throno, que esteia o céo piedoso,
Prospéra, ó novo rei, o novo mundo.

SONETO

X

Á mocidade pernambucana que se alistou no anno de 1817

Filhos da patria, jovens brazileiros,
Que as bandeiras seguís do Marcio nume,
Lembrem-vos Guararapes, e esse cume,
Onde brilharam Dias e Negreiros.

Lembrem-vos esses golpes tão certeiros,
Que ás mais cultas nações deram ciume;
Seu exemplo seguí, seguí seu lume,
Filhos da patria, jovens brazileiros.

Esses, que alvejam campos, niveos ossos
Dando a vida por vós constante e forte,
Inda se presam de chamar-se nossos;

Ao fiel cidadão prospéra a sorte:
Sejam iguaes aos seus feitos os vossos
Imitae vossos paes até na morte.

SONETO

XI

Si no seio da patria carinhosa,
Onde sempre é fagueira a sorte dura,
Inda lembras, e lembras com ternura,
Os meigos dias da união ditosa.

Si entre os doces encantos de que gosa
Teu peito divinal, tua alma pura,
Suspiras por um triste, e sem ventura,
Que vive em solidão cruel, penosa:

Si lamentas com magoa a minha sorte,
Recebe estes meus ais... amante,
Talvez nuncios fieis da minha morte.

E si mais nos não virmos, e eu distante
Soffrer da Parca dura o ferreo córte:
«Amou-me, dize então, morreu constante.»

SONETO

XII

Saudosos versos meus, que desterrado
No tempo em que negreja a noite escura,
Vos cantei sem alinho e sem doçura
Ao vibro do instrumento ao Lethes dado.

Já que vos é propicio o duro fado,
E gosaes dos affagos da ventura
Nas azas do pezar e da amargura
Ide na patria dar saudoso brado.

Saudae os socios meus, por quem suspira
Esta alma, que de angustias opprimida
Ás duras feras compaixão inspira.

Ah! dizei-lhes com voz enternecida,
Que eu afflicto cantando ao som da lyra,
Qual o cysne annuncío o fim da vida.

SONETO

XIII

A um réo de morte [6]

Pallido o rosto, o passo vagaroso,
Atado o collo á estridula corrente,
Caminha o semi-vivo delinquente
Ao patibulo feio e vergonhoso.

A cada passo prova o doloroso
Golpe fatal da foice relusente,
E entre as ancias mortaes, que afflicto sente,
Prevê o instante amargo e luctuoso.

Chega ao logar emfim; ninguem soccorre;
Dos olhos se lhe furta a luz serena,
E nas garras do algoz arqueja e morre.

Ceos! que scena de horror! que infausta scena!
Geme a naturesa, que enluctada corre,
Folga a justiça, que lhe impôz a pena.

SONETO

XIV

Ao mesmo assumpto, não querendo o reo confessar-se

Surdo á voz da rasão e da verdade,
Á dôr negando o natural tributo,
Antolha o réo feroz co'o rosto enxuto
O logar, que intimida a humanidade.

Roma o ensina, Roma o persuade;
Porém não doma o coração corrupto,
Que do sangue da victima polluto
Adóra o crime, présa a feridade.

Deixa, Roma, o perverso delinquente;
Não te canses em vão pois a bellesa
Da virtude feliz não ama e sente.

Deixa, e não te surpre'nda essa duresa:
Não póde amar a lei do Omnipotente,
Quem não amou a lei da naturesa.

SONETO

XV

Feito aos srs. Francisco do Rego Barros, Sebastião do Rego Barros e José Francisco de Paula na retirada do auctor para Coimbra

Caros socios, d'esta alma luz e vida!
Já do porvir no pégo nebuloso
Vislumbra o dia infausto e luctuoso
Em que o céo ordenou minha partida.

Os ternos ais, a triste despedida
O extremo adeos tão triste, que choroso
Na vaga phantasia o fado iroso
Pinta com mão tyranna e desabrída.

Paula! Regos! Amigos! Patria cara!..
Oh! quem antes de dôr, de magoa pura
Primeiro que deixar-vos acabara!

Porém se é tanta a minha desventura,
Juro-vos que apezar da sorte amára
Hei-de amar-vos alem da sepultura.

SONETO

XVI

Aquella que na flor da primavéra
Hontem perpétua ser nos promettia,
Hoje, quando mais bella parecia
Ao golpe succumbiu da Parca fera.

Sua alma, já vingando a azul esphera,
Vae o nume buscar, que veste o dia,
E do corpo, que é terra, a terra fria
Apezar dos amantes se apodera.

Que illusa vives, nescia formosura,
Pensando eternisar-te loucamente
Se Nize bella vês na sepultura!

Não se evade ao cutello um só vivente,
Corta co'o mesmo gume a Parca dura
O misero pastor, o rei potente.

SONETO

XVII

sentida morte de S. M. a Rainha D. Maria I

ıdo filho meu, que n'essa idade
ɔunhas ledo o sceptro lusitano,
hece em mim, que o mundo é vão engano;
é nada o sceptro, é nada a Magestade.

inexoravel Parca á feridade
distingue pastor, nem Soberano;
stra co' o mesmo impulso deshumano
ɔr, constancia, gloria e Potestade.

; e vassallos, servos e senhores
na-se em breve tempo á cinza pura,
vem de pasto a vermes roedores.

a o teu povo: rege-o com ternura;
; são vassallos, reis, e imperadores.
ıes no berço, iguaes na sepultura.

SONETO

XVIII

Noite, noite sombria, cujo manto
Rouba aos olhos mortaes a luz plebéa,
E em cuja escuridão medonha e feia
Magoa inspira do mocho o triste canto.

Tu avessa ao praser, socia do pranto
Que rompe do mortal a fragil têa,
Consola um infeliz, que amor anceia
E a quem magoa é praser, pezar encanto.

Vem, compassiva noite, e com ternura
Recolhe os ais de uma alma, que suspira,
Opprimida de angustia e desventura.

Recebe os ais de um triste, que delira;
De um triste, que embrenhado na espessura
Suspirando saudoso arqueja, expira.

SONETO

XIX

O Amor

É amor, ó mortaes, inda menino,
Inda o lacteo crystal de Venus ama;
Inda mãe ternamente agora chama;
Porém já é cruel, feroz, malino.

É formoso o seu rosto pequenino,
Seus olhos são iguaes á rubra chamma,
Sua vista sómente abrasa, inflamma,
Envenena seu beijo viperino.

É travesso, é astuto, é destemido
É dos Deoses do orbe o mais pequeno,
E d'elles o maior e o mais temido.

Domina o que é celeste, o que é terreno;
É doçura não sendo conhecido,
Conhecido porém letal veneno.

SONETO

XX

O Poeta

De gloria cheio, si de pó tingido,
Alardeia o guerreiro furioso
Que lhe orna a fronte, loiro sanguinoso,
Na campina de Marte conseguido.

Pela chamma de Phebo produsido
Présa o metal o rei ambicioso,
Que recebeu fagueiro e carinhoso
De Adimetto o pastor esclarecido,

Eu alardeio só a branda lyra,
Que nos campos horriveis de Mavorte
Dando vida aos heroes, aos nescios tira.

É dos homens diversa a triste sorte;
O guerreiro perece, o rei expira;
Só o vate se esquiva á lei da morte.

SONETO

XXI

Do Gnidio nume o fogo devorante
Inda não abrasou meu terno peito;
Inda em mim não causou penoso effeito
Do éneo carcaz a setta penetrante.

Não suspiro, não gemo afflicto amante
Não vivo ás leis crueis de amor sujeito;
E vivo a não amar já tão affeito,
Que seu poder não temo omnidomante.

Não me pode mover formosa dama;
Seu rosto divinal jamais ateia,
Jámais accende em mim amante chamma.

De uma paz salutar minha alma é cheia;
Não amou, não deseja, emfim não ama;
Com o douto Venuso se recreia.

SONETO

XXII

A Jesus Christo

Qual de Abrahão o mimoso descendente
O secco lenho aos hombros carregando,
Que á soberba montanha caminhando
Vae ser candida victima innocente:

Assim curvo do lenho ao peso ingente
Em rubro sangue o ser evaporando,
Ao supplicio mais barbaro e nefando
Caminha vagaroso o Omnipotente.

Já das forças virís destituido,
Toca de quando em quando a terra dura
A mão que vibra o raio tripartido.

Oh! poder milagroso da ternura!
Quer padecer um Deos sendo offendido
Para não padecer a creatura.

SONETO

XXIII

Ao Sr. Antonio Joaquim de Mello

quanto sobre o cume omnipotente [7]
bifido Parnaso deleitoso
som da lyra grato e sonoroso
is louvores entôa o Deus lusente:

quanto a diva musa alticadente,
e te inspira um cantar melodioso,
n a rama do loiro precioso
enriquece, te adorna a douta frente:

, em candido cysne transformado,
ranceiro a uma fama transitoria,
norte sobranceiro, ao tempo, ao fado;

u, mimoso cantor das musas gloria,
ampar o teu nome celebrado
s brilhantes altares da memoria.

SONETO

XXIV

Ao mesmo Sr. no dia anniversario da restauração de Pernambuco, 27 de janeiro

Mello sonoro, Mello evidomante,
Cuja mente fecunda Apollo inflamma,
Cuja fronte enriquece, adorna, enrama
De verde loiro c'rôa vicejante.

Hoje que este paiz belligerante
Revive cheio de esplendor e fama
Com os filhos heróes, que o mundo acclama
No templo da memoria flammejante:

Toma a lyra sem par, que o mundo espanta,
E aureas cordas ferindo brandamente
Almos hymnos Dircêos entôa e canta.

Da mente solta a fulgida corrente;
Solta a cadente voz, que a tudo encanta,
Canta o brio e o valor da patria gente.

SONETO

XXV

Ao mesmo Sr.

Desprende, Aonio, a voz que amor inspira,
Desprende a chamma, que te abrasa a mente,
Já que o numen intonso te consente
Harpejar na Venusa, excelsa lyra

Ou tu cantes de amor, que a paz nos tira,
Ou do nume vivaz armipotente,
Tua lyra feliz, teu som cadente
Iguala o do pastor, que o orbe gyra.

Entôa o Carmen, que te coube em sorte *
Não denegues á patria, ao ceo querida,
Teu canto sobranceiro ao ferreo côrte.

Feliz Aonio! Sorte appetecida!
Tu inda has de viver depois da morte,
Eu depois della não terei mais vida.

Allude a uma Ode, que elle se havia obrigado a compôr.

SONETO

XXVI

Céos que silencio triste, que respira
Da feia morte na morada impura!
De Phebo aqui não brilha a formosura,
O dia é noite, a noite horror inspira.

Do fero Achilles não flammeja a ira,
Occulta Mario negra sepultura,
Curiaccio, Annibal é cinza escura,
Não canta Horacio, Ovidio não suspira.

Tudo é silencio, é taciturno tudo;
Platão famoso, esse orador de Athenas,
Eloquencia não tem, jaz frio e mudo.

Terrivel morte, a quanto nos condemnas!
Debaixo do teu sceptro carrancudo
Os gostos são iguaes, iguaes as penas.

SONETO

XXVII

Sr. Francisco do Rego Barros[8] no fim de um anno lectivo

Da sagrada prisão, que nos unia,
Companheiros fieis, rompeu-se o laço:
Quanto o bem do mortal é sempre escaço!
Quanto é fugaz a candida alegria!

Acabou-se a união: a sorte impia
Nos veio separar por longo espaço;
Acabou-se a união: sombrio e baço
Já nasce phebo, já desponta o dia.

Adeos, adeos, amigos; se entretanto
Roubar-me a vida o meu cruel destino,
Á quem não move sonoroso canto,

Saúdai as cinzas do cantor divino;
Sobre a campa vertei saudoso pranto,
E dizei suspirando: «Adeos Josino.»

SONETO

XXVIII

Ao Sr. Miguel Joaquim de Almeida e Castro, optimo orador

Accesos turbilhões, corrente chamma,
Linguagem não vulgar, que o mundo enleia,
Gloria nossa, Miguel, relampagueia,
Nas tuas orações, que exalta a fama.

Quando sóltas a voz, que a tudo inflamma,
Que arrebata, que enleva, e que recreia
Folga o céo, dorme o vento, o mar baqueia,
Abranda-se Plutão, que as trevas ama.

Seus thesoiros em ti os céos entornam;
Do Lacio Tullio, do Pirêo jocundo,
As graças, e o candor teu peito exornão,

Tens, ó grande Miguel, genio fecundo,
Entre os sabios, que a patria, o globo adornão,
Olinda por altar, por templo o mundo.

SONETO

XXIX

os annos de um meu amigo, o sr. Francisco do Rego Barros

Apenas hoje o coche diamantino
Da aurora bella o dia annunciava,
Despido o terreo manto eu adejava
Ao sacro templo do efficaz destino.

Ertilio consultei, mago divino,
Que a sorte dos mortaes patenteava,
Se este dia feliz tambem estava
Preso dos évos ao poder malino.

Tres vezes a cabeça então menêa
E alegre assim me diz: «tão fausto dia,
«Que o céo namora, que o mortal recreia,

«Em rico fuso d'oiro a Parca fia
«E do monstro voraz, que heroe golpêa
«Refolga sobranceiro á foice impia.»

SONETO

XXX

Ao sr. Manuel Ferreira Portugal [10]

Cantor mellifluo, cysne mantuano,
Que nas margens da fria Cabalina
Vibrando o plectro, alçando a voz divina
Fazes lembrar o encantador Elmano;

Genio Venuso, imagem do thebano,
Que ergueu Thebas co'a lyra peregrina,
Que no abysmo, em que impera Proserpina,
Domarás qual Orpheu o deus Summano

Ah! não cantes Josino; em o teu canto
Não sôe o nescio vate, que suspira
Submergido em pezar, desfeito em pranto.

Canta o Gama, Ferreira, ao som da lyra,
Os collegas fieis modula, emquanto
Josino suspirando arqueja, expira.

SONETO

XXXI

Canta o pastor na patria reclinado
Emquanto o gado pasce na espessura;
Suspira á borda já da sepultura,
O misero da patria desterrado.

Um no casal paterno agasalhado
Os mimos gosa da fugaz ventura;
Outro cheio de angustia e de amargura,
É da feia desgraça bafejado.

Aquelle no regaço da alegria,
Sem temer do cutello o duro córte,
Não conhece o pezar nem a agonia.

Este, persegue-o tanto a iniqua sorte,
Que para se alegrar em um só dia,
Que para ser feliz, espera a morte.

SONETO

XXXII

Ao Sr. José Francisco Toledo [11]

Tu que libas gostoso a fonte pura,
Onde se banha o nume esclarecido,
Caro Toledo, cysne appetecido
N'esta saúdosa, rustica espessura:

Pragas em vão troveja, em vão murmura
Contra o teu nome o tempo encanecido,
Pois nas azas da fama ao céo erguido
Vôa ao templo feliz, que sempre dura.

O teu estro de loiros adornado
Sobranceiro do tempo ao duro córte,
Ha de ser no porvir abençoado.

Que destino feliz! que fausta sorte!
Tu serás pelo tempo respeitado;
Eu não hei de existir além da morte.

SONETO

XXXIII

Ao sacro templo de hymeneo guiava
A Marcia bella Jonio carinhoso,
E de niveos jasmins festão mimoso
As frontes de um, e de outro engrinaldava.

Curvo ancião á porta os esperava,
E os condusiu ao nume poderoso,
Que sobre um aureo throno luminoso
Aos amantes fieis as leis ditava.

Na pyra divinal, que em chamma ardia,
Mettendo a mão sem mancha modularam
Faustas preces, que o numen lhes dizia.

Prostrados ao depois a fé juraram;
E em signal de alliança que os unia,
As faces mutuamente se beijaram.

SONETO

XXXIV

Saudoso bosque, rustica espessura,
Que ouvís os meus lamentos dolorosos,
Negros cyprestes, montes escabrosos
Não me negueis amiga sepultura.

Em feia cova, habitação escura,
Onde encontram praser os desditosos,
Meus dias findarão, dias penosos,
Bafejados da baça desventura.

N'este medonho abrigo sepultado,
Tendo por socios môchos carpidores,
Serei com minha morte afortunado.

Sobre a campa se leia: «Aqui, pastores,
«Josino está, pastor desventurado;
«Morreu de ingratidão, morreu de amores.»

SONETO

XXXV

A Parca dos mortaes pavor e susto,
Não me infunde terror, não me intimida;
A gloria préso mais que a propria vida,
Morrer sendo fiel é doce, é justo.

O poder oppressor, poder injusto,
A lusente secure ao céo erguida,
O mar, a terra toda enfurecida
Não me acobarda, não, eu não me assusto.

Sobranceira ao temor, ao fado, á morte
Alma grande, que présa a singelesa,
Vê em paz o revez da iniqua sorte:

E em fogo divinal sómente accesa,
Quando a Parca lhe dá o extremo córte,
Diz com praser — *adeos* — á naturesa.

SONETO

XXXVI

Da estrondosa trombeta o som tremendo,
Que intimida, que atterra a humanidade,
Annuncia o juiso, a eternidade,
Do mundo inteiro o ambito correndo:

Vem do solio estellifero descendo
Nas azas de celeste potestate,
Cheio de eterna gloria e magestade,
O Deos, que está dos céos a terra vendo.

Do vasto Josaphat ao val ingente
De Adão surgindo a prole do jazigo
Se ajunta, se une á voz do Omnipotente.

Surge do averno o perfido inimigo...
Está o inferno aberto... o céo patente...
Silencio,... dize o mais, que eu mais não digo.

SONETO

XXXVII

Eu desci á marmorea sepultura,
Onde Belisa fôra sepultada,
Céos que vi! cinza fria!... terra!... nada!...
Não vi bellesa, graça, formosura.

A fulgurante mão de neve pura,
Que mil vezes por mim fôra beijada,
A rosea face, a boca delicada,
Já encantos não tem, não tem figura.

Eu chorava perdido o bem formoso,
Quando escuto uma voz enternecida,
Que saía do abrigo pavoroso:

«Vê ao que estou, Josino, redusida:
«Eis aqui o meu rosto gracioso,
«Eis o fim dos mortaes depois da vida.»

SONETO

XXXVIII

Ao sr. cadete Sebastião do Rego Barros em 1818

Em Setembro nasci, no mesmo dia,
Em que nasceu do Eterno a filha pura;
Soube aos cinco fazer qualquer leitura,
E aos dez annos a musica aprendia.

Aos doze uma rabeca eu já tangia,
E mil versos compunha com doçura;
Aos quinze do latim tomei tintura,
E aos dezoito estudei philosophia.

Estudei com praser Quintilliano,
Em desenho empreguei a mocidade,
Quiz da sã theologia entrar no arcano.

Eis, ó Rego, eis em que, posteridade,
Já tem gasto o Saldanha d'anno em anno
Vinte e dois annos, que hoje tem de idade.

SONETO

XXXIX

A Primavera

no roxo oriente da existencia
re lyrios renasce a primavera;
mosa qual será, qual é, qual era,
s entes aviventa a extincta essencia.

s arvores a grata efflorescencia
s ternos peitos mil encantos géra
cedro venerando reverbéra
immenso Deos, a immensa omnipotencia.

ve, ó quadra gentil! Eu te saúdo!
ıram-te a vinda as aves com seu canto;
e murmura o rio outr'ora mudo.

lham os prados de mil flores cheios.
eu, quando o praser abrange a tudo,
o entre sustos, vivo entre receios.

SONETO

XL

Paulo e Virginia [12]

Dos numens, dos mortaes, amor, encanto,
Paulo! Virginia! ó par eu vos saúdo!
Amavel naturesa! Eu verto mudo,
Tuas leis adorando, acerbo pranto.

Dias, mimos do céo, do mundo espanto,
Dissipam-se: amor, tu perdes tudo!
Tu déste a morte a Bruto, a Heitor membrudo,
Junto ás margens, que rega o brando Xantho

O céo, o amor uniu vossa ternura;
Fostes no céo de amor pharoes brilhantes,
Hoje sois (ó desgraça) cinza pura.

Crescei, dae sombra, ó palmas vicejantes!
Almas ternas, saudae na sepultura
Duas mães, dois escravos, dois amantes.

SONETO

XLI

A uns annos

Vem, ó môsto tardio, vem depressa
Traser-me essa botelha do alto Doiro;
Trase murta cheirosa, trase loiro,
Pois eu quero enramar esta cabeça.

Vem ligeiro, ó mancebo, não te esqueça
A do velho de Téos * lyra d'oiro.
Bacho! Bacho! Evoé! Que fausto agoiro!
Já novo estro a brilhar em mim começa.

Salvè, ó numen tirsigeropotente!
Vá mais esta botelha: que ventura
Que gosto, ó caro amigo! estás contente?

Ora sus, bebe ao Doiro a ambrosia pura;
Quem ama Litileo pesar não sente,
Nem receia da Parca a foice dura.

* Anacreonte.

SONETO

XLII

MOTE

Nova guerra me faz teu genio brando *.

GLOSA

Junto ás aras do nume, que troveja,
Que o mundo fez brilhar co'um leve aceno,
Inda aqui, Abaillard, suspiro, peno;
Inda Heloisa unir-se a ti deseja.

Travam dentro em meu peito ardua peleja
O amor celestial, o amor terreno;
Ora em pranto banhada amor condemno,
Ora a graça, que amor vencer forceja.

Se com tremula mão ao céo off'reço
Cheiroso incenso, cantos entoando,
Parece extincta a chamma, em que pereço.

Eu me creio feliz... ó céo! mas quando
Minha alma te afigura... Eu te conheço...
«Nova guerra me faz teu genio brando.»

* Mote dado, e glosado de repente n'um oiteiro em Santa Clara (Coimbra).

SONETO

XLIII

Feito no dia de sua fugida de Pernambuco

Segunda vez te deixo, ó patria amada!...
Luctando braço a braço com a desgraça,
Um momento que foge, outro que passa,
Aggrava mais tua sorte amargurada.

Povo inconstante, que assimilha ao nada;
A luz do brilho teu, offusca, embaça;
E a dura sorte só comtigo escaça,
Das mãos te rouba a vingadora espada.

O teu sangue correndo em dura guerra,
Empunhaste o cutello refulgente,
Porém cedeste, baqueaste em terra!

Cifrou em ti de Jove o raio ardente;
E aquelle que amor teu no peito encerra[13],
Vae teus males carpir eternamente.

SONETO

XLIV [14]

Em vão pretendes, monstro sanguinoso,
Sobre mim desfechar teu golpe injusto:
Fui condemnado á morte?... não me assusto;
Não me acobarda teu decreto iroso.

Sim, a patria perdi, fui desditoso,
Mas vivo sob as lei de um povo augusto
E o rei dos orbes poderoso e justo
Não tardará de ouvir meu som queixoso.

Une os escravos, que o Brazil encerra,
Invoca as furias do tremendo Averno,
Desfaz-te mesmo emfim, nada me atterra.

Ha de ser contra ti meu odio eterno,
E hei de emquanto viver, fazer-te guerra,
Na terra, e mar, e céo, no mesmo inferno.

PARTE II

ODES

ODE PINDARICA

ré Vidal de Negreiros, natural de Pernambuco e seu restaurador em 1654

Dos nascidos direi na nossa terra.
CAMÕES, *Lus. cant.* 6.

STROPHE I

mil graças ao céo!) si em largos campos
Não áro, não semeio
ı malhados beserros trigo loiro,
ndo ao vate argivo a lyra d'oiro;
eio nas campinas da memoria
ções credoras de perpetua gloria.

ANTISTROPHE I

edeas toma do cantor do Ismeno,
Musa canora e bella,
vomos ethontes atropéla,
ı a tua carroça luminosa
Ao bipartido cume;
antores do Pindo, que emmudeçam;
teu imperio os astros obedeçam.

EPODO I

E mais ligeiro
Do que o ribeiro,
Que acelerado
Discorre o prado,
Serpenteando,
Vae tu levando
O teu carro á azul esphera
Onde Phebo só impera.

STROPHE II

Fuja o profano vulto inepto e rude
Para ouvir os mysterios,
Que o altiloquo vate patenteia,
Quando alegre bebendo a clara veia
Da encantadora diva cabalina,
Troca a vida mortal pela divina.

ANTISTROPHE II

Oh monte! oh monte ao vulgo inacessivel!
Onde florêa Apollo!
Quem, do ethonte domando o bravo collo,
No teu cume fusila brando canto,
Quem cinge a douta fronte
Póde affoito dispôr da humana sorte,
Dar vida ao sabio, dar ao nescio morte.

EPODO II

Si o grande Homero
De Achilles féro,
Que Heitor procura,
A paixão dura
Não harpejara,
Na lympha amara
D'esse lago celebrado
Jazeria sepultado.

STROPHE III

ɔrvos sopesando invicta lança,
Ó musa, não podemos
:ampo sanguinoso de Mavorte
ılhar de uma vez terror e morte,
mos, fulminando excelsos hymnos,
humanos mortaes fazer divinos.

ANTISTROPHE III

mos dos heroes pernambucanos
A rutilante gloria
emplo sacrosanto da memoria:
deixemos em mudo esquecimento
Tantos varões famosos,
da inveja apezar em toda a idade
egaram seu nome á eternidade.

EPODO III

Assim de Roma
A gloria assoma,
Que do latino
Em som divino
Relampagueia
De graça cheia
Quando fére a doce lyra,
Por quem Orion suspira.

STROPHE IV

Porém, ó musa bella, o carro volta
Aos altos Guararapes
N'elles procura o forte brasileiro
Tigre sedento, lobo carniceiro,
Que dardejando a espada em dura guerra
Faz tremer ao seu nome o mar e a terra

ANTISTROPHE IV

Ante os muros de Troia fumegantes
Pélides furioso
Pela morte do amigo bellicoso
Mais estragos não vibra, nem ruinas:
Nem o aquilão fremente,
Que, o pégo marulhoso revolvendo,
Vae montanhas de espuma ao céo erguendo

EPODO IV

Brava procella
Tudo atropella;
Ao Belga forte
Fulmina a morte:
E o meu Negreiros
Co'os Brasileiros
Augúra cheio de gloria
Em seus brios a victoria.

STROPHE V

Por cem bocas de fogo devorante
Volcão impetuoso,
Vomita o bronze atroador e forte,
Por entre denso fumo a negra morte;
E o nitridor ginete atropelado
Respira fogo em sangue misturado.

ANTISTROPHE V

O vibrado corisco tripartido
Pela dextra divina,
Ou subita estalando occulta mina
Tão rapida não é, nem tão ligeira
Como o nosso Camillo, [16]
Que leva enfurecido ao marcio jogo
Fogo no coração, nos olhos fogo.

EPODO V

Prova, ó tyranno,
Pernambucano
Valor preclaro,
Negreiros caro
Consegue o loiro
De heroes thesoiro,
Conservando a invicta espada
No teu sangue banhada.

STROPHE VI

Será preciso ó musa, que sigamos
O heroe a toda a parte?
Que ao Rio Grande * vamos e á Bahia
Onde calcou Vidal a força impia
Do tyranno hollandez, que ao seu aspeito
Sente o sangue gelar no duro peito?

ANTISTROPHE VI

Descansemos do claro Parahyba
Na margem abundante,
Onde brinca favonio sussurrante;
Brilhe tambem na vasta redondesa
Essa illustre cidade,
Patria feliz do impavido Negreiros
Terror do Belga, amor dos brasileiros.

* Do Norte.

EPODO VI

Porém emtanto
Suspende o canto;
Do teu auriga
Á dextra amiga
Confia o leme;
O cysne teme
e do heroe cantando a gloria
vez lhe manche a memoria.

ODE PINDARICA

Á D. Antonio Filippe Camarão, natural de Pernambuco e seu restaurador em 1654

Fiel á patria, ao principe, aos amigos
Acaba, como vive.
GARÇÃO.

STROPHE I

Dulcisono instrumento
Que de claros heroes levaste o nome
Ao alto firmamento
Quando o cantor do Ismeno
O plectro audaz vibrava;
Eleva agora ao templo da Memoria
Novo heroe que brilhou no céo da gloria.

ANTISTROPHE I

De sacro enthusiasmo arrebatado
Além da humana esphera,
O argivo cysne em metro não ouvido
Celebra o combatente,
Que o bravo corredor domou valente;
Ou nos pythios combates valeroso
O triumpho colheu victorioso.

EPODO I

No pégaso correndo o vasto campo
Dos nobres feitos do brasilio Marte,
Vou colher sem demora
Flores em toda a parte,
E tecer-lhe depois em Dirce bella,
Ao brilhar de meu canto, uma capella.

STROPHE II

D'entre larga espessura
Ouvindo a voz da patria, a quem opprime
A tyrannia dura,
Sáe Viriato forte
Invicto lusitano,
E clamando vingança e liberdade
Resôa a voz na etherea immensidade.

ANTISTROPHE II

Qual da Sicilia o monte pavoroso
Que, chammas vomitando
Entre nuvens de fumo tudo abrasa;
Qual bóreas furibundo,
Que, aberta a porta ao carcere profundo,
Com estampido atroador soando,
Vae as altas montanhas abalando;

EPODO II

Tal Viriato a patria defendendo,
O Quirino soberbo desbarata
E tigre furioso
Fere, atassalha e mata.
O imperio quirinal ao vel-o geme,
De susto cheio o Capitolio treme.

STROPHE III

O Camarão potente
Indio famoso, illustre Brasileiro,
Negro aquilão fremente,
É d'est'arte, que busca
O Batavo em Goianna;
E um dia inteiro em horrida batalha,
Chovendo mortes, o inimigo espalha.

ANTISTROPHE III

Tanto valor não tem, constancia tanta
O grande heroe troiano,
Quando montado no veloz ginete
Pela patria peleja;
Troveja mortes, damnos mil troveja;
Brilha o ferreo pavez auribordado
Açoita as ancas o cocár doirado.

EPODO III

roclo denodado, que atrevido
e os muros troianos apparece,
Cedendo ao braço duro,
Succumbe, desfallece;
bravo heroe, inda apezar dos annos,
cha na frente dos heroes troianos.

STROPHE IV

O Scipião famoso
3elga em Santo Amaro derrotando
Cinge o loiro ditoso.
Seu aspecto annuncia
A fugida ou a morte:
um lado a outro qual peloiro vôa,
a victoria quando o bronze sôa.

ANTISTROPHE IV

is velozes não foram na Sicilia
De Pompeu os triumphos,
e avassallou innumeras cidades
Com deshumano estrago:
m do heroe, que de gloria encheu Carthago,
que, sendo o terror da invicta Roma,
minio, Scipião, Marcello doma.

EPODO IV

Não póde estar em ocio descansado
O heroe, á quem Mavorte inflamma o peito:
Na illustre Parahyba
O hollandez é desfeito;
Cunhaú [17], onde o belga é triplicado,
Vê Camarão, e o belga subjugado.

STROPHE V

Sobre teu alto cume,
Erguido Guararape, altivo monte,
Qual fulgurante lume
Por Jove dardejado
Brilhar tambem o viste;
Quando todo em furor, desfeito em ira,
Vingança e liberdade só respira.

ANTISTROPHE V

Quanto é grato suster da patria cara
A fugitiva gloria!
D'este modo se alcança no futuro
Cubiçoso renome,
Que o tempo estragador jámais consome.
É credora de inveja, é feliz sorte
Pela patria acabar com doce morte.

EPODO V

Agora, musa minha, em Porto Calvo
Colheremos a flôr mais fresca e bella
Que ha de ornar do guerreiro
A brilhante capella:
Escape de uma vez o heroe famoso
Do cego tempo ao ferro sanguinoso.

STROPHE VI

Vibrando a longa espada
Ao lado marcha do brasilio esposo
A nobre esposa amada
No campo dos troianos
Camilla furiosa,
Voando sobre a grimpa da seara,
Mais triumphos á morte não prepara.

ANTISTROPHE VI

Assoberbam o Batavo nefando
O quente sangue espuma;
Qual Belga foge, qual Brasilio fere:
Quem evita o Mavorte
Na espada feminil encontra a morte;
Ambos assim cobertos d'alta gloria
Alcançam do hollandez clara victoria.

EPODO VI

Brasilio Camarão, Indio Mavorte,
Recebe com praser esta capella
Que te consagra o vate;
Com ella adorna a fronte;
E da fama loquaz no excelso templo
Aos futuros heroes dá nobre exemplo.

ODE PINDARICA

**Á Henrique Dias, natural de Pernambuco
e seu restaurador em 1654**

STROPHE I

.o posso, egregio Henrique, em larga copia
lagrimas da aurora offerecer-te;
Nem de marmor lusente
drões eternos contra o tempo erguer-te;
rém ao som do plectro que desfiro,
m aureo canto eternisar-te posso:
Dom de maior valia,
le cem columnas de opulento ophiro. [18]

ANTISTROPHE I

Quando no olympio circo,
o mortal, todo nume, o argivo cysne
Da atropelada boca
vos vibrava audaciosos hymnos,
Quanto a rival Corinna
ivava de escutar-lhe a voz divina!
anto o mesmo ginete, que a victoria
nseguiu ao Senhor, se encheu de gloria!

EPODO I

Nem só de Illion bateu neptunios muros
O indomavel Achilles,
Quando em torno correu do argivo campo,
Largo ribeiro, o sangue de Patroclo:
Nem o velho Nestor, que honrara Pilos
Transpoz sómente á vida o curto espaço.

STROPHE II

Oh mil vezes ditoso, o que da lyra
Tirando sons, milagres de harmonia
Que o Patarêo inspira,
Rouba os heroes do tempo á foice impia!
Ditoso, o que n'um frio esquecimento
Não deixa sepultar a patria gloria!
Assim Camões divino
Ergueu-te, ó Gama, eterno monumento.

ANTISTROPHE II

Assim outr'ora Elpino
Atropelando os évos fugitivos
Da immensa eternidade
As bifores abriu formosas portas.
Quanta d'alli rutila
Brilhante gloria em Azamor e Arzila!
Viste de novo, Adamastor ferrenho,
Sulcar teus mares lusitano lenho.

EPODO II

ıal furor divinal de mim se apossa
Que sacro enthusiasmo
n grossos turbilhões me assalta á mente!
ıde me elevas impeto divino!
ı passado, oh futuro, eu vejo tudo!
ırem-se os penetraes aos meus accentos.

STROPHE III

ınrique! lá me assoma em densa treva
ı fero belga a alta trincheira invicta!
Que clamor, que se eleva!
ıe terror nos cercados, que se excita!
bipene cutello a Parca afia
ı fusilo dos élmos, das espadas;
Trôa o bronze inflammado,
ıe em chuveiros a morte despedia.

ANTISTROPHE III

Como debalde intentas
ılga soberbo te esquivar ao raio!
Como!... já se arremessam
tas escadas ás trincheiras altas;
Já tremula a primeira
ıbre as muralhas portuguez bandeira;
curvas, hollandez, com fado escasso,
altiva fronte do africano ao braço.

EPODO III

Freme na Estancia [19] o bellico Mavorte
Fulminando ruinas,
Lá Dias apparece... ah quão asinha
Foge ao vel-o a batavia atrocidade!
Assim de Heitor fugia o grego imbelle,
Que as muralhas de Troia acommettia.

STROPHE IV

Que confusão, ó musa, que alarido!
O ceo se encobre de negrume horrendo.
Que estrondo nunca ouvido!
Que sangue pela terra vae correndo!
Que é isto!... mas lá sôa... «o belga forte,
«Nas Salinas [20] fugir em vão intenta;
«Henrique os atropéla,
«E á seu lado se espraia negra morte.»

ANTISTROPHE IV

Tal do heroe de Carthago
Fugia á vista a quirinal cohorte:
Quando em Tresbia valente
O consul atrevido derrotara.
Tal foge temeroso
Do açor cruento á garra furibunda
O aerio bando de mimosas pombas;
Tanto do Heitor Brasilio assusta o braço!

EPODO IV

omo lá foge ao vel-o nas Tabocas[20]
O Batavo medroso!
omo sem côr, sem vida espavorido,
e susto cheio no Affogado foge!
omo tresúa navegando os mortos
la feia barca o sordido Charonte!

STROPHE V

uararapes! abaixa o nobre cume,
) illustre Scipião lá vae subindo.
Que nunca visto lume
la fulgurante espada vem saindo!
lelincha o nitridor atropellado
angue e fogo no freio mastigando;
Lá sôa!... lá começa
los peloiros o estrondo repetido.

ANTISTROPHE V

Qual do cavallo vôa,
)ual sem cabeça corpo vae rolando,
Qual decepado braço,
ıda tremendo aperta a quente espada,
Qual sem dono ginete
'isa e repisa galopando o campo...
á dá costas o belga... lá procura
las densas mattas o mesquinho abrigo.

EPODO V

Musa!... porém já basta, descansemos
Um pouco a lyra d'oiro;
E entretanto conheça o mundo todo,
Que entre o remoto povo Brasileiro
Tambem se criam peitos mais que humanos
Que não invejam gregos nem romanos.

ODE PINDARICA

de campo Francisco Rabello, chamado pela pequenez
de seu corpo o Rabellinho,
'al de Pernambuco e seu restaurador em 1654

Dignum laude virum musa vetat mori
HORAT.

STROPHE I

ileiros!... de novo afino a lyra,
E o nume de Patára,
os lisonjeiros vates não inspira,
A minha mente inflamma.
Tecei-me nova c'rôa
as do céo, rasão, ingenuidade,
Pois agora acordando
ra brasileira os sons argivos,
Vou estampar o nome
Rabello immortal na eternidade.

ANTISTROPHE I

Já da apollinea chamma
eso turbilhão me desce ao peito!
ao um tropel de idéas magestosas
A mente me confunde!

Eu vejo, eu não me engano, o delio nume,
Que aos ouvidos me entôa altivos hymnos:
Ó Pindaro! esmorece;
Tu já tens um rival no amor da patria
No canto, que aos heroes dá nome e vida.

EPODO I

Longe de mim o vulgo boquiaberto,
Que não póde escutar os sons cadentes
Que o vate desencerra;
Longe de mim a turma aborrecida,
Que á lyrica não sobe, e que derrama
Versos sem alma, e só no nome versos;
Longe, socios de Mevio, e não de Elpino,
Não de Philinto, Corydon e Alfeno;
Meiga pomba ulullante
Não segue o vôo da ave de Tonante *

STROPHE II

Vem, Aonio, á meu lado ouvir meus hymnos;
Vem aprestar-me a lyra,
Que hoje tem de troar com sons divinos,
Quaes Diniz, que nos guia,
Outr'ora modulára;

* De Jupiter, a aguia.

n comigo cantar, deixa de parte
A arrufadiça Ulina.
devemos á patria a nossa vida,
Demos-lhe a nossa fama,
mos vida aos heroes, que á patria a deram.

ANTISTROPHE II

Ó vós sombras divinas,
nes de Henrique, manes de Negreiros,
campas sacudi, erguei a fronte
Para escutar o cysne,
e roubou vosso nome ás mãos do Lethes
ultae! novo heroe vae hombrear-vos
Sobre as azas da fama.
re parte comvosco nos perigos,
ter comvosco seu quinhão na gloria.

EPODO II

al de Roma o guerreiro, que inda joven,
ulando de Marte a valentia
Venceu Numancia fera,
thago derrotou, deu leis ao mundo,
doce á patria, horrivel ao inimigo:
al Condé, cujo nome portentoso

Faz de Alcides lembrar os nobres feitos,
E que, quando voava ao marcio campo
Levava no seu braço
O augurio não fallivel da victoria;

STROPHE III

Rabello assim desfeito em chamma, em ira,
Á toda parte vôa,
E onde assoma valor, audacia inspira.
Treme de ouvir-lhe o brado
O Belga esmorecido.
Tu, Santo Amaro, o viste, quando inerme
Provocando o inimigo,
Co'a espada trovejou raios de mortes,
E Hercules imitando
Rouba a vida a um Antheo co'os rijos braços

ANTISTROPHE III

Foge o Belga medroso,
Foge á vista do heroe; porém aonde
Póde escapar ao raio? O heroe o segue,
Assoberbando tudo.
Nada lhe embarga os passos, nada o prende
Chammeja, espuma, brame os campos tàla
Desmorona os reductos;

de sangue, e de gloria, e pó coberto
ıtre impios ossos, caros ossos pisa.

EPODO III

ısurépe! já vôa em teu soccorro,
ıs olhos scintillando fogo ardente,
Sedento do inimigo,
heroe a cuja fama é pouco o mundo.
!.,. que horror!.,. entre fumo e alarido
ove o bronze mortifera granada;
usam lanças, a hoste se derrama...
ılta, ó Masurépe! O Belga cede,
Ante o brasilio raio
do é pó, tudo é cinza, tudo é nada.

STROPHE IV

ıvo campo de gloria se offerece
Ao brasileiro tigre:
gismundo a vingar-se lhe apparece.
Ó Belga desgraçado!
Porto Calvo famoso
r tres vezes te viu deixar-lhe o campo,
Quando Rabello forte,
lestra o raio, o terrorismo á frente,
Impavido assomando,
ıdo era pouco a saciar-lhe a furia.

ANTISTROPHE IV

Assim o antigo Persa,
No esquadrão numeroso confiando,
Aos da Grecia guerreiro se apresenta;
Assim Flaminio bravo
Á gloria de Carthago, ao fero Annibal;
Tal em Neméa os bravos sicilianos
Á Pericles se offrecem,
Assim nas margens ferteis do Garona
A aguia soberba foi lançada em terra.

EPODO IV

Taparica infeliz em ti devia
Com a morte c'roar tantas victorias.
Peloiro penetrante,
Rompendo o peito forte foi beber-lhe
As fumantes entranhas inda quentes,
E envolvido em trophéos do seu triumpho
Na campina mavorcia teve a morte.
Porém quando se chega ao ceo da gloria
A existencia é pesada:
Assim Turenne sobre o campo expira.

STROPHE V

Ó patria minha, e d'elle, enxuga o pranto!
Morreu, mas libertou-te,

E de novo revive no meu canto.
Inda hoje a sombra sua
Te cerca a todo o instante,
E co'os olhos em ti assim te brada:
«Exulta, ó Pernambuco,
«Dei a vida por ti; foi doce a morte;
«Não te falta o meu braço,
«Tu genios inda tens, que me assemelham.

ANTISTROPHE V

Ó jovens brasileiros,
Descendentes de heroes heroes, vós mesmos,
Pois a raça de heroes não degenera,
Eis o vosso modelo;
O valor paternal em vós reviva;
A patria que habitaes comprou seu sangue,
Que em vossas veias pulsa;
Imitai-os, porque elles do sepulchro
Vos chamem com praser seus caros filhos.

EPODO V

Assim em Roma o brio dos Horacios
Nos recemnados filhos vegetava;
Assim o egregio sangue

Em Thermopylas dura derramado
Antolhava em seus filhos vingadores:
Tomai d'elles o brio, a força, a manha;
Sêde sempre fieis á patria cara;
Vós sereis brasileiros
Sereis pernambucanos verdadeiros.

ODE

e Rev.mo Sr. Francisco Moniz Tavares [21], deputado ás côrtes de Lisboa e amigo meu

ıo sol, que no plaustro de topasios
es e fechas com teu rosto o dia,
os reinos da maga naturesa
Derramas doce influxo,

ʒu curso acabou. Já no zodiaco
dose socios as moradas viste;
oje, vás outra vez o mesmo sempre,
Recomeçar o teu gyro.

s rapido, que o raio scintillante,
heste alfim tua annual tarefa;
·se um anno comtigo, e já não resta
Esperança de vel-o.

mergido no pelago do tempo,
orvido no váo da eternidade,
la sua existencia a imagem fraca
Resvala da memoria.

Não brilha na estação da meiga flora
Rubro junquilho, pallida violeta, [22]
Senão para murchar, ai! caro amigo,
Talvez antes da noite.

Eu mesmo que hoje escrevo, em poucos annos
Nem as nymphas do placido Mondego,
Nem as *faias* [23] do patrio Beberibe,
Escutarão meu canto.

Nossa vida, Moniz, semelha o anno;
Temos verão, estio, outomno, inverno;
Mas voltam estações, e os nossos dias
Nos fogem para sempre.

Após o inverno vem a primavera,
Vem após esta, abrasador estio,
E vem depois, de fructos coroados
O pomifero outomno.

O primeiro momento da existencia
É o passo primeiro para a morte;
Apparece o seu fim, sem nós sabermos
Si havia começado.

A tudo estende o tempo o seu imperio;
E assim como acabou Cambyses, Xerxes,
Babylonia acabou, e hoje Palmyra
É montão de ruinas.

A mente me afigura, que te vejo,
Volney, illustre vate! ahi sentado
Palpando os restos da real cidade
E interrogando as sombras.

Constante em suas leis, a naturesa
Nos faz iguaes no berço e sepultura;
E só grandes acções podem lembrar-nos
Na memoria dos homens.

Assim vivem Washington e Franklin;
Assim vives, ó pae da Pensilvania [24]
Cujo nome não póde sem ternura
Ouvir a humanidade.

Eis, meu caro Moniz, os teus modelos;
Segue seus passos, como já tens feito:
Tu tens seu coração, tu tens seu genio...
Terás a mesma sorte.

ODE

Ao Sr. Antonio Bento Pereira Annes Barreiros,
estudante do 3.° anno de direito

Le doux printemps revient et ranime à la fois
Les oiseaux, les zéphyrs, et les fleurs, et ma voi

DEL. LES JARDINS CH. 1.er

Renasce a primavera
E os campos em que outr'ora apparecia
Em lucto a naturesa
De flores se matisam:
Brota o junquilho, a candida açucena,
Surri nas margens bem-me-quer doirado.

II

Que suave perfume
Derrama a violeta, a fresca rosa!
O sentido jacintho
Parece que se esconde
E no calix do lyrio vergonhoso
Brinca favonio, que hibernou 'té'gora.

III

Lança ó quadra risonha,
ıs influxos na terra mal enxuta;
Tudo comtigo vive:
Tudo sem ti perece.
! quando voltas, quando influes benigna,
la campo um jardim, um ceo o mundo.

IV

Quanto chove de encantos,
; a vista prendem, que embriagam a alma!
Os incensos da Arabia,
O cinamomo, o balsamo,
) é tão grato ao Arabe insoffrido
ındo divaga nos sertões, que habita.

V

Desce estação primeira *(a)*
ıce do seio da argentada nuvem, *(b)*
Como desces formosa
Doce manhã do anno *(c)*
əm me dera o pincel de Helvecio Moscho *(d)*
a em roseo painel traçar teu quadro!

VI

Mas que fado inimigo
Esta minha illusão dissipa agora,
Quando o ceo me offerece
A taça das delicias?
Quem me rouba á minha alma a paz interna,
A ventura maior que almeja o mundo? *(e)*

VII

Eu penetro o mysterio;
Falta á minha alma o goso da amisade;
Tudo é gosto com ella,
Tudo sem ella é pena,
Nascem os homens para amar-se todos
E quem não ama, a naturesa offende.

VIII

Gosa amigo, em socego
Os praseres, que espalha a primavera;
E junto ao Vez ou Lima
Que já no leito corre *(f)*
Onde outr'ora gemeu d'Alcido a lyra, *(g)*
Alcido, a gloria d'elle, a gloria nossa,

IX

Ouve as magicas vozes
ı sensivel, queixosa philomela,
Quando Phebe desponta
Por detraz dos oiteiros.
l-a no carro d'ébano estrellado
ıia de gloria Endymião buscando *(h)*

X

Como a lympha apparece
ͻ ferventes estrellas marchetada!
O melro sonoroso
Co'o rouxinol contende;
apenas esta voz perturba agora
silencio, em que dorme a naturesa.

XI

Lá se vae divisando
paçoso castello derrocado
Já de musgo coberto.
Nas remotas idades
ıui, onde hoje vês ameno prado,
ırreu de teus avós o heroico sangue.

XII

Além alveja o campo
E os ossos dos que ha seculos viveram
Erguem montes de neve;
Parece que se escuta
O clamor dos feridos, e o relincho
Do fogoso, belligero ginete.

XIII

Oh tempo! eu reconheço
Teu sello impresso n'estes monumentos, (i)
E eu te vejo em silencio (j)
Sentado entre ruinas,
Demolindo Persepolis, Carthago,
Thebas e Memphis, Tyro e Babylonia.

XIV

Aproveita os instantes:
O tempo, a vida foge, e a morte chega; (l)
A vinda não lhe impede
A fresca mocidade;
Pisa com passo igual, derruba, talha,
Soberbos torreões, pobres choupanas; (m)

XV

Só fugirão á morte
ıos praseres d'antemão gosados: *(n)*
Desfructa a primavera;
E si acaso algum dia
lembrar, que aqui vivo, ah! toma a penna,
ɔram as lettras de um amigo a falta.

XVI

Não de outra sorte Ovidio,
oposto ás estrellas, que Neptuno
Jámais em si banhara *(o)*
Os amigos saudava.
e divina, dadiva celeste,
llas aos olhos, á nossa alma pintas! *(p)*

XVII

Mas si a minha lembrança
citar em tua alma a dor, o pranto,
Esquece-me de todo;
Eis meus unicos votos:
antes quero, que de mim te esqueças,
e sintas um momento o que é saudade.

ODE

Á morte de Napoleão Buonaparte

Ce qu'il eut de mortel s'éclipse à notre vue:
Mais de ses actions le visible flambeau,
Son nom, sa renommée en cent lieux répandue
Triomphent du tombeau.
J. B. Rousseau L. 2. Od. x.

Nações do mundo, parabens! é tempo,
Volte de novo ao rosto a côr perdida:
Reis da França, subi já sem receio
Ao mal seguro throno.

Morreu Napoleão, raio da guerra,
Que calcou dos Bourbons o antigo assento;
Cujo nome inda mais que seus triumphos
Assombrou o universo.

Mil vezes o cingiu de eterno loiro
Em marcia líde prospera victoria;
Iena, Austerlitz, Marengo, inda fumegam,
Rios de sangue correm.

Tudo foi, tudo fez, não sendo nada:
Viu em monte á seus pés c'rôas e sceptros,
E a patria dos Catões, Scipiões, Marcellos
Succumbiu ao seu braço.

Já não vive, seu corpo em breve é cinza:
Mas seu nome, voando além dos tempos,
Inda fará tremer, gelar de susto,
As idades vindoiras.

Exulta, ó Albion! mas, ah! receia
Que o filho d'este heroe, crescendo a idade,
Para vingar seu pae não te reduza
Em pouco tempo á cinzas.

ODE

Á um rouxinol

Que suave, que angelica harmonia
De tremulo raminho
Derramas, philoméla, inda queixosa
Da tua desventura!
Quanto é grato que toda a natureza
Por ouvir-te emmudeça,
E que a terra de flôres se matise!
Não vês como nos choupos
O brando pintasilgo, o doce melro
Suspende a voz sonora,
Para gosar teu canto, que respira
Ternura, amor, saudade?
O mesmo caçador mais deshumano
Não se atreve a offender-te,
E si acaso o pretende, a ouvir teus hymnos,
Rompe as settas e o arco.
Canta, ó doce avesinha, as almas prende,
As almas arrebata;

E si a meiga Tircéa por ouvir-te
Buscar este retiro,
Redobra o teu trinado, o teu gorgeio;
Mas si ella estimulada
De te ouvir, desatar a voz celeste,
A voz encantadora,
Silencio! escuta, aprende, é mais suave
A sua voz que a tua.

ODE

Ao Sr. Manuel Odorico Mendes [24]

Já do gelado norte,
Caro Odorico, o procelloso inverno
Deixa as negras cavernas,
Sacudindo das azas gotejantes
Saltam graniso e gelo.
Tremem de vel-o os alamos frondosos,
E os eccos assustados
Co'o fragor do trovão, emquanto accesa
Electrica faisca
Ára o campo do céo, que a noite enlucta,
Alongam o bramido
De monte á monte nos crestados campos.
Corre turvo o Mondego,
E ao nauta, que demanda incultas praias,
Que malfadou Colombo,
Ora se antolha Uranio, ora se antolham
Os paços de Amphitrite
No immenso leito das ceruleas ondas.
Oh! mil vezes ditoso

sabio, que assentado ao lar, que accende
Co'os poucos seccos mólhos,
e alli juntara de podadas vides,
As frias mãos aquece!
junto a si os rotos, caros filhos
Em derredor sentados,
já lhes pinta da virtude as graças,
Ou lhes afeia o vicio:
fre continua misera penuria;
«Mas sã conserva a mente»
o teme Rhadamantho, nem lhe assusta
O vulto do tyranno.
sim eu vejo Corydon sentado
As lagrimas limpando,
e em rios banham a enrugada face.

ODE

Ao Sr. José Francisco de Paula

Não sei quando o meu fado rigoroso,
Cansado de affligir-me, ha de algum dia
Outorgar-me viver, longe de intrigas,
De ti, meu Paula, ao lado;

Ver unidos dois seres que a desgraça
Desune, a meu pesar, e o céo unira,
Poder cantar teu nome reclinado
Á sombra do ingazeiro;

Gosar o céo do mundo, e venturoso
Ás magoas, aos queixumes dar as costas,
E d'alvos bogarís cingindo a fronte,
Brincarmos, divertirmos.

Embora então o inglez americano
Povôe o mar de assustadoras quilhas,
Quebre as cadeias ao terrivel Corso
Que geme em Santa Helena,

enxuto passo trilhe o russo forte
Vistula, o Danubio: que me importa?
anquillos ambos, para nós o mundo
É um ser methaphysico.

nhores de nós mesmos e de tudo,
is nada desejamos, mais senhores
monarcas que regem o universo,
Não serão mais ditosos.

e facil é sonhar felicidades!
me cria a teu lado; já me cria
m um céo entranhado dentro d'alma,
D'alma, que te ama tanto.

rém mudou-se a scena; e eu só me vejo
las settas da angustia traspassado,
nas 'traz outras, que as mal sãs feridas
Reabrem, reverdecem.

oso Achilles por cantar-te Homero!
mais ditoso ainda porque unido
veste com Patróclo, até que a Parca
O fio lhe rompesse.

Que doçuras gosaste nos dez annos,
Em que, de Agamenon fugindo á vista,
Dormias a seu lado, e a seu lado
Te erguias alto dia!

Quem me dera gosar de igual ventura!
Dera por ella a vida, eu a alma dera,
Dera... porém que nume inexoravel
Me malfadou no berço!

Que presta a vida de um amigo ausente,
De um amigo, que é vida, é alma d'ella?
Céos! ou dai-me este amigo ou dai-me a morte,
Si a morte acaba tudo.

ODE

Ao Sr. Antonio Joaquim de Mello

Outr'ora Aonio, quando o cynthio nume
A septicorde lyra me afinava,
Soltando a voz em não somenos canto,
Dei claro nome á patria.

Do bravo Henrique o não humano esforço,
Á patria prestadío, alcei ao templo,
Onde brilham heroes, que o divo Homero
Cantou com voz sonora.

Do illustre Camarão, do grão Negreiros,
Roubei o nome ao deslembrado Lethes;
A virtude cantei, essa virtude
Que já não tem altares.

Da branca Bogari encantos meigos,
Que Meliso gosou cantei outr'ora *
A quem Jove mudara em flôr mimosa
E em beija-flôr o amante.

Refere-se a methamorphose de Bogari, que vae em outra d'este volume.

Cantei o dia em que rompendo os ferros
Que o barbaro Hollandez lançára á patria,
O brasilio valor cingiu na fronte
O loiro da victoria.

Porém agora que o praser me despe,
Já não atino com as cordas d'oiro;
Das mãos me cahe o desleixado plectro
E a mente se ennoitece.

Qual na floresta o leão já velho
Do orelhudo animal escoiceado
Que ergue a cabeça; porém já não póde
Dar-lhe a farpada garra.

ODE

Aos annos de um amigo

Comeces caro amigo,
m agoiro feliz teus novos annos;
E o céo (si acaso escuta
O meu piedoso rogo)
De gosto os abrilhante.

Escapa a nossa vida;
! Jonio, o tempo foge: após seu carro
Vôam nossos praseres,
E o pallido Charonte
Cedo nos mostra a barca.

D'esta vida os instantes
s braços da amisade os aproveita;
Pois só no seu regaço
Podem da vida os males
Tornar-se um leituario.

ODE

Ao R.mo Sr. Francisco José Tavares da Gama [25]

Non omnia possumus omnes.

Impavido o Quintella, ó caro amigo,
Do liquido elemento o campo sulque;
Confie o maior bem de um tosco lenho
Á descripção dos ventos.

Do ceruleo, voluvel oceano
Em fôfos escarcéos o mar branqueje,
Fremam de um lado e d'outro as negras ondas
Dos euros açoitadas.

Na apinhoada enxarcia o rijo noto
Sílve desenfreado, horrivel brama
O misero baixel conduza e leve
Ás regiões ethereas.

«De horrenda cerração c'roada a noite,»
Vôe o rouco trovão de pólo a pólo;
Inflammada nos ares relampeje
Electrica faisca.

Nada assusta, meu Gama, nada affronta
A constancia do Gama e do Colombo;
E nem d'outros heroes, que em toda a idade
Ao tempo se esquivaram.

Mas de um vate, meu Gama, acostumado
Só do Perméso á placida corrente,
Do gnidio nume ás magicas delicias
Affronta, abate e doma.

Á vista do comicio atheniense
Mostra o grego orador constancia rara,
Foge no campo á vista das phalanges
Do perfido Felipe.

Todos não são Tircêos, Camões, Bernardes,
Que a espada n'uma mão, e n'outra a penna,
Triumphando no campo de Mavorte
Cantavam seu triumpho.

Tanto exaltou a Grecia o divo Homero,
O filho de Pelêo ao céo levando,
Como o grande Alcibiades affoito
Á testa dos combates.

Por diversas veredas se encaminham
Ao templo da Memoria os Genios claros;
Segue Paulo os vestigios de Mavorte
Camões os de Virgilio.

Si em mim não ha valor, não ha constancia
Para em fraco baixel, tosco madeiro,
Domar do oceano as rispidas procellas,
As carrancudas vagas:

Posso adornar de loiro a nivea fronte,
E, ferindo gostoso a branda lyra,
Roubar teu nome illustre, ó caro Gama
Ás mãos do esquecimento.

ODE

Traducção da Ode 3.ª do livro 4.º de Horacio

Aquelle a quem, Melpomene, tu vires
Uma só vez co'os olhos teus benignos,
Não se fará illustre nos combates,
Nos jogos de Corintho.

Nem o veloz ginete em leve carro,
Mais ligeiro, que o mesmo pensamento,
Pelas praças da Achaia venturosa
O levarão triumphante;

Nem de loiro cingido ao Capitolio
Subirá vencedor tendo sugeito
O orgulho ameaçador dos reis soberbos
No campo de Mavorte;

Porém nas margens de sonora fonte
Á sombra fresca de alamos copados,
Fará seu nome aos évos sobranceiro
Nos lyricos poemas.

Senhora do universo a augusta Roma
Entre os lyricos vates me numera:
Já debalde morder-me agora intenta
A desditosa inveja.

Ó musa, que temperas os acordes
Da branda lyra, em que Orion pulsava!
Que podes dar, querendo, aos mudos peixes
A grata voz do cysne!

Tu fazes que os Romanos me decantem
Feliz imitador do argivo cysne;
Si ainda vivo, si agrada a minha lyra
Tudo é dadiva tua.

ODE

Ao Sr. José Francisco Toledo

Toledo caro, o despidor inverno,
Filho da noite, pavoroso chega;
Sacode as azas, calvejar começam
Os altos montes.

Trovão medonho, que as montanhas move,
De quando em quando repentino sôa;
Fendendo os cumes, derrubando as faias,
Fusila o raio.

Transcende o rio as dilatadas margens;
O mocho pía no escondido choupo;
D'altas montanhas sussurrando descem
Largas torrentes.

Balando afflicto o temeroso gado,
Todo se encolhe, se arripia todo;
Geme saúdosa no intrincado bosque
Timida rola.

Fiel Toledo, que estação penosa!
Comigo geme a naturesa em lucto:
Longe da patria dos amigos longe,
Que presta a vida.

N'este sepulchro da existencia triste
Onde me falta até do céo o abrigo,
Sómente espero ter praser um dia
Na sepultura.

ODE

Ao Sr. Manoel Carlos Velloso

Nem sempre dura o carrancudo inverno,
Nem os alpinos montes
Se vêem cobertos do crestante gêlo;
Nem sempre a estação bella
Disparge flores, avigora os entes,
E o pomifero outomno
Mimosos fructos nos arbustos cria;
Nem sempre das eolias
Cavernas, soltos aquilões e nótos
Aos tristes navegantes
Sustos motivam, tempestades causam.
Só tu, caro Velloso,
Has de sempre chorar a infausta morte
De teu pae estimavel,
Teu amigo fiel, que desatado
Da materia corrupta
Além dos astros glorioso vive?
Basta de pranto, amigo,
Para morrer sómente é que se vive,
Que se gosa da vida;
Sem morrer se não vive eternamente.

Tudo o que existe morre;
Havemos todos nós na immunda barca,
Na barca de Charonte,
Sulcar o lago placido e limoso:
Todos nós igualmente
Havemos supportar o golpe duro
Do ensanguentado alfange.
O monarca no throno sublimado,
O pastor na choupana,
Ao mesmo tempo o negro braço corta.
Basta de pranto, amigo;
Alegra-te, Velloso, e com a lyra,
Que te cedeu Apollo,
Eternisa os heroes, que sepultados
No esquecimento jazem.

ODES ANACREONTICAS

I

O gallo de campina

> **Sigo teus vôos**
> **Genio divino,**
> **Cantor da gloria,**
> **Sonoro Elpino.**

Campino gallo
De garbo cheio,
No prado vôa
De amar contente;
Orna-lhe a frente
Vermelha c'rôa

Ave tão bella
Não viu ninguem.

Colar purpureo
Lhe adorna o peito;
Quando elle entôa
Doces amores,
Por entre as flores
A voz resôa.

Ave tão bella
Não viu ninguem.

ODE II

O Chechéo

Chechéo engraçado,
Gentil mangador
Das aves brasileas
O encanto e a flor.
Quem póde igualar-te
Mimoso cantor!

Orpheu sonoroso
Assim não cantava,
Quando a esposa bella
Do Erébro chamava,
E as magoas em cantos
De amor transformava.

Das aves imitas
O vario gorgeio,
No canto suave
De harmonia cheio:
Dos homens, dos numens
És doce recreio.

Adorna teu corpo
Negra-loira côr,
Teu canto respira
Ternura e amor.
Quem póde igualar-te
Mimoso cantor.

ODE III

O ponche de cajú

Do loiro cajú,
Analia, bebamos
O ponche gostoso,
Que aviva o praser;
Mais grato, que a ambrosia,
Que Jove no Olympo
Se apraz de beber.

Oh! como é formoso
O pomo suave
Ao cheiro, ao padar!
Si pomos tão bellos
Atlanta gosára
Os d'oiro deixando,
Nem quizera vel-os.

Triumphe Alexandre
No roxo oriente,
Que Bacho domou:
Deixal-o vencer;
Analia, eu só quero
O ponche agridoce
Comtigo beber.

ODE IV

Nada tenho, nada quero;
Vivo alegre, e satisfeito;
A ambição, Marilia bella,
Jámais entrou no meu peito,
Um poeta não deseja
Ir buscar em cavo lenho,
Afanoso e diligente
As perolas do oriente.

Tenho a lyra encantadora
Do sonoro Anacreonte,
Com ella teu nome canto
Quer no prado, quer no monte;
Em teu seio reclinado
Passo a noite, passo o dia.
Quem tanto póde alcançar
Que mais tem que desejar?

PARTE III

POESIAS DIVERSAS

ELEGIA [26]

Aos seus amigos compromettidos na revolução de 1824

Nymphas, que outr'ora, em dias venturosos,
Me ouvistes celebrar com voz sonora
Dos brasileos heroes feitos famosos:

As tranças desgrenhae, ouvi-me agora
Carpir magoados males que a desgraça
Alçou com mão tyranna e mão traidora.

Tudo no mundo foge, tudo passa,
Ninguem feliz se julgue, ou a ventura
Lhe seja liberal ou seja escassa;

Iturbide subiu á summa altura,
E, do solio brilhante despenhado,
Soffre em triste silencio a sorte escura:

D'Allemanha um monarcha celebrado
Viveu já de ensinar pobres meninos,
Depois que de um throno foi privado:

Tudo é sugeito á força dos destinos;
Nada foge ao que o fado duro ou brando
Tem escripto nos livros sybillinos.

Eu que d'antes vivia em paz gosando
Dos amigos suave companhia,
Sem elles hoje vivo aqui, penando!

Todos roubou-me a sorte n'um só dia,
E, por mais augmentar meus longos males,
Não os póde esquecer a fantasia!

Silva, meu Silva, que um Orestes vales,
Teu nome, ensino submergido em pranto
Aos densos bosques, aos profundos valles:

Ou a noite desdobre o negro manto,
Ou no carro de lucido diamante
Surja o Numen que Delos ama tanto,

Recordando-me estou a cada instante
Dos momentos felizes que passára
Comtigo ao som do rio murmurante.

Quanto não m'era então a vida cara!
Quanto não desejára que um momento
Em seculos eternos se tornára!

CORRECÇÕES ESSENCIAES

linhas	onde se lê	leia-se
13	Essas linhas	Estas linhas
1	trinta annos	vinte e quatro
12	E	É
21	esperava	esperavam
6	salvo	salvos
16	Paulita	Paulista
8	*Nota* — se repetiam	repetia-se
16	praticavam	executavam
1	omnipotente	omnipatente
12	ao Doiro	do Doiro
10	ao padar	ao paladar
	Flora mimosa	Flor mimosa

Da Cavalleria di Ant.
Victoria Rib.
9 - XII - 3
a

)rém tudo fugiu, qual foge o vento,
de quanto passei resta a memoria,
)r que aggrave inda mais o meu tormento.

)ram-se os dias da passada gloria;
)ram-se os dias em que eu julguei (insano!)
ıe era um bem esta vida transitoria.

ctima já de fado deshumano,
ı vivo em densos bosques escondido,
i soffres das prisões horror tyranno.

e que te serve o loiro conseguido
os campos onde os filhos de Ulyssea
seu orgulho viram abatido?

desgraça os malvados não golpêa,
innocencia sómente é que padece:
liz quem nada teme nem receia!

qual de vós, ó Nymphas, não conhece
valente Mendanha, o bom Carneiro,
e lagrimas saudosas nos merece?

joven Mello, amigo verdadeiro,
Rangel infeliz, e tu, Fragozo,
genio marcial, genio guerreiro:

O bravo Casumbá, o valoroso
Agostinho, de Dias descendente,
Carapeba nos feitos tão famoso:

O Caneca erudito e eloquente,
O fiel Wenceslau que não cedia
No brio e no valor á grega gente:

O audaz Tavares que a ninguem temia,
Bazilio sem temor, Ferreira forte,
Que aos mais guerreiros era norte e guia:

Santiago que escapa ao ferreo córte,
O Monte, o Parahiba, o Tiburtino, [27]
E outros em quem poder não tem a morte?

Todos credores de melhor destino,
Ou arrastam agora duros ferros,
Ou vagam pelos bosques de continuo!

Misera sorte! lamentaveis erros!
A flôr da patria, nossa mocidade,
Vive em cadeias, vive nos desterros!

Que males nos opprimem n'esta idade!
Parece contra nós se conjuraram
Do averno o rei, do céo a Divindade...

Os guerreiros que ha pouco s'enramaram
De loiro, prosperando a patria amada,
Os Deuses com seus raios fulminaram.

E onde uma alma haverá desnaturada
Que possa suffocar a dôr comsigo,
Vendo a patria gemer attribulada?

Amigos, que vivestes já comigo,
Recebei minha dôr, meus ais, meu pranto.
Oh! feliz, se abraçar-vos eu consigo!

E vós, que hoje escutaes meu triste canto,
Tomae parte na dôr que me consterna.
E o echo nos escute, e sôe tanto,
Que inda a sua memoria seja eterna.

CANTATAS

I

Ao Natal

A estrella do oriente,
Dos astros flammejantes o luseiro,
Rompe da noite o denegrido manto.
Dos alamos copados
Alticadentes aves.
Cheias de gosto, de alegria cheias,
Sonoros cantos de praser entoam.
Rompem os ares as cadentes vozes,
E ao claro firmamento
Qual fumo sobem de cheiroso incenso.
As pastoras gentis, gentis serranas,
Com mimosos festões de brancas flores
E vermelhas tecidos,
Os arbustos enlaçam, que florescem;
E co'as bellas nereides,
Que adornadas de conchas differentes
Na côr e na bellesa,
Do argento salso a habitação deixaram,
O dia festejando, alegres cantam.

Das ovelhas os candidos rebanhos
Alegres brincam pelo prado ameno
Co'os lobos sequiósos.
Tudo annuncia já, que tem chegado
O appetecido infante
Que vem quebrar os ferros, que nos prendem
Á escravidão da culpa;
Ter já nascido o Principe da Gloria
Das nações desejado,
O rei dos reis, libertador do mundo.
Glorias a Deus no ceo, o ceo tribute;
A paz seja na terra aos homens dada.
Chegou a luz, que as trevas illumina
Que o ceo aformosêa;
O infante promettido aos Patriarchas
Desde os primeiros tempos.
O cordeiro de Deus, verbo divino,
De uma Virgem nasceu, comnosco habita;
Nós sua gloria vimos semelhante
Do Eterno Padre á gloria.
Brilhantes legiões de alados genios,
Em quanto além dos astros
Uns decantam o Pae, na terra o Filho
Outras alegres cantam;
E ao som melodioso
Dos tympanos e córos

D'este modo aos pastores annunciam
Do seu rei a chegada.
«Vinde, ó pastores, a Belem ditosa
«Ver em tosco presepe
«O Deus, a cujo aceno o mundo treme,
«Para os homens nascidos.
«Hoje principio teve
«A magoa de Satan, a gloria vossa,
«A magoa de Satan, que sobre o throno,
«A que servem de base os vicios torpes,
«Cingida a fronte de feroz soberba,
«Irado, enfurecido,
«Freme, anceia, delira, espuma e brame,
«E viboras de fogo
«Lança da boca de veneno farta.
«O throno balanceia
«E o averno preságo
«Da inevitavel proxima ruina,
«Treme todo assustado:
«Brame do averno a réproba caterva,
«E os medonhos bramidos
«Pelas cavernas horridas retumbam.
«Vinde, ó pastores, hymnos modulando
«Ao desejado infante,
«Prole do Deus eterno.
«Chegou emfim o dia abençoado,

«Por quem tanto os antigos suspiravam:
«Cantemos ao Senhor um novo cantico
«E além dos astros nossos cantos vôem.
«Sejas festivo dia em todo tempo
«Dos felizes mortaes bemdito sempre.
Oh felizes humanos!
«Oh bondade sem par de um Deos immenso!»
E tu, Jerusalem ditosa e bella,
Que gemes opprimida
Com as correntes vis que te subjugam,
Que o collo te comprimem,
Acorda, acorda do pesado somno,
Em que estás sepultada;
É tempo de romper essas cadeias
De injuria e de desdoiro.
Levanta-te do pó, que te ennegrece;
Toma os teus ornamentos de alegria,
E do teu peito afflicto
Em jubilo se mude a magoa, a pena.
É chegado o teu rei, o Deus eterno,
Que vem a libertar-te.
Vem de candidas vestes adornada
A engraçada Belem, onde nascido
Respira o doce infante.
Arabicos incensos
Queima em torno ao presepe, e o denso fumo

Do eterno Pae ao solio flammejante,
Rompendo os ares, chegue.
O teu Libertador applaude e canta,
Ao canto angelical teu canto unindo;
E de jasmins e rosas,
O ditoso presepe enfeita, esmalta,
Emquanto ao som da lyra
Este hymno alegre canto:

O Deus do universo
Potente Senhor
Nasceu hoje humano
Pelo nosso amor

Tomando de servo
Humilde figura,
Vem da creatura
Ser Libertador.

II

Á Resurreição

Surrexit.
Marc. C. 16. v. 6.

Que alegria, que gloria te reveste
Jerusalem formosa! Que brilhante
Rompendo as densas nuvens congregadas,
Em rosea nuvem, que seu carro doira,
A aurora, percorrendo ao sol nitente,
Se mostra alegre e bella!
A meiga naturesa,
Té 'gora em lucto envolta,
Risonha me apparece.
Porém, oh ceos, que vejo! que mancebo
Em nuvem matutina
Se apresenta a meus olhos! A madeixa
É como a lã nevada: *(p)* chammejantes
São os olhos formosos: *(q)*
O seu rosto de gloria radiante
Fulge, qual no apogeu resplandescente
O intonso Delio brilha. *(r)*
Igualam ao metal seus pés lusidos: *(s)*

Um luminoso veu seu corpo encobre:
«De alados genios candida falange»
Incensos lhe offerece.
És tu, Jesus, tu és o triumphante
Que levando captivo o captiveiro
Venceste a negra morte.
A morte, que amedronta
Os miseros humanos, que atrevida
O culto levantara.
Triumphaste, Jesus, d'esse tyranno,
Que em medonhas estridulas correntes
Prendia os filhos de Eva enganadora,
Salve, dia de paz, dia de gosto,
Pelos antigos vates promettido!
Dia, em que as antigas profecias
Tiveram cumprimento; alegre dia
Dos velhos patriarchas suspirado.
Curvemo-nos, mortaes, ouçamos todos
Os versos, que modulam
Os anjos, que do ceo em turma descem.

Alegre-se a terra,
Suspenda o seu pranto,
Jesus, nosso encanto
Ficou vencedor.

Venceu com a força
Do braço potente
A Parca insolente
Que infunde pavor.

Alcançou victoria
Do cruel tyranno,
Que chora seu damno
No cahos de horror.

Levando captivo
O vil captiveiro,
Foi do mundo inteiro
O Libertador.

Alegre-se a terra,
Suspenda o seu pranto,
Jesus, nosso encanto
Ficou vencedor.

METHAMORPHOSE [28]

Milesio e Bogari

Deusa do prado, que aos jardins presides,
Flora mimosa, que ao lascivo amante
Foges esquiva, endurecida foges,
Permitte ao vate, ao brasileiro vate
Cantar um pouco a deploravel sorte
Do bom Milesio e Bogari formosa,
Das nymphas brilho, dos mortaes encanto,
Que hoje entre as flôres branquejar consentes.
E tu, Carneiro, ó meu fiel Carneiro,
Que o prado habitas e que vês de perto
Os dois amantes que eu cantar pretendo,
Recebe affavel meu sonoro canto.
No prisco tempo em que o brasilio povo,
E tu, Colombo, genovez preclaro,
Ignotos mares não sulcado tinheis,
Inda imperava no Brasil ditoso
A idade de oiro em que reinou Saturno:
Eram communs os bens, communs os males,
Era a vida de um só vida de todos.

N'esse tempo feliz, que os ceus já deram,
Que a bem dos homens outhorgara Jove,
Nas verdes margens do Jordão vistoso, [28]
Nos brandos laços, com que amor nos prende,
Juntos viviam Bogari, Milesio,
Ella das nymphas a mais bella e pura
Elle o mais bello entre os pastores bellos:
Ambos se amavam, adoravam-se ambos,
E em doces beijos, candidos abraços
Faziam breves, dilatadas horas;
No doce frauta do pastor Milesio
Da casta nympha se escutava o nome,
Chegava aos astros de seu nome o canto,
Que além saudoso repetia o bosque.
Na tarde amena da estação de Flora,
Quando engraçado se reveste o campo
Da fresca relva, que matizam flores
Ora o pastor lhe engrinaldava a fronte,
Outr'ora á margem da corrente pura,
Á fresca sombra de ingazeiros [29] densos,
Brandos gorgeios alternavam ledos
Emquanto sobre os tremulos raminhos
Mimosos passaros, festivaes cantores
Filhos das selvas que das selvas vivem
Na paz amavel, que das turbas foge, [30]
E tantas aves louçãs de que se adornam

Os verdes campos do Brasil formoso [31]
Reclinado o pastor no amante seio
Da fiel Bogari passava o dia.
* Quantas vezes Milesio temeroso
* Que a nympha a quem seus cultos dedicava,
* Do amado, que a adorava, se esquecesse
* Entre suspiros mil assim dizia: [32]
«Que setta, amado bem, me fere o peito
«Quando me occorre, oh nympha, que outro amante
«Á meu pezar desfructará teus mimos!?
«Antes permitta o céo, que eu n'essa hora
«Tristonho exhale o derradeiro alento,
«Antes mil mortes, mil infernos antes;
E a meiga Bogari tendo-lhe ouvido
* A queixa amarga em aziago dia
Afflicta supplicando assim tornou:
«Ah Milesio, Milesio, si é verdade,
«Que présas Bogari, si tu me adoras,
«Não presumas de mim tão feio crime:
«Eu sou fiel de amor á lei divina,
«Inconstante não sou, não sou perjura!
«Eu... porém n'esse instante o casto pejo
«As vozes lhe impedia, e desmaiada
«No seio do pastor se reclinava.» [33]
Em tanto o rei dos céos, o excelso Jove,
Baixando á terra os soberanos olhos,

Viu Bogari nos braços de Milesio:
Foi vel-a o mesmo que render-lhe culto,
Já se esquece da esposa, já lhe fogem
Europa, Leda e Venus da lembrança;
E a viva phantasia em qualquer parte
Da virgem lhe figura o rosto caro;
Abrasado em paixão, de amor ferido
Não hesita deixar o excelso throno:
A' quanto, oh cego amor, não nos obrigas!
Procura Jove a nympha, mas debalde,
Resiste a nympha candida, innocente;
Despe de humano a forma, a taurea veste,
Mas Bogari mais discreta e sabia
Que a filha de Agenor, Europa bella,
O touro não affaga, e não consente
A mão lhe bafejar, que o nume encanta.
Vendo Jove por fim que em vão trabalha,
Que não póde alcançar, que não consegue
O carinho menor, menor affago,
Aos astros se abalança e assim se exprime:
«Já que despresas de meu peito as chammas,
«E um nume, que te adora, em vão te busca,
«Serás em flôr, ó nympha, transformada,
«Conservando sómente a côr de neve,
«De purpura depondo a côr brilhante;
«E o mortal mais feliz por quem me deixas,

«Por quem zombas do rei, que o céo domina,
«Das aves á mansão tornando em pouco
«Não mais ha de gosar do que eu não goso:
«Assim castiga Jove a quem se atreve
«Um momento siquer baldar-lhe o mando.
D'esta arte apenas o Tonante brada,
Á terra os pés mimosos se lhe afferram,
E os dedos em raiz o centro buscam:
Quer a nympha mover-se e já não póde,
As pernas se juntando o tronco formam,
Os niveos peitos são botões de flôres,
Os braços ramos são e os dedos galhos;
Os cabellos são folhas, e o seu rosto
Do seu nome na flôr se muda e torna.
Inda a face de humana a forma tinha,
Quando Milesio, que deixára o gado,
Vinha buscando a carinhosa nympha,
E toda quasi já mudada vendo-a
Nem póde articular!... eis corre afflicto
Pensando que siquer podia um beijo
Na boca inda imprimir de rosa outr'ora;
Porém, fraco mortal, que illuso vives!
Encurtam-se-lhe os pés, no chão não poisa,
Os braços azas são, pennas lhe nascem,
Cresce-lhe o bico: e quando mal tocava
Da triste amante os inda humanos labios,

Ella de toda é flôr, elle ave é todo!
E querendo assim mesmo transformado
Libar o nectar, que as paixões aviva,
Vaga de flôr em flôr, de ramo em ramo;
Porém (assim quizeste, ó rei supremo)
Si encontra a nympha, conhecer não póde: [34]
Eis, meu socio fiel, quaes são quaes foram
A flôr mimosa e o passaro que adornam
Hoje os vistosos, dilatados campos
Do formoso Brazil que o céo proteje:
A nympha, sendo flôr conserva o nome;
E o pastor, porque amante as flôres beija,
Beija-flôr entre as aves é chamado.

DYTHIRAMBOS

I

Ao Sr. Francisco Carneiro Machado Rios

Nunc est bibendum, nunc pede libero
Pulsanda tellus...

HORAT.

É tempo de beber, caro Fileno,
O doce nectar
Que nos lagares
Aferrolhado
Era guardado
Para este dia.
Vem, meu Fileno, bebamos rapidos
O doce nectar, o môsto rubido,
Que os velhos frigidos
Avigóra,
Restaura,
Córa
As engelhadas, amarellas faces
Peian!... Evoé!...
Teu doce môsto
Licor sagrado
Venha doirar-nos
Tão fausto dia.

Baccho! Baccho! Evoé!
Bebamos, Fileno,
As taças formosas
De verdes pampanos,
Da rama bacchica
Adornadas
Cheias de ambrosia
Na mesa estão.
Evoé!
Empina, meu Fileno, as taças d'oiro
N'este dia a teus annos consagrado.
Que as Parcas fiem
Sonoros annos.
Os risos, agrados,
Mimosos amores
C'roados de flores
Em torno das taças
Estão adejando,
E o nectar libando
Que eu libo tambem.
Evoé!
Bebamos, Fileno,
O licor saúdavel
Que os corações
Alegra;
Que suffoca a tristeza, que os opprime;

O rubí gostoso
Que graças inspira.
Bebamos, Fileno;
«O nosso universo
«Não passa d'aqui.»
Mas, Fileno, que sinto!
Falta-me a terra!...
O tecto dança!... dançam as paredes!...
Minha cabeça rodeia!...
Cambaleio!... Liêo, Liêo, acode
Ao candido vate
Que afflicto baqueia
Na rubida veia
Do grato licor.

II

ıccho! é tempo: chegou a primavera
Remoça a naturesa;
Mas a sua bellesa
O que será sem ti?
a, ó mancebo, traze-me rapido,
Lesto, presto e represto,
Essa clara botelha,
n que outr'ora bebeu Anacreonte.
Como a vista deleita!
Como embriaga o cheiro!
inda ha quem diga, que o suave môsto
Faz mal á gente?
Baccho! Baccho! E que fazes?
›vanta o tirso, enxota esses malvados,
Que o teu licor desdenham.
Não se lembram do incauto,
Que em vão transformaste.
Mancebo não te esqueças,
Traz-me c'rôas de rosas,
ıo d'essas... não sei d'onde; mas d'aquellas
Que cingiam o velho

O velho... bem me entendes.
Eia, ó Baccho, lá vae: viva o mancebo
A quem a velhice cruel, rabujenta,
Jámais atacou.
Mas que som me soou
Á dextra orelha?... Elle parece guerra;
Parece... lá se avenham.
Baccho é meu nume, Baccho me defende
Vá mais esta botelha
Ora a saúde d'isto
Nossa vida é tão curta, que me importa
Com o que vae no mundo?
Eu não sou rei, nem duque, nem morgado,
Nem Geral dos Bernardos.
Vem, meu Baccho, embriaga-me este peito.
Bello! estou já contente.
Venha agora quem fôr, nem Carlos Magno,
Com essa caterva de Pares famosos,
Nem Ferragús, nem Ferrabraz, nem D. Quixote,
Nem o diabo mesmo
Póde agora comigo.
Baccho quanto te devo
Baccho! Baccho! Evoé
Liêo! Liêo! Litileo!
Evan! Evan! Bassarêu!
Peian! Peian! Saboé!

Que doce, que grato
Não é a um poeta
Ter a Baccho por socio e por amigo!
Diga-o por mim Elpino.
Eu não quero mais nada;
Seja rei quem quizer: eu tenho c'rôas
De rosas e de parras: tenho sceptro
De frondifero tirso.
Tudo o mais não me importa, eu sou quem sou;
Sou eu mesmo.
Graças a ti, ó Baccho!
Mancebo, ainda é preciso que eu te diga?
Tu não vês as botelhas esgotadas?
Traze do generoso
Saltante, espumoso;
Quero fartar esta alma bacchicúpida;
Quero morrer bebendo;
Antes assim morrer que de uma bala
Como morreu Turenne;
Foi heroe, foi guerreiro muito embora,
Que pela alma lhe preste.
Quanto a mim mais feliz, mais venerando
Foste, illustre Valverde, ó genio raro,
Que acabaste entre copos e botelhas;
Que viveste contente e após a morte
Das petas o cantor cantou-te a vida. *(t)*

IDYLLIO

Vem, minha lyra, vem carpir os males
De um triste, que suspira desterrado;
Vem, sonóro instrumento, já que a sorte
Inda me deixa a tua companhia
No abysmo da desgraça, em que baqueio:
Tu cantavas tambem quando eu cantava,
Agora gemerás que eu triste gemo;
É tempo de gemer, geme comigo.

Agora, que o seu manto desdobrando,
A negra noite a escuridão derrama,
E os pastores alegres nas cabanas
Sobre as ramas virentes se reclinam:
Agora que o silencio cuidadoso
Passeia a pé descalço os fundos valles
Com o dedo na bôca; é tempo, oh lyra!
É tempo de gemer, geme comigo.

Os noitibós nos bosques escondidos
De quando em quando solitarios piam;
A nocturna coruja, que adejando
Inda mais com seu canto me entristece;
A agoureira peitica solitaria,
Que do velho ingazeiro afflicta geme;
Tudo a gemer, ó lyra me convida:
E tempo de gemer, geme comigo.

Esses dias, oh dias venturosos!
Em que á sombra do basto cajueiro
Sonoros hymnos, canticos suaves
Modulamos oh lyra! (quem dissera!)
Já fugiram de nós, já se passaram
«Mais depressa, que o lume fusilado;»
O tempo de gemer só resta agora:
É tempo de gemer, geme comigo.

Que importa, que no carro diamantino
Tão formoso amanheça o claro dia?
Que importa vêr as nuvens engraçadas,
Com quem reparte Phebo o seu luseiro?
Que importa ouvir o canto sonoroso
Do meigo rouxinol, do bom canario?
Nada, oh lyra! já póde consolar-nos:
É tempo de gemer, geme comigo.

Este bosque saúdoso em que vivemos,
Regarei com meu pranto, na esperança
De que breve hei de estar na sepultura.
Mas, oh lyra! já brilha o claro Phebo;
Suspendamos um pouco este lamento,
Até que volte a pavorosa noite.
Eu emmudeço, oh lyra! eu não suspiro...
Emmudece tambem geme comigo.

IDYLLIO

JOSINO E CLOÉ

Josino

Cloé! para que colhes com tanto cuidado estas
res ainda orvalhadas do fresco rocío da madru-
da?—Que urgente cuidado te obrigou a deixar tão
do a cabana, que quando o gallo velador des-
rtava o seu rebanho, já tu havias saído?—Mas,
oé! tu choras?...

Cloé

Josino, meu caro irmão! tu ignoras por ventura
e hoje fazem dois annos, que o céo nos roubou
ssa mãe?—Ah! e que mãe, meu caro irmão!—Eu
n colher estas flôres para cobrir a sua sepultura.

Josino

Ah minha amada Cloé! e quando virá um dia
ı que eu me não recorde d'essa mãe, que tanto

me amava e que só se alegrava quando tambem nos via alegres? Não te lembras, Cloé, d'aquelle dia, em que eu vim triste para a cabana, por ter perdido o premio na contenda do canto com Tityro! Quanto se affligiu ella!—quantos meios buscou para me alegrar!—E haverá no mundo uma coisa tão doce como uma mãe, ó minha Cloé!—Não é por certo tão agradavel a fresca sombra ao caminhante fatigado, nem a pura fonte ao segador sequioso na maior calma do estio. Eu tambem saí mais cedo por vir derramar sobre a sua sepultura um tarro de branco leite.

Cloé

Eia, Josino, vamos *(Caminham ambos mudos, e chegando ao sepulchro se prostram banhados em lagrimas e passado algum tempo diz:)*

Josino

Eu vos saúdo, ó caras cinzas da melhor das mães! Eu vos saúdo, preciosos restos de uma creatura a quem depois da Suprema Divindade, eu mais amei sobre a terra! Ah! se ainda assim podeis ouvir-me, ó minha mãe! acceitae estas lagrimas, que derrama sobre a vossa sepultura um filho saúdoso e reconhecido.

Cloé

Ó minha mãe! ó minha melhor amiga! recebei as lagrimas e ternos suspiros da vossa Cloé! Ah! si ainda me amais, não as despresareis por certo.

Josino

Verdes álamos, tristes e sombrios cyprestes, que rodeiaes este logar sagrado, ah! quanto sois felizes, pois que daes sombra ás cinzas do justo! O inverno não possa despojar-vos da verde ramagem que vos adorna; o raio não se atreva a ferir-vos.

Cloé

Cedros, cedros ditosos! o fresco orvalho da aurora penetre as vossas raizes, para que façaes este logar ainda mais sombrio e respeitavel. Não temaes os golpes do ferro. O céo vos defenderá, porque cobrís a sepultura da melhor das mães.

Josino

Quanto é bom ser justo! quanto é feliz a sua vida e quanto é ditosa a sua morte! A sua vida é

uma contínua primavera e a sua morte uma bella manhã de estio sem nuvens. Nenhuns desgostos perturbam a sua vida, assim como nenhuns sustos horrorisam a sua morte. Este é o teu retrato, ó minha mãe!

Cloé

Como corriam pacificamente os teus dias, emquanto o céo nos quiz dar a consolação de possuir-te, ó minha mãe! O céo abençoava o teu pequeno rebanho e jámais te faltou o campo com uma colheita sufficiente para nós, e ainda o que era o teu maior praser, para soccorrer os indigentes. Que lagrimas de alegria não derramavas depois de ter espalhado beneficios no seio da indigencia!

Josino

Como tenho ainda presente o dia em que, para soccorrer a Philis, tu déste os mesmos fructos que estavam reservados para o teu alimento! Quantas lagrimas derramaste ouvindo os suspiros d'aquella pobre mãe, que gemia opprimida de dôr, por não ter que dar aos innocentes filhinhos, que lhe pediam tambem com lagrimas o sustento! quanto é doce o fazer bem! Possam teus filhos imitar-te, ó minha mãe!

Cloé

Quão triste foi para a nossa aldeia o dia em que tu morreste, ó minha mãe! Como um grande numero de infelizes gemia em torno ao teu leito, e o banhava com lagrimas de verdadeiro reconhecimento e saúdade! Como abençoavam o teu nome, e ainda hoje abençoam a tua memoria! O teu sepulchro é respeitado e os velhos o mostram aos mancebos dizendo com lagrimas: eis o logar onde repoisam as cinzas de um justo: abençoae a sua memoria, ó meus filhos!

Josino

Recebe, ó minha mãe! recebe este puro leite mais alvo, que a neve, que eu váso sobre a tua sepultura; e si lá na morada do Eterno, ainda te movem as affeições terrenas recebe as minhas lagrimas e digna-te de abençoar-me.

Cloé

Estas brancas flôres, ó minha mãe! colhidas ao nascer da aurora, acceita em penhor da minha ter-

nura, e lá d'essa morada dos justos lança os olhos sobre a tua Cloé. [35]

Assim fallaram os dois innocentes pastores e derramando com lagrimas o leite e as flôres sobre o humilde sepulchro se retiraram ainda chorando.

Possam todos os filhos assemelhar-te, ó par bemaventurado!

MOTE [36]

A um succede outro dia,
A uma outra estação,
Só para mim se não muda
Do meu mal a condição.

GLOSA

Santas leis do movimento,
Que animaes a naturesa,
Vós déstes aos astros bellesa,
Vós daes ao praser augmento;
Vós regeis no firmamento
Dos planetas a harmonia;
Giram todos á porfia,
Sendo vós causa primeira;
Não pára o sol na carreira,
A um succede outro dia.

Por vós o tempo assim volve
A roda que nunca pára;
Por vós a verde seara,
Tenro fructo desenvolve;
Saturno, que até dissolve
Das pedras o coração,

Vos respeita a successão,
Pois se um ente é destruido
Succede ao morto o nascido,
A uma outra estação.

Si uma só attitude
Só tivesse o mundo inteiro,
Tornaria ao cahos primeiro
Massa inerte, informe e rude;
Havendo vicissitude
A noite triste, sisuda
Volve a face carrancuda,
Succede-lhe o claro dia
Mas ai! que minha agonia
Só para mim se não muda!

Que digo, ó moto divino,
A quem tudo está sugeito!
Emquanto me pula o peito
Mudar póde o meu destino:
A cabeça a elle inclino
Como auctor do ser e acção,
Pois quem rege a duração
Que para tudo é mister,
Mudará quando quizer
Do meu mal a condição.

MOTE [37]

Sou dos que não querem vida,
Sou dos mais exasperados,
Valei-me instantes da morte
Instantes afortunados!...

GLOSA

Não posso mais escutar
Da patria os tristes gemidos;
Nem dos patricios infidos
Turvos semblantes olhar;
Hoje só me apraz vingar
A liberdade invadida
Da patria já succumbida;
E como o não possa fazer
Não desejo mais viver,
Sou dos que não querem vida.

O tigre posto em corrente,
Tratado com vil despreso,
Lambe o ferro em que está preso,
Come, e bebe, e jaz contente;
Preso o passaro innocente,
Na gaiola dá trinados;

Brutos ha mais conformados
Do que eu da sua sorte;
Eu porém desejo a morte
Sou dos mais exasperados.

Não acho conformidade
Em arrastar vis cadeias,
Supprimir livres idéas,
Sem patria, sem liberdade;
Ter a rasão e vontade
Sugeito sempre ao mais forte;
Não posso a tão dura sorte
Submetter um peito terno!
Valei-me parcas do Averno
Valei-me instantes da morte!

Findem-se os dias de dôr
No asylo da sepultura,
Comece a minha ventura
Onde os mais a vão depôr:
N'essa habitação de horror
Que tanto assusta os malvados
Submetterei os meus cuidados
Fugindo d'entre os mortaes.
Ai! vinde instantes finaes
Instantes afortunados!

A Mr. Le Comte d'Argental [38]

EN LUI ENVOYANT UNE VIEILLE PLUME
DE MR. DE VOLTAIRE

Elle acquit à son maitre une immortelle vie
Elle fut la terreur des sots, et du mechant,
Elle éclaira son siècle, elle punit l'envie,
Peignit l'amour, et t'écrevit souvent.

TRADUCÇÃO

—

Ao Sr. Conde d'Argental

ENVIANDO-LHE UMA PENNA DO USO VELHO
DE VOLTAIRE

Esta penna a Voltaire deu vida eterna,
Foi dos nescios terror, dos maus espanto,
Sua idade illustrou, puniu a inveja
Pintou o amor e dirigiu-te o canto.

Inscripção no pedestal de uma estatua de Cupido 39

Quoique tu sois, voilà ton Maitre :
Il l'est, le fût, ou le doit être.

TRADUCÇÃO

Sejas quem fôr, eis teu senhor Cupido
Elle ou é, ou será, ou já tem sido.

QUADRAS [40]

Não só parece imprudencia
Porém já descortezia
O selvagem tratamento
Que me daes de dia em dia.

Ha quanto tempo me enganas
Ha quanto tempo me dizes
Que has de imitar-me, e tirar-me
Da classe dos infelizes!

Si tu caprichas de exacta
De seres mulher de bem
P'ra que faltas ao que dizes,
Para que me enganas, meu bem?

Vê minha F... o que fazes
Basta já de ingratidão
Ou cumpre o que prometteste
Ou dize logo — que não.

EPIGRAMMAS

I

Tua mãe veiu a Roma? (Augusto disse
A um mancebo com quem se parecia:)
Não, minha mãe não veiu (o joven torna),
Porem meu pae viria.

II

Traducção de Marcial

Os versos que tu recitas,
São, ó Fidentino, meus;
Mas, como os recitas mal,
Principiam a ser teus.

III

Elmiro si é fraco n'uma
É valente n'outra parte:
No campo de Marte é Venus,
No campo de Venus é Marte.

IV

Tu dizes que o meu poema
Não podia ser peior;
Elle é mau; eu digo o mesmo;
Porém não fazes melhor.

EPILOGO

Á patria e aos meus amigos

Patria minha e de heroes! eis meus poemas
Vão buscar em teu seio acolho, abrigo;
No seio em que os cantei, bem que debalde
Roubar-mos pretendera infame despota [41].
Acceita-os, patria! e n'elles vê pintado
O amor de um filho, que de o ser tem gloria:
Recebe cultos: para mim és nume.
Qual fui outr'ora, sou ainda o mesmo.
E vós amigos, que lêrdes meus versos,
Acceitae-os tambem: a vós patria,
Meus disvellos, meus dias hei votado.
Vêde: nos versos meus, heroes já vivem,
Heroes, que o tempo submergiu no Lethes.
Recebei um penhor do eterno laço,
Amigos, que me honraes, que honraes meus versos.

FIM.

NOTAS

NOTAS[1]

1—Pag. 1

Antes que Vasco da Gama dobrasse o cabo da Boa Espença á procura do caminho das Indias, Bartholomeu Dias haa-o dobrado no reinado de D. João II.

Esse intrepido marinheiro visando a gloria da patria tentára a emprehendimento tão ousado qual era então esse, e que u successor Vasco da Gama, mais feliz, pôde levar a effeito, ndo a Portugal um outro mundo.

Partira B. Dias de Lisboa em 2 de agosto de 1486; depois larga e tempestuosa travessia nos mares da Africa meridiol, foi obrigado pela tripolação das suas naus a retroceder.

Menos feliz que Christovão Colombo, os pouquissimos dias ue pediu para que a India fosse dada á Europa, se passaram m que esta apparecesse; então virando de prôa para o seu iz, avistou o cabo das Tormentas, como elle o denominou, que por D. João II foi mudado para o da Boa Esperança afim afugentar a ideia dos perigos. (Vid. Pinh. Chagas[2], Hist. Port. vol. III, pag. 160 a 163.)

[1] Todas as notas marcadas por numeros pertencem-nos; e as de let-s alphabeticas ao poeta.

[2] Nós julgamos dever recommendar muito a obra *Historia de Portugal* Pinheiro Chagas, como riquissima em factos, e observações. C. Castello

Na segunda expedição ás Indias ás ordens de Pedro A. Cabral, em cuja viagem se descobriu o Brazil, ia Barth. Dias tambem; na altura do Cabo da Boa Esperança a nau d'este e de mais tres se affundara.

É este o facto a que o poeta se refere no soneto cit.—Pinh. Chag. Obr. cit. pag. 240.

2 — Pag. 6

Á um kilometro da cidade de Coimbra, á margem esquerda do Mondego, fica situada a *quinta das Lagrimas*, celebre por ter sido ahi o theatro dos amores de D. Ignez de Castro com o infante D. Pedro.

As tradicções que se prendem a essa quinta são repassadas de saudades e do mais vivo pesar, e constituem em obrigação o viajante visital-a e traçar, quando curioso, um capitulo de viagem.

3 — Pag. 6

Fonte dos Amores. É este o nome que tem um olho d'agua que rebenta de debaixo de um rochedo, no oiteiro que fica na extremidade da quinta das Lagrimas.

Junto a esse rochedo em um banco de pedra, diz a tradicção, ter sido ali o logar onde Ignez de Castro sentava-se a pensar em seus amores. Proximo á fonte, cujo fio de agua despeja uns doze palmos abaixo, em um tanque de cem metros quadrados, estão dois cedros seculares que, assevera-se, terem sido testemunhas de tão malfadado amor.

Branco, no prologo da edição da Vida de D. Affonso VI, a recommenda igualmente.

Para aquelles que não querem ler as pesadas, indigestas e difficeis, mas riquissimas chronicas, é até hoje, a obra de Pinheiro Chagas, a unica que por completa, é digna de leitura.

Ainda o povo diz que umas algas vermelhas adherentes a algumas pedras por onde corre o fio d'agua, é o sangue da infeliz Ignez.

Entretanto é summamente apreciavel ver a religiosa convicção com que essas e outras tradicções são conservadas e narradas!

4 — Pag. 8

O poeta occultou o nome dos amores do seu amigo, deixando o verso incompleto; entretanto pela rima parece denunciar alguma «travêssa Ulina» e póde bem ser que a mesma a quem elle dedicava seus versos, e que elle para cantar os heroes da patria, na sua ode pindarica, pag. 69, ordenava á sua lyra

.... deixa de parte
A arrufadiça Ulina.

5 — Pag. 9

Ainda n'este soneto occultou o poeta epithetos que tornam o verso incompleto: não podemos conhecer que motivos levaram-o a isto; de certo que pensamento reservado não foi.

Apesar das ideias democraticas que elle revelou posteriormente, nada podiam actuar para escrupulos, a quem já havia externado todo o seu pensamento, louvando o rei e comparando-o a D. João II, o *principe perfeito* (si bem que a historia o accuse de muitos actos que deslustram o seu reinado), o qual é sempre trazido como um modelo de principes!

Fosse qual fosse a causa d'esse silencio, quizemos ser religiosos para com o auctor, deixando que o verso ficasse como composto, sem o que perderia um tanto de sua originalidade, e mesmo graça.

6 — Pag. 18

Este soneto assaz bello e expressivo pela descripção lugubre do sentenciado que marcha para o patibulo, foi sem duvida alguma inspirado pela leitura do soneto de Bocage, que pela verdade, força e colorido da descripção o transcrevemos.

Ao crebro som do lugubre instrumento
Com tardo pé caminha o delinquente ;
Um Deos consolador, um Deos clemente,
Lhe inspira, lhe vigora o soffrimento.

Duro nó pelas mãos d'algoz cruento
Estreitar-se no collo o réo já sente ;
Multiplicada a morte anceia a mente,
Bate horror sobre horror no pensamento.

Olhos e ais dirigindo á Divindade
Sobe, envolto nas sombras da tristesa,
Ao termo expiador da iniquidade.

Das leis se cumpre a salutar duresa.
Sahe a alma d'entre o véo da humanidade,
Folga a justiça, geme a naturesa.

7 — Pag. 23

Antonio Joaquim de Mello falleceu a 8 de dezembro de 1873 na avançada idade de 79 annos; havia nascido em 2 de fevereiro de 1794.

Tendo assistido ás revoluções de 1817 e 1824 pelas quaes soffreu, tendo de andar foragido pela ultima, principalmente, dedicou os seus ultimos dias a estudar a historia de Pernambuco e de seus filhos illustres pelas armas e pelas lettras.

Tendo exercido, posteriormente, diversos empregos de subida importancia sendo um d'elles o de presidente da Parahyba no

mpo da regencia, e tendo occupado todos os cargos de eleião popular, foi durante quatro legislaturas deputado geral, e or cinco vezes entrou em listas triplices para senador pela ua provincia: recolheu-se no ultimo quartel á vida particular.

Velho na idade, porém moço nas ideias e no coração, deixava-se elle arrebatar com verdadeiro ardor de enthusiasmo pelas glorias de sua provincia. E a juntal-as para tornal-as publicas, deu elle os laseres que deviam pertencer a um corpo alquebrado e a um espirito trabalhado.

Luctou com as maiores difficuldades para colleccionar os documentos para a sua obra, e com muito maiores ainda para imprimil-a; apesar porém de tudo, publicou tres volumes de «Biographias de alguns poetas e homens illustres da provincia de Pernambuco» contendo quatorze biographias e muitos documentos importantes, além de notas eruditissimas [3].

Colleccionou as obras do fallecido vigario Francisco Ferreira Barreto, conhecido pela antonomasia do «Doutorsinho» e as precedeu de uma biographia; as quaes compradas pela provincia foram publicadas por ordem do governo provincial em 1874.

Igualmente colleccionou todas as obras do fallecido patriota e distincto escriptor, o carmelita fr. Joaquim do Amor Divino Caneca, que martyr da revolução de 1824, antes preferiu morrer fusilado, como lhe succedeu, do que fugir.

Além d'isto deixou manuscriptas diversas Biographias de homens illustres entre as quaes a de J. N. Saldanha, que nunca podemos ver, apesar de nossos esforços. Tambem a

[3] O sr. conego Pinheiro em sua *Historia Litteraria*, vol. II, diz pouca importancia terem similhantes biographias, as mais das quaes são devidas a affeições, si bem que a obra tenha muitos documentos historicos!

Estes e outros muitos pontos da *Historia Litteraria*, acham-se discutidos em uma serie de *Cartas* (ineditas) sobre a litteratura brasileira a proposito da obra do sr. conego, e que em tempo as faremos publicar.

provincia as comprou e se acham no Thesouro provincial.

Deixou tambem escripta a vida do patriota Manoel de Carvalho Paes de Andrade, presidente da republica do Equador; essa extensa biographia é a historia d'aquelles tempos de dedicação e amor da patria, mas tão calamitosos e salpicados de sangue.—Compoz diversas poesias, idyllios, cantatas, odes saphicas e anacreonticas.

Prouvesse aos ceos que a assembléa provincial se compenetrasse do valor de suas glorias e auxiliasse aquelles que se dedicassem a revivel-as.

8—Pag. 27

Francisco do Rego Barros, foi um dos contemporaneos e migos do poeta, assim como seu irmão o Dr. Sebastião do Rego Barros.

Tendo provado nobresa para ter o posto de cadete [1] seguiu para Coimbra, logar onde se recebia a instrucção superior e ahi cursou a faculdade de mathematica em cuja sciencia saiu bacharel.

Tendo voltado ao seu paiz onde os seus merecimentos e a influencia de familia lhe facilitavam uma carreira, entregou-se á politica, tendo entrado porém para o quadro dos engenheiros. Deputado geral por sua provincia representou na camara um papel honroso.

Por muitos annos presidente da provincia de Pernambuco em tempos nos quaes as contendas politicas eram tremendas, deixou um nome immorredoiro, legando-lhe grandes melhoramentos.

Foi em sua presidencia que um certo desenvolvimento intellectual e material se apossou da provincia, que tem progredido assombrosamente.

[1] Todo esse processo original de habilitação de nobresa, foi salvo de um *auto de fé*, e existe em mão de um nosso amigo particular. Ainda bem que esses documentos não desappareceram!

A todos os grandes projectos de engrandecimento da provincia, ou realisados ou apenas estudados, acha-se ligado o seu nome.

A este cidadão prestante e benemerito deve a provincia uma memoria de eterna gratidão como o melhor de seus filhos.

A presente geração eivada de um indifferentismo sobre todos os negocios do seu paiz, ainda não apreciou devidamente o merecimento de tão prestimoso cidadão; porém quando mais longe do rumor da politica, e do tempo, e dos homens em que viveu Francisco do Rego Barros, tiver de se estudar a historia, a posteridade o apontará como um bom patriota, e a provincia lhe pagará o tributo de dever e gratidão a que é obrigada.

Morreu com o titulo de conde da Boa Vista e era senador do imperio.

— Sebastião do Rego Barros, amigo tambem do poeta e ao qual este se refere no soneto xv pag. 15 era irmão do conde da Boa Vista; exerceu cargos importantes, morreu senador do imperio, tendo sido por diversas vezes ministro de Estado.

9 — Pag. 28

O padre Miguel Joaquim de Almeida e Castro era um distincto orador da tribuna sagrada e homem de variados conhecimentos, e ao mesmo tempo modesto.

O bispo Azeredo Coutinho quando na diocese Olindense apreciando o seu talento o nomeou para a cadeira de rethorica do Seminario.

Era conhecido pela antonomasia do padre «rethorico.»

Fazendo parte dos clubs que em 1817 existiam em Pernambuco, foi um dos principaes personagens d'esse desafogo patriotico, que se tornou em drama lutuoso.

Foi eleito secretario do governo republicano, do qual era a alma. Na queda d'esse governo retirou-se para Olinda; e

assim como o padre Roma, na Bahia, salvava os implicados, tratou o padre Miguelinho (por cujo nome tambem era conhecido) de queimar todos os papeis da secretaria que podiam servir de provas condemnatorias contra as pessoas que haviam adherido ao movimento revolucionario.

Preso pelas forças do brutal Rodrigo Lobo, foi enviado para a Bahia, em cujos carceres foi encerrado, emquanto a commissão militar o processou e pronunciou em *morrer morte cruelmente*: tarefa que ella realisou em dois dias ! !...

Conservando-se sempre calado aos interrogatorios, como quem despresava a justiça dos homens, e repassado de uma resignação assombrosa, só fallou quando o conde de Arcos procurando salval-o e mesmo, como que lhe insinuando os meios de defesa disse: « padre, você não se defende, mas bem poderá ser que esses documentos que servem de prova contra o padre tenham sido assignados por alguem que falsificando a sua firma o tenha querido comprometter, — então pela primeira vez quebrou o silencio para declarar que aquellas firmas eram suas, e os papeis tambem !

Ante uma confissão d'estas, a commissão militar lavrou uma sentença toda cheia de sangue, e que apenas serviu para que a historia um dia desapaixonada tivesse de bemdizer um patriota e marcar com o seu ferrete indelevel o tyranno.

As virtudes civicas d'esse benemerito cidadão eram acompanhadas da maior imperturbabilidade e resignação como se evidencía do seu comportamento ante as imprecações do infeliz advogado José Luiz de Mendonça contra os seus juizes, aconselhando a bem morrer, como realmente o fez este.

Foi arcabusado no campo da Polvora, logar tão celebre na Bahia e ao qual se prendem as mais pesadas e lugubres recordações dos pernambucanos, pelos seus comprovincianos ahi executados; assim como as muralhas dos carceres da Bahia ainda dizem o muito que os patriotas do norte soffreram.

Recolha a historia em seu sacrario os tantos nomes memoraveis que com o baptismo de sangue accordaram os brios do povo que em breve tinha de formar o imperio.

Poder-se-ha vêr a sentença que a transcrevemos no fim da introducção.

10 — Pag. 30

Manoel Ferreira Portugal. O auctor celebra-o aqui como distincto poeta: nós não conhecemos producção alguma sua, nem mesmo a sua familia ou descendentes possuem, como tivemos occasião de verificar em nossas indagações.

É elle sem duvida pae ou parente do celebre deão Luiz Bernardo Ferreira Portugal, que tanto representou na revolução de 1817 e que condemnado tão bem se houve para alcançar o perdão.

O desleixo, a incuria de uns e a ignorancia de outros tem concorrido para que muitos escriptores e poetas nossos sejam desconhecidos.

A provincia de Pernambuco que tem tido tantos oradores distinctos, e homens em lettras classicas e sciencias, tem-se esquecido de seus nomes e só um ou outro ainda conserva um fraco conhecimento obtido em conversações ou tradicções.

Si é o nosso genio esquecermos as nossas glorias quer nas lettras quer nas armas!

O exemplo do quanto mal apreciamos-nos a nós está n'essa guerra do Paraguay, cujos feitos gloriosos deviam ser conservados na memoria!

A batalha de Riachuelo, que qualquer povo guerreiro acceitaria com subida honra para adornar as paginas da sua historia, passa-nos desapercebido!

Praza a Deos que a geração futura acalente em seu peito um amor da patria mais acrisolado, que o nosso.

11.—Pag. 32

José Francisco Toledo.—O poeta o canta como distincto poeta; para muitos é elle desconhecido. Natural da Parahyba, não nos lembra quem, nos asseverou ter sido elle professor de latim em sua provincia.

Além d'esse soneto dedicou-lhe Saldanha a ode que se acha a pag. 101, na qual lamenta a ausencia da patria.

Saldanha era muito amigo de Toledo a quem enviava seus versos como a mestre, para que este lhe désse o seu parecer; e foi entre os papeis de Toledo que se encontrou a metamorphose de Bogari, conforme o diz o sr. Olyntho Meira na sua *Castalia*.

Na mesma *Castalia* a pag. 245 vem publicado um soneto de Toledo pelo qual se evidencia o seu subido merecimento poetico.

Pena é que a pessoa que alcançou esses papeis os tenha conservado ineditos e em silencio, para, sabe Deus, que triste destino ter em prejuizo das lettras!

Quantas coisas se perdem!

Tambem do nosso mimoso poeta—Maciel Monteiro (barão de Itamaracá) que honrou a provincia, dando as mais patentes provas de talento, tambem d'elle foram-se um bom numero de poesias que confiadas pelo poeta ao dr. Costa Motta que era então da legação em Lisboa, e que morreu na Italia, nunca mais as restituiu!

Aonde terão ellas ido parar?...

12.—Pag. 40

Diz Saldanha que fôra inspirado a compor este soneto após a leitura do mimoso Bernardin S. Pierre, em sua novella Paulo e Virginia.

13. — Pag. 43

Nós alcançámos este soneto de uma pessoa que amiga e companheira dos infortunios de Saldanha nos repetiu como sendo a verdadeira lição.

Entretanto o sr. Wolf, no seu *Brésil litteraire*, segue uma outra lição bebida no sr. Joaquim Norberto de Sousa e Silva em suas *Modulações* que temos á vista, e que é a seguinte:

O teu sangue correndo em dura guerra,
Levantaste o cutello refulgente,
Porém cedeste, *baqueando* em terra!...

E esse que amor teu no peito ingente
E terno e meigo e docemente encerra
Vae teus males carpir eternamente!...

Nós não tivemos duvida em preferir a lição que adoptamos, porquanto achamos mais proprio do auctor em seu genio ardente de poeta, em sua expansão dolorida pelos males da patria dizer que Jove (o poeta pertencia á escola antiga e sempre está a usar das figuras da mythologia) tinha feito cair sobre a sua provincia a sua ira.

É essa linguagem mais propria do poeta do que a doçura dos dois versos primeiros do ultimo terceto, que mais suave se torna pelo *terno e meigo e docemente.*

A phrase forte e vigorosa de que se compõe todo o soneto parece pedir a versão que seguimos.

O «esse» que aqui é summamente fraco para exprimir o sentimento do poeta substituido por «e aquelle» parece-nos revelar toda a força de seu pesar.

14 — Pag. 44

Este soneto enviou o auctor do logar de seu exilio aos juizes que o condemnaram á morte. Foi n'essa occasião que elle

remetteu uma carta ao dr. Moraes Mayer e a procuração ao dr. Garcia de Almeida que vae transcripta na sua biographia.

São datados de 3 de agosto de 1825, quer o soneto quer os outros dois papeis.

15 — Pag. 44

Como se terá visto da biographia de Saldanha depois de passar por soffrimentos extraordinarios recolheu-se a Columbia, onde morreu. De Caracas (capital de Venezuela) é que elle escreveu este soneto e as cartas aos seus juizes.

16 — Pag. 51

Tão rapida não é nem tão ligeira como o nosso Camillo.

Nenhum brasileiro ha por certo que desconheça as paginas gloriosas dos trinta annos da lucta hollandeza.

Nomes tão gloriosos e tão populares se acham a ella presos, que os relembrar seria improficuo si se ligassem os factos a esses nomes: entretanto n'essa guerra só e sómente, póde dizer-se, os brasileiros, elemento natural, foram os unicos que resistiram ao estrangeiro. A metropole receiosa de peiorar sua restauração com a guerra da Hespanha e um rompimento com a Hollanda, deixava correr á revelia a guerra colonial e até a condemnava, não recuando mesmo ante uma cessão á Hollanda! (*V. Portugal Restaurado* do conde de Ericeira.)

Ella só se lembrou n'esse tempo do Brasil para fazer substituir por generaes seus aquelles que se achavam á frente dos brasileiros.

Pernambuco, que bateu-se com o maior valor e galhardia, o que diz hoje d'essas guerras é apenas os nomes tradiccionaes dos homens e logares sem mesmo prenderem-se circumstancias aos factos.

Si fôramos hollandezes, si tivessemos herdado o genio in-

dustrioso e intelligente d'esse povo, ha quanto tempo não se teria antecipado a nossa emancipação e que bases bem preparadas não teriamos encontrado para se elevar mais tarde esse imperio ao qual um dia ha de pertencer os destinos humanos.

Entre os heroes que se distinguiram na guerra pernambucana sobresaem Camarão e sua mulher D. Clara, cujos descendentes existem na provincia, sendo para sentir que até hoje si não tenha procurado entrar n'estas indagações.

O poeta compara aqui Camarão áquelle distincto romano Camillo, que achando-se exilado no principio da republica, acudiu aos reclamos da patria, quando os gaulezes se apoderaram de Roma. Tendo levantado o cerco de Veios, foi expulsar da cidade, cabeça da Italia, Brenno que com a sua espada na balança, mais aggravava as condições dos *væ victis*.

17 — Pag. 58

Cunhaú, povoação da Parahyba, celebre por ter sido ahi em 1640 os seus habitantes mortos quando se achavam no sacrificio da missa, pelos indios, e por insinuação dos generaes hollandezes, não escapando o mesmo sacerdote.

Em 1645 foi salvo por Camarão que ahi derrotou os hollandezes, depois de uma porfiada lucta, fugindo elles em debandada, depois de o terem ido investir em suas fortificações. (*Castrioto Lusit. Raph. de Jes.* Liv. VI — 14 —Liv. VII—26—32. Edic. 1679—Liv. VIII—44. Val. Luc. Liv. V.

18 — Pag. 61

Ophiro. — O exemplar das poesias de Saldanha, que não tem erratas, diz efiro, mas nós emendamos para *Ophiro* por julgarmos ser o pensamento do poeta.

Efiro não encontramos na lingua, ao passo que essa palavra

adjectivada de Ophir, monte tão celebre pela sua riquesa aurifera, é bem conhecido dos poetas.

O conego Januario em o caderno 6.° do seu «Parnaso» conserva a palavra Ephiro, assim como o sr. Varnhagen no seu «Florilegio.»

19 — Pag. 64

Estancia. A menos de um kilometro para o poente da cidade de Recife fica o logar bem conhecido da Estancia, celebre na guerra hollandeza.

Ahi se edificou uma capella real de Nossa Senhora da Fronteira, hoje na maior decadencia, e entregue ao completo abandono, pelos creoulos. O seu patrimonio já desappareceu, usurpado, assim como as bem conhecidas e esplendidas festas que annualmente se celebravam ahi, tambem se acabaram.

Si alguem a não salvar, em poucos annos desapparecerá mais uma recordação da provincia.

20 — Pag. 65

A nove leguas para o poente do Recife fica o monte das Tabocas, que tão celebre ficou sendo nos annaes da nossa historia pela brilhante e renhida victoria alcançada por Henrique Dias e Camarão sobre os hollandezes. Recommendamos a sua leitura no Castrioto Lusitano, Liv. VI 16-33, por não caber em uma nota a narrativa d'este facto glorioso para os pernambucanos.

Guararapes. — A quatro leguas do Recife para o sul fica este monte celebre na lucta hollandeza pela victoria por nós alcançada. N'essa batalha distinguiu-se muito Camarão. (V. Castr. Lusit. Liv. IX § 16 a 36 e Valer. Luc. e Roch. Pitta America Portugueza)

20 — Pag. 69

Lethes, rio da mythologia que tinha a propriedade de fazer esquecer o passado.

21 — Pag. 75

Monsenhor Francisco Moniz Tavares, venerando ancião que arrasta os seus pesados dias para um fim proximo. Hoje presidindo o instituto archeologico pernambucano é a sua vida e alma.

Esse ancião em cujo coração sob as cinzas da velhice ainda crepita o fogo ardente do patriota cioso das glorias de sua provincia, procura animar essa sociedade que tanto lhe deve, e que tende para a sua queda, com a porta que abriu ás mil nullidades que compõem o seu gremio, sem interesse e instrucção.

Vive hoje das recordações do passado.

Moço e já sacerdote foi por occasião da revolução de 1817 preso pelo brutal Rodrigo Lobo, quando vencido o governo revolucionario, e foi uma das trinta victimas da corveta *Mercurio* para o conde d'Arcos, o qual os fez entrar para os horriveis carceres da Bahia, d'onde sairam sómente por occasião da revolução de Portugal em 1820, e em virtude da amnistia das côrtes de Lisboa de 1821.

De volta á sua provincia foi nomeado professor de latim na Villa do Cabo. Logo depois foi eleito deputado ás côrtes de Lisboa, onde pugnou sempre pela liberdade de sua provincia. Ahi com outros deputados brasileiros abriu lucta com as côrtes, e alvo, todos, de desacatos e ameaças tiveram de fugir escondidamente para Inglaterra. (V. Pereira da Silva *Fund. do Imp. Bras.* e *Diario das Côrtes.*)

Foi ainda Moniz Tavares quem requereu a formação de uma Universidade no Brasil, ao qual responderam bastar algumas

escolas primarias! (V. John. Armitage. Hist. do Brasil. Cap. VI.)

Moniz Tavares, foi escolhido deputado ás constituintes, e ahi mereceu a consideração de que era digno, sendo contemplado entre os sete membros do projecto da constituição.

Dissolvida a constituinte continuou a merecer a confiança de seus concidadãos por muitas legislaturas.

Foi vice-presidente da camara dos deputados e retirando-se posteriormente á vida privada pelos desgostos da politica deixou o nome de orador e patriota bem firmado.

Tinha estado alguns annos na Italia como secretario de legação com o distincto Monsenhor Vidigal.

A sua provincia lhe deve — a Historia da Revolução de 1817, a qual sem ter todo o desenvolvimento que poderia ter recebido de mão do auctor, é comtudo o unico escripto que póde ser consultado com proveito; e não as obras de Varnhagen e João Manuel P. da Silva que infelizmente deturparam e calumniaram acremente essa epocha memoravel.

22 — Pag. 76

Flôres européas, assaz conhecidas de nome entre nós. — No Brasil, isto é, nas provincias do Norte não se encontram essas flôres embora algumas outras já se achem acclimadas.

23 — Pag. 76

Faias; arvores elevadas, e copadas, cujas folhas e troncos e ramos são esbranquiçados, crescem muito ás margens dos rios aos quaes costuma bordar como os salgueiros.

O poeta, pouco lembrado, as transplanta para as margens do nosso crystallino Beberibe!

24 — Pag. 77

Guilherme Penn, que partindo da Inglaterra por causa de luctas religiosas, começou a colonisar a Pensylvaria, em 1681 que lhe tomou o nome.

Pag. 79

(*a*) Alguns escriptores dizem que o mundo foi creado na primavera. Esta idéa por ser mais poetica, a adoptaram os poetas, por cujo motivo se compára á primavera a primeira edade do homem. *Milton*, Paraizo Perd. Cant. 7 e Virgil. Georg. 2 Vers. 336 e seg.

(*b*) Thompson. Poema das Estações. Cant. I.

(*c*) Gessner chama á primavera manhã formosa do anno.

(*d*) O mesmo Gessner, inimitavel pintor da natureza.

Pag. 80

(*e*) Horac. Liv. 2. Od. XIII. Ver. 4-5.

(*f*) Horac. Liv. 2. Od. 2. VI. Ver. 3-4.

(*g*) Diogo Bernardes, excellente poeta, natural de Ponte de Lima.

Pag. 81

(*h*) Endymião, pastor a quem Diana amava e procurava entre as sombras da noite.

Pag. 82

(*i*) Mr. Thomás. Od. sur le temps. Stroph. 6.

De la destruction tout m'offre des images;
Mon œil épouvanté ne voit que de nuages;
Ici, de vieux tombeaux que la mousse a couverts;
Là, des murs abattus, des colonnes brisées,
Des villes embrasées;
«Partout, les pas du Temps empreints sur l'univers.»
(Tom. v. Pag. 340)

(*j*) Certo viajante sendo perguntado por Marmontel a respeito do que vira na Grecia dos seus antigos monumentos: — «Eu vi o tempo, que demolia tudo em silencio.»

(*l*) Horac. Liv. 2. Od. II. Vers. 1—2.

(*m*) Horac. Liv. I. Od. IV. Vers. 13-14.

Pag. 83

(*n*) Quantos pomos colheres precavido
Na florente estação, terás de menos,
Que lastimar roubados no avarento
Quartel da extrema vida.

(*o*) Suppositum stellis unquam tangentibus equora. Ovid. Trist. Liv. 1.

(*p*) Expressão de La Bruyère, fallando d'arte da escripta.

24 — Pag. 88

Manoel Odorico Mendes, contemporaneo do poeta na Universidade de Coimbra, fazia o curso de philosophia natural, que não completou por fallecimento de seu pae.

Tendo-se entregue ás lides da imprensa, revelou-se talento profundo pelos seus artigos nos «Argos da Leí», «Pharol Paulistano», «Sete de abril», «Liga Americana» e outros jornaes.

Eleito deputado no tempo da independencia, pelo Maranhão, deixou na camara, firmado com o seu nome muitos projectos de leis importantes.

Na segunda legislatura, eleito deputado, rompeu uma brilhante opposição ao governo, a ponto de chamar a attenção do imperador.

Prestou relevantes serviços ao paiz, por occasião da abdicação de D. Pedro I, pro novendo a regencia provisoria, mas recusando um logar n'ella.

Cançado dos fructos ingratos da politica entregou-se ás lettras, dando á patria a traducção da Eneida de Virgilio, e deixando tambem traduzidas a Illiada e Odysséa de Homero, em versos portuguezes.

Deixou O. Mendes uma autobiographia summamente importante pela historia da epocha em que representou.

O conselheiro João Francisco Lisboa que a possuia, deu-a antes do seu fallecimento a um nosso distincto poeta e amigo.

Até hoje só se publicou Virgilio e a Illiada, sendo esta ultima, posteriormente á sua morte.

Não devemos furtar-nos aqui a uma grave censura em nome das lettras sobre um facto, que, talvez muitos ignorem, e pelo qual até levantam-se accusações contra a magnanima pessoa que pretendia honrar o seu paiz e a memoria do distincto poeta maranhense.

Em tempo os jornaes annunciaram que S. M. o Imperador tinha tomado a si fazer a publicação do Homero brasileiro, e depois verificou-se a publicação tão sómente da Illiada, em tão ruim papel e tão pessima edição, que deixou esta de ter extracção, pelos typos excessivamente pequenos em que foi a obra impressa.

Para muitos passou desapercebido este facto e para outros serviu elle de graves increpações a S. M. o Sr. D. Pedro II, sem entretanto se darem ao trabalho de indagar as causas.

Em a nossa estada no Rio, tratámos de saber a causa, além de outras, uma pessoa altamente collocada e que de tudo sabia, nos declarou: «que tendo S. M. o Imperador em mão os manuscriptos, com diversas pessoas quizera confrontar e comparar a traducção com o texto, o que certamente não é trabalho para pouco tempo; feito isto mandára-se extrahir uma copia do authographo para ir a imprimir.

S. M. pretendia que essa obra enriquecida de notas[5] correspondesse pela nitidez da edição, a gloria de ter sido pela primeira vez este poema trasladado para o nosso idioma por um brasileiro[6].

Demorando-se pelo cuidado com que se procedia ao exame, os manuscriptos em poder de S. M. o sr. D. Pedro II, pôde um typographo, julgamos, fazer crer aos filhos de Odorico Mendes, que a projectada edição nunca se realisaria e que havia o proposito, de que os autographos de seu pae nunca mais voltassem a seu poder.

Devido a essas insinuações, e talvez, a impulso proprio, por diversas vezes exigiram elles das pessoas do paço, que se lhes fizesse entrega dos manuscriptos de seu fallecido

[5] Consta-nos que seria encarregado das notas o sr. conselheiro Joaquim Caetano da Silva, distincto hellenista, talento de subido quilate, honra do paiz e o unico brasileiro formado em lettras pela academia de Montpellier. Grau tão honroso a um homem que na propria França ensinava a lingua do paiz, geometria e sciencias, assim como escrevia theses para os doutorandos.

Deixou-nos a monumental obra em francez —*L'Oyapock et L'Amazone*, na qual é discutida á luz da mais rigorosa critica, o direito que nos assiste na questão dos limites com a Guyana Franceza.

[6] Os srs. Costa e Silva e A. Viale tradusiram apenas o 1.° canto da Illiada aquelle, e este o 6.° do mesmo poema e o 1.° da Odysséa.

pae; ao principio foram esses pedidos desattendidos, avaliando-se que não sabiam por certo esses moços o mal que praticavam; mas redobrando as suas instancias com uma exigencia mais formal, o conhecedor S. M. da pertinacia de moços inconscientes, deixou de mão a empresa de honrar a memoria do distincto poeta e de dotar a litteratura com uma obra de tal ordem, cuja edição de certo em nada seria inferior a *edição princeps* da *Confederação dos Tamoyos*, do distincto poeta Gonçalves Magalhães (visconde de Araguaya) cujas despezas todas correram por conta de S. M.

Mas seria tão sómente o desejo patriotico de tornar publica a obra de O. Mendes, prestando homenagem ao seu talento, que fizera o editor aventurar-se aos riscos de uma impressão?

Certamente que não, por quanto então ter-se-ia procurado corresponder pela bellesa da edição a memoria que se queria honrar. Outra foi a causa, e para que no futuro a historia bibliographica tenha os seus elementos, aqui a declaramos. A Assembléa provincial do Maranhão havia votado quantia sufficiente para que se podesse levar a effcito a publicação d'essas obras; o editor pretendendo fazer jus á quantia votada, e vendo que a edição feita por conta de S. M. preteria-o nos calculos, de accordo com os filhos de O. Mendes, que puderam haver os manuscriptos de seu pae, fez a miseravel impressão da *Illiada*, que por sua inferioridade excessiva quanto ao papel, typos e correcção não ousa correr mundo, e que só revelou o interesse de se fazer direito a receber o dinheiro votado, esquecendo-se do respeito devido à memoria do poeta, em prejuizo das lettras; sendo mais para sentir que esta edição só tenha de servir de envergonhar a historia da imprensa entre nós.

Quasi que se póde ter por inedito o Homero de O. Mendes, em quanto outra edição se não fizer. E a prova é que ainda dos homens mais dedicados ás lettras poucos a possuem e o

editor ainda não pôde vender um pequeno numero de exemplares da tão pequena edição que fez.

A cubiça é devido este mal as lettras patrias!

Quando poderemos nós possuir uma edição d'essas obras?...

Não queremos nem podemos avaliar do merecimento da traducção, a qual contra a regra seguida, não só não alargou o numero de versos, como se faz sempre preciso em taes trabalhos, para poder exprimir-se o pensamento; como pôde o traductor cortar, sem quebra de sentido e da bellesa, mais de mil e quinhentos versos, como se declara na mesma traducção.

25 — Pag. 96

Francisco José Tavares da Gama, era natural de Portugal, porém tendo partido da idade de dez annos para Pernambuco, com seus paes, acabou por dedicar-se á vida ecclesiastica.

Gosando do mais subido conceito em todos os sentidos, exerceu varios cargos da curia episcopal e regeu a diocese, por morte do bispo João, do qual era amigo sincero, fallando-lhe sempre a linguagem da verdade.

De costumes e caracter severissimos era o padre Gama o modelo do sacerdote. Nos cargos de funccionario as suas deliberações e proceder eram da mais inteira e inquebrantavel justiça.

Apreciador dos talentos auxiliava-os e fazia o fallecido bispo D. João dar-lhes valor e até mandal-os educar.

Foi o padre Gama alheio as ambições humanas: recusou por duas vezes bispados e mais por deferencia do que por outro motivo qualquer acceitou a honra de conego da capella imperial.

Os cargos da curia não só não os desejava como até os recusava, e si n'elles serviu foi a pedido do bispo D. João que n'elle depositando plena confiança pelo seu talento e inteiresa não o queria um só momento longe de si.

Quando falleceu em 1871, exercia o logar de provisor do bispado de Pernambuco.

Homem de variadissima instrucção, conhecia a fundo a sua lingua e tinha uma grande lição dos prosadores e poetas classicos, quer estrangeiros, quer da lingua vernacula.

Era summamente lido em materias canonicas, seu estudo particular.

Como prégador foi muito distincto, sendo para sentir que tivesse deixado-se ouvir pouco na tribuna sagrada, não deixando senão pouquissimos sermões.

Pessoas que privavam com elle, e mesmo nós fomos testemunha da facilidade com que manejava a lingua : tinha-se habituado de tal maneira a escrever, que um seu escripto não soffria correcção de uma só palavra siquer!

Tendo de escrever qualquer coisa pensava e depois lançava-o ao papel com a maior facilidade possivel.

Nas largas conversações com que nos honrava sobre os diversos assumptos, e especialmente sobre a religião, e a igreja, revelava as idéas as mais sãs e despidas de certos refolhos tanto em uso.

Tinha uma maxima a respeito dos bispos e era que «aquelles que não prégavam por muito bons que fossem, eram meio-bispos.»

Morreu quasi desapercebidamente na avançada idade de 74 annos, alquebrado de forças e após um longo martyrio onde mostrou a maior resignação do bom sacerdote christão.

Estas poucas palavras, que deixamos exaradas n'esta nota sejam um tributo de amisade e veneração á sua memoria.

26 — Pag. 113

Esta Elegia saiu publicada pela primeira vez na *Opinião Nacional* de 7 de julho de 1869, jornal litterario e politico

que era redigido por um distincto talento nosso o dr. Aprigio Guimarães.

Precedia essa Elegia algumas palavras do fallecido escriptor e poeta, o dr. Antonio Rangel Torres Bandeira. Nos juizos sobre J. N. Saldanha reproduzimos as palavras do dr. Bandeira.

27 — Pag. 113 — 116

Com muito custo podemos alcançar os nomes das pessoas que o poeta celebrou n'esta Elegia, á excepção do Parahyba que não temos o nome todo.

Silva — Francisco Leite da Silva.
Mendanha — Antonio Gabriel Pires de Franco Mendanha.
Carneiro — Francisco Carneiro Machado Rios.
Mello — Manuel Ignacio Beserra de Mello.
* Rangel — Francisco de Sousa Rangel.
* Fragoso — Francisco Antonio Fragoso.
Casumbá — José Gomes do Rego Casumbá.
* Agostinho — Major Agostinho Beserra.
Carapeba — José Francisco Vaz Pinto Carapeba.
* Caneca — Fr. Joaquim do Amor Divino Caneca.
Wenceslau — Miguel Soares Carneviva.
Basilio — Basilio Quaresma Torreão.
Ferreira — Tenente coronel José Antonio Ferreira.
* Monte — Capitão Antonio do Monte Oliveira.
Parahyba —
Tiburtino — Tiburtino Pinto de Almeida.
Tavares — Manoel Joaquim Tavares de Mello.
Filippe — Emiliano Filippe Benicio Manducurú.

* Todos estes foram victimas da revolução, pagando com seu sangue a sua tentativa.

(*q*) Apocalyp. cap. I vers. 14.
(*r*) Id. ibid. ibid.
(*s*) Id. ibid. vers. 16.
(*t*) Id. ibid. vers. 15.

(*u*) Das petas o cantor cantou-te a vida.

José Daniel R. C. assim chamado por Bocage.

28 — Pag. 126

Esta methamorphose foi publicada pela primeira vez na *Castalia Brasileira*, excellente collecção de poesias, arranjadas pelo sr. dr. Olyntho José Meira, quando estudante do 4.° anno de direito em 1850. É para sentir-se que não passasse do I tomo.

Como já ficou dito a nota 11 foi esta peça poetica encontrada entre os papeis do fallecido poeta parahybano José Francisco Toledo.

Uma nota assás desenvolvida que o mesmo sr. O. Meira faz a esta peça nos mostra que diversas correcções foram-lhe feitas, nós transcrevemol-a em seguida declarando que nos pontos onde podemos restaurar o pensamento do poeta o fizemos, limitando-nos a dar as correcções do sr. O. M. em outras notas.

A questão sobre esta methamorphose enunciada pelo mesmo sr. tem interesse para que nós a cortemos:

Eis a nota:

«A sua leitura (da methamorphose) que nos insinuou tão «favoravel idéa, convenceu-nos de que importantes correcções «lhe eram indispensaveis, ou porque fosse talvez filha da pri«meira idade ou porque si o contrario succedeu, não lhe hou«vesse sido prestado o necessario polimento.

«Começou o auctor a sua narrativa collocando os dois aman«tes á margem do Jordão.

«Nas verdes margens do Jordão vistoso

«e depois figurava-os á borda de uma corrente, á sombra de «ingazeiros (assim dizia o original), sob cujos ramos se des«faziam em doces requebros taes e taes passaros do nosso paiz, «indo a rematar o quadro da maneira seguinte

E outras aves louçãs, de que se adornam
Os verdes campos do Brasil formoso.

(Versos que substituimos com outros).

«Pareceu-nos e não sem motivo, que se havia o poeta des«vairado apresentando essa defeituosa mobilidade de scena; «mas vacillando a respeito, e procurando informar-nos soube«mos que ha n'esta provincia (de Pernambuco) um rio do «mesmo nome[1] ao qual se referira; todavia suppomos ainda «que um pouco houvera dormitado: figurar uma nympha bra«sileira metamorphoseando-se em nossa terra n'uma flor asiatica «como é a rosa *mogorim* (nome que lhe provindo de Mogor, «d'onde é oriunda, tem sido vulgarmente alterado para *bogari*, «como entre nós se chama) parece-nos circumstancia adversa «a uma lei muito importante, com que se deve conformar esse «genero de poesia, a que preside quasi exclusivamente o in«fluxo da imaginação: esta lei é a verosimilhança que consis«tindo sobretudo na maneira plausivel de transfigurar-se o «objecto, depende ainda dos logares e tempos.

«A alguem parecerá que o facto de haver sido aquella flor «transplantada para entre nós serve de fundamento contra o «nosso reparo; mas além de que a idéa de transplantação des-

[1] A uma milha ou pouco mais ao poente do povoado da Boa Viagem, fica o rio Jordão, cujas aguas são crystallinas e amenisam o logar que toma do rio o nome e é um ponto de recreio no verão.

«troe por si só toda a verosimilhança, varrendo essa magica il«lusão, que com a roupa da verdade nos fascina, e é uma «bellesa, digamol-o, essencial a similhantes composições claro «está que não se firmou o auctor n'essa talvez pretendida ra«são, pois lhe servem de absoluta negativa aquelles versos:

«No prisco tempo em que o brasilio povo
E tu, Colombo, genovez preclaro
Ignotos mares não sulcado tinheis

«E outrosim, haveria não menos claudicado, si por cami«nhos taes se houvera conduzido, que fosse admissivel essa «idéa; por quanto as methamorphoses devem por sua mesma «naturesa ser sempre figuradas em épocas remotas, tanto mais «relativamente ao conhecimento d'aquellas coisas que se phan«tasiam seu resultado: assim, vemos que obrou com descer«nimento o bardo do Sado (Bocage) quando querendo apre«sentar Areneu se transformando em môcho e Argira em «rã, figurou o caso em tempos de obscura antiguidade; pois «seria irrisorio suppol-o em um dos annos ou seculos proxi«mamente passados, quando ninguem haveria, que os não ti«vesse com antecedencia visto ou tradiccionalmente conhecido. «A força pois do que fica expendido resolvemo-nos a fixar a «scena no logar que nos pareceu mais adequado, e foi de nossa «primeira intuição, modificando, supprimindo e accrescen«tando, quanto fosse tendente ao nosso proposito.

«Ainda assim poder-se-ha notar, que seja figurada á mar«gem de um rio estranho uma entidade brasileira, a qual se «havia de transformar em um passaro, que é tido como o filho «dos nossos climas; porém dada a necessidade de ser o assum«pto desenvolvido debaixo de um dos dois pontos de vista pre«ferimos o ultimo a cujo favor ha uma differença bem atten-

«divel, pois é de não esquecer que no primeiro tinhamos de «imaginar no Brasil a transfiguração para uma flôr, cujo berço «é a Asia, onde de tempos immemoriaes é conhecida, ao passo «que no segundo não ha mais que suppôr na Asia, em remo«tissima idade, o methamorphoseamento em um passaro, «que si nos pertence originariamente, só é conhecido de uma «epocha posterior á do fabuloso acontecimento de sua transfi«guração, do que entre outras é uma prova a novidade do «nosso paiz; si porém não é exclusivamente brasileira a sua «naturalidade, nada ha que oppôr. Bem sabemos que Virgilio «deslocou a chronologia, para melhormente desenvolvendo o «seu poema enriqueceu-o de mais a mais com os amores de «Dido e Eneas; bem sabemos, que o seu douto imitador, o «immortal Camões, valeu-se do maravilhoso mythologico, de «uma maneira impropria do seu seculo; mas fugindo ás in«vestigações, que ultrapassariam o nosso fim, dizemos apenas, «que para igualdade do arbitrio devia militar si quer alguma «similhança de causa.

«Além d'essas alterações fizemos por melhorar copia de «versos, dos quaes alguns eram demasiadamente languidos, e «até imperfeito, outros bem formados, porém não passando «de reproducção de idéas e repetição de termos que muitas «vezes faziam toantes ou consoantes sem opportunidade. Qui«zeramos indigitar todos os logares alterados, para que pe«sasse sobre nós o resultado; mas pareceu-nos excessivo fa«zel-o tão multiplicadamente que trouxesse a confusão. Assim «pois sómente notaremos com o signal † aquelles versos, que «de nossa parte introduzimos em substituição aos do auctor, «apresentando o original nos logares, em que os ampliamos, «os quaes vão assignalados com * [1].

[1] Nós reintegramos na peça poetica os versos de Saldanha, e em notas reproduzimos os do colleccionador.

«Eis quanto tinhamos de reflexionar; entendemos que essa «galanteria poetica, onde se descobre muita invenção, que re- «vela não menos talento, sendo como é de auctor já fallecido, «cujo conselho portanto impossivel era ouvir, não devia ser «publicada com alterações, cuja existencia e fundamento dei- «xassemos de manifestar. Temos dito com alguma prolixidade «o que nos pareceu principal. A isto obrigaram-nos o receio de «uma precisão demasiada e falta de espaço : são idéas que nos «adejaram pelo pensamento, e pareceu-nos uma necessidade «expender.

«Olinda, novembro de 1850.

Apesar das ponderações enunciadas pelo Sr. Meira quanto a verosimilhança despresada n'esta methamorphose julgamos dever substituir os versos e termos do poeta onde conhecemos.

Não desconhecemos as regras poeticas da verosimilhança, mas preferimos acceitar a lição do poeta que em seu paiz quiz collocar a acção da peça poetica, procurando para isso um personagem mimoso como é o beija-flôr, embora fosse buscar uma flôr a regiões differentes.

Seria muito para desejar que o poeta houvesse procurado em a nossa tão rica flóra a flôr que representasse a nympha, e é muito de crer que elle mais tarde o faria, si não se visse obrigado a morrer expatriado e desligado de tudo o que era seu; mas respeitando (nós não vamos em taes materias a sanccionar despropositos ou verdadeiros erros) o poeta preferimos a sua lição na qual ha apenas a quebra de uma das regras poeticas, as quaes muitas vezes são esquecidas.

No caso de que se trata não é um d'esses erros condemnaveis e por isso quizemos conservar a côr local e nacional que lhe dá o auctor.

Elle que tanto deveria ter lido o tão mimoso Ovidio, o creador das methamorphoses, certamente o imitaria em suas regras.

29 — Pag. 127

A fresca sombra de *ingazeiros* densos.

N'este verso restauramos o termo empregado pelo poeta — *ingazeiros*. O sr. O. Meira pela correcção que havia feito substituira por salgueiros, arvores proprias das regiões europeas e asiaticas e quo marginam os rios.

30 — Pag. 127

Mimosos passaros etc.

Estes tres versos foram substituidos pelo sr. O. Meira em logar dos do auctor, nos quaes descrevia elle diversas aves nossas.

O mesmo sr. Meira não nos deixou conhecer em nota quaes eram os versos do auctor, e apenas indicou dois.

31 — Pag. 127

Estes dois versos são os unicos que no corpo da nota o sr. Meira nos indicou dos que por elle fôra substituido.

32 — Pag. 128

O mesmo sr. Meira tinha substituido os versos do auctor pelos seguintes :

Muitas vezes ahi no extremo enlevo
Sem mais phrases de amor, que a nympha désse,
Nos mares de illusão, vagando a mente,
Logo após o carinho, á queixa, á magoa
O extremoso amador assim volvia :

Não podemos conhecer a causa da introducção d'estes versos em logar dos do poeta, por quanto segundo o nosso gosto têem elles mais doçura e exprime um pensamento que o auctor da Castalia em nada excedeu.

33 — Pag. 128

Eu... «porém n'este instante o casto pejo etc.»

Ainda aqui havia substituido o auctor da Castalia estes tres versos de Saldanha pelos seguintes, bellos é verdade, pela descripção do deliquio de Bogari:

Eu... Mas o pejo, que accendia o rosto,
As vozes lhe embargou, que o pranto excede;
Mimosa ao golpe injusta, eil-a em deliquio,
Perde as rosas das faces os olhos volve
Rubis da bocca em marmore se mudam
O peito do pastor se inclina a triste.

34 — Pag. 131

E querendo assim mesmo transformado, etc.

Ainda aqui retiramos os versos introduzidos pelo sr. O. Meira e reproduzimos sómente os do poeta que são os que se lêem na peça poetica, entretanto damos os do sr. O. Meira que são os que se seguem marcados:

«Mas não muda a paixão mudada a fórma,
«Já sem labios, sem voz, querendo em balde
Libar o nectar, que as paixões aviva,
«Co'as tenues azas sussurrantes vôa,

«E afflicto, ancioso arremedando um beijo
Vaga de flôr em flôr, de roma em ramo :
Porém (assim quizestes oh rei supremo !)
Se encontra a nympha conhecer não póde.

36 — Pag. 146

O poeta diz ter composto este Idyllio inspirado pela leitura do inimitavel Gessner, esse cantor suave e arrebatador da naturesa e de que com justa rasão a Allemanha tanto se orgulha.

37, 38 — Pag. 147, 149

Estes motes e glosas são pela primeira vez publicados aqui. Alcançámos de um companheiro de infortunio de Saldanha, que vive, e o qual depois de muitos esforços nossos pôde achar na memoria estes versos. A essa pessoa devemos outras poesias ineditas de outros poetas nossos.

São elles feitos com os desesperos de coração patriota que vê sua patria sob a oppressão da tyrannia, e que não a póde salvar.

39, 40 — Pag. 151. 152

Estas duas traducções sairam á luz pela primeira vez no *Horisonte*, jornal litterario e politico, redigido por M. S. Amaral, J. A. F. da Costa, J. V. M. Vasconcellos e outros estudantes do segundo anno de direito, em 1867.

Foi offertada á redacção para a imprimir pelo saudoso e illustre commendador Antonio Joaquim de Mello:

41 — Pag. 153

Estas quadras foram improvisadas pelo auctor em presença de um amigo que se queixava de um amor mal correspondido.

ᴀɢ. 156

...ndera infame despota

...a nota que «este verso tem allusão par-

...s sobre este facto, nem tivemos quem nos es-
...oda a vida do nosso poeta é cheia de peripecias
só se pisa sobre difficuldades ainda nas minimas coi-
...bre que elle falla.

APPENDICE ÁS NOTAS

Já se achavam impressas as diversas peças poeticas, quando chegámos ao conhecimento de algumas noticias das quaes estavamos desanimados e por isso deixaram nos seus logares devidos de serem numeradas.

No soneto II pag. 2. O tenente Antonio de Padua Vieira Cavalcanti, amigo do poeta, era natural de Pernambuco, como se verifica dos livros das matriculas da Universidade de Coimbra.

Antonio Bento Annes Pereira Barreiro a quem o poeta a pag. 78 dedica uma Ode. Era natural de Vianna, como consta das matriculas da Universidade de Coimbra. E pela referencia que faz o poeta ao rio Lima se comprova a sua naturalidade.

José Francisco de Paula, do qual o poeta era amigo e a quem dedica a Ode a pag. 90 era igualmente pernambucano, estudava os cursos de mathematica e philosophia na Universidade; tendo sido reprovado no terceiro anno de seu curso

por causas alheias ao seu merecimento, doeu-se tanto injustiça que voltou á sua provincia e deu-se á agricul

Manoel Carlos Velloso, a quem o poeta a pag. 103 uma ode consolando-o na perda de seu pae, era igua amigo seu e frequentava a Universidade.

Abandonou os estudos e recolheu-se á sua provincia gando-se á agricultura.

Francisco Carneiro Machado Rios, fallecido em 187 amigo do poeta, excessivamente patriota, representou nas contendas politicas da sua provincia.

A elle dedica o poeta o dythirambo a pag. 132, assim a elle se dirige a pag. 126, na Methamorphose.

FIM DAS NOTAS

JUIZOS CRITICOS

JUIZOS CRITICOS

Joaquim Norberto de Sousa e Silva em suas *Modula-*
ticas, diz na Intr. pag, 42—44.

da Natividade Saldanha, nascido em Pernambuco, em tembro de 1796, illustrou-se com um volumesinho de que fez publicar em Coimbra, quando alli estudava. do como Pindaro, patriotico como Ecouchard Lebrun, so como Diniz, abalançou-se a elevada e pomposa poe-arica e emparelhou com Pindaro na hardidez, com rd Lebrun no patriotismo, com Diniz na magestade e la versificação e deixou-nos quatro bellas odes pindari-. primeira dirigida a Vidal de Negreiros, brasileiro e laureado pela victoria em algumas batalhas, parece o primeiro vôo do poeta, mas nem por isso lhe falta a nos versos, a nobresa nos pensamentos e essa *bella des-* que requer similhante casta de poesia. — Na segunda le Camarão, tomando azas de aguia, mais e mais se — Na terceira a Henrique Dias é ainda mais pinda-s pensamentos são nobres e seu estro encendeia-se com Na quarta tudo cresce; as acções do immortal Rabel-lammam a mente do Pindaro brasileiro, que com elle

se arroja ao meio dos pelejadores; — o sonido das armas, — o sibilar das ballas, — os gritos dos guerreiros, — os trovões da guerra lhe retinem nos versos!

Elle segue passo a passo ao heroe pernambucano até sua ultima acção, até o derradeiro instante do martyr da patria, que morre honrada morte pugnando pela sua causa!

Não menos para prezar-se são os seus sonetos, suas odes horacianas e anacreonticas, seus dithyrambos e suas cantatas, que encerram grande copia de elegancias e bellesas poeticas.

Tomou este nosso auctor mui activa parte na revolução pernambucana de 1824 como secretario do governo da republica do Equador; d'ahi a necessidade de emigrar para um dos estados da União Americana afim de subtrair-se á sorte de Ratcliff, Metrowich e Loureiro, e eil-o ahi da popa do Trwced olhos cravados nos patrios sitios mandando suas despedidas á patria:

(V. soneto XLIII).

E longe d'ella, carpindo seus males viveu envolto em gloria e miseria e assim terminou existencia tão apreciavel!

— Esse o destino de nossas notabilidades!

Não somos nós os netos de Albuquerque
Raça de Lusos?...

O sr. Francisco Adolpho Varnhagen (visconde de Porto Seguro) na introducção do seu — *Florilegio da Poesia Brasileira* pag. 50 se exprime do seguinte modo:

«Mais que estes (o sublime Cordovil e Luiz Paulino) se distinguiu posteriormente no lyrico elevado o pernambucano Saldanha, cantando os principaes heroes que dirigiram a restauração da sua provincia contra o jugo hollandez.—Infelizmente

Saldanha parece não ter tido mais modelo, que as odes pindaricas de Diniz, que já demasiado se parecem umas as outras[1].

No vol. II á pag. 209 — diz ainda o sr. Varnhagen:

«Foi um pardo de grande talento: distinguiu-se em Coimbra, onde estudava. Era filho de Pernambuco e de principios ultra-republicanos.»

O sr. J. M. Pereira da Silva exprime-se a respeito de Saldanha nos seus *Varões Illustres o Brasil* vol. 2.º (ed. 1868) pag. 354 da seguinte maneira:

«Foi litterato de gosto fino e poeta brilhante. São geralmente conhecidas e apreciadas as odes, que escreveu em honra dos heroes pernambucanos que combateram os hollandezes no seculo XVII.»

E na sua obra *Segundo periodo do reinado de D. Pedro* I *no Brasil* a pag. 31, diz ainda:

«José da Natividade Saldanha andava exilado e reduzido á miseria, e não achava mais inspirações como as que em mais feliz idade tanto haviam ennobrecido o seu talento lyrico.»

O sr. Innocencio Francisco da Silva em seu excellente Dicc. bibliogr. tom. V pag. 81, diz:

O sr. Torres Bandeira parece não ter visto esta parte do juizo quando apenas cita as brevissimas palavras do sr. Varnhagen á Ode por elle citada no 2.º vol. do seu *Florilegio*.»

«Veiu para Portugal com destino de formar-se em direito na universidade de Coimbra, e ahi cursava o terceiro anno de leis em 1822, dando provas de grande engenho, e distinguindo-se ainda mais pelo seu talento poetico.»

O distincto poeta Antonio Rangel de Torres Bandeira, hoje fallecido, fazendo publicar na *Opinião Nacional* de 7 de julho de 1869 a Elegia que se acha transcripta a pag. 113, fazia-a preceder das seguintes palavras:

Damos hoje publicidade á bella e sentida saudação, que, sob o titulo de *elegia*, dirigiu o nosso distinctissimo conterraneo, Dr. José da Natividade Saldanha, aos seus mais intimos amigos politicos, envolvidos, como elle, no movimento revolucionario de 1824.

Modelo de verdadeira poesia patriotica, essa notavel peça recommenda-se tanto pela fórma como pelo pensamento substancial que encerra, sendo em si mesma uma das mais eloquentes amostras do brilhante ingenho d'aquelle conspicuo pernambucano, roubado tão cedo á patria, que tinha muito a esperar do seu talento e decidida vocação litteraria.

Pertenceu Saldanha a essa geração eminentemente liberal e generosa, que, a partir de 1817, e ainda de alguns annos antes, inscrevêra seu nome illustre no martyrologio do paiz. Era d'essa pleiade de mancebos enthusiastas das grandes e auspiciosas idéas, lançadas ao mundo, atravéz das velhas gerações, pelo espirito regenerador de 1789; e si algum excesso acaso lhe notavam os mais exagerados d'entre os inimigos politicos, era o *ultra-liberalismo*, que em todo o caso significava uma nobre paixão, nunca, porém, um defeito sensivel no homem publico.

Soldado das fileiras liberaes, Saldanha esposou a causa de

324 : pugnou pela revolução, entrou com os amigos de infania e de principios nas grandiosas combinações d'aquelle mo. imento, e resignou-se, como todos, ás eventualidades da siuação em que se collocava, prompto, como elles, a beber até is fézes o calix do infortunio.

Os horrores do supplicio, as contingencias da adversidade ao exilio, as amarguras d'uma emigração para o estrangeiro, eram os quadros que então se desenhavam, após o fatal desenlace da revolução, aos olhos de todos que n'ella haviam figurado.

Spartanos pela tempera, os pernambucanos d'aquella abençoada époclia souberam responder com a impavidez e o heroisno ao mais desleal e barbaro de todos os governos; e hoje, e por todos os seculos que hão de vir, a historia faz plena justiça aos revolucionarios de 1824.

Bem se vê que não entra em nosso proposito commemorar aquelles feitos de assignalado valor, aquellas vivazes demonstrações de liberalismo, aquelles magnificos rasgos do mais desinteressado e sublime patriotismo. Todas essas lembranças enchem as paginas de nossos fastos historicos, sendo por si sufficientes para elevar a mais esplendida de todas as apotheoses aos extrenuos defensores d'uma tão famosa quão desventurada causa.

A memoria querida de Saldanha leva-nos mui naturalmente para aquelle periodo, em que elle tanto influiu pela posição, como secretario que era da administração d'esta provincia, e ainda mais, si é possivel, pelo seu incontestavel merecimento litterario, do qual déra sobejas provas desde os primeiros annos de sua vida academica em Coimbra.

O pernambucano, em cujo coração se ateavam tantos sentimentos patrioticos, era um insigne poeta, já conhecido da metropole, onde fizéra a publicação de suas primeiras inspirações, e onde estava ainda bem viva a impressão exercida

pela eschola de Bocage, a que elle irrecusavelmente pertencia.

Era mister dispôr de muito cabedal de ingenho para poder prender attenções então, n'aquelle cyclo litterario, em que se figurava ainda ouvir o echo harmonioso das lyras de Garção, de Diniz, de Semêdo, de Quita e de tantos outros notaveis talentos poeticos. O estro que se abalançava a abrir vôos e a divágar pela Arcadia, em meio de tanta riquesa, pouco após os triumphos de Maximiano Torres e da admiravel Alcippe, já de si mesmo indicava muito e muito promettia para engrandecer o thesoiro das lettras brasileiras, tão cuidosamente guardado por Caldas, Claudio Manuel, Alvarenga e muitos outros afamados poetas. Saldanha pôde dentro em pouco ligar o seu nome aos de todos esses operarios primorosos do saber, que já eram apontados como taes á geração contemporanea no meio mesmo de povos estrangeiros.

As suas *pyndaricas* aos heróes de 1654, aos libertadores de Pernambuco, eram bellos specimens no genero a que se dedicára Elpino Nonacriense; e os seus excellentes sonetos bem demonstravam quanto se approximava elle do numeroso Elmano, o rei do epigramma na litteratura portugueza. Imaginação fecunda, estylo colorido, phrase elegante, apuro e delicadesa nos quadros, constituem os dotes principaes de tão distincto poeta, que mais ainda podéra fazer, se lh'o não tolhesse a serie de acontecimentos a que nos já referimos.

O que resta de Saldanha, no seu voluminho de versos, é um cofre de joias inestimaveis, bem superiores, sem duvida alguma, a muitas *composições poeticas*, a que, em o nosso mundo litterario, se tem querido a *fortiori* emprestar o nome de *inspirações*, e impôr o baptismo de *creações* d'arte.

Pena é que um ingenho de tão elevada plana se houvesse desbaratado ainda em sua florescencia! e quem o desbaratou foi o governo ferrenho e tyrannico d'aquelle tempo, que, assim

como a esse nosso comprovinciano, arrastou muitos outros ao abysmo da infelicidade.

Saldanha emigrou para a America do Norte; e lá definhou e morreu, victima da ignorancia e do despotismo, acabrunhado ao peso das saudades da patria! Foi-se toda, n'aquella onda revolucionaria, uma nobilissima geração de patriotas eximios, uma conspicua phalange de apreciaveis e notabilissimos engenhos.

A historia, ao menos (que não é pouco!), vinga a memoria d'esses, em cujo numero está Saldanha, que sempre mantiveram seu posto de honra nas fileiras da liberdade, através de todos os embaraços de situações difficeis, e mau grado ás tentativas reaccionarias do poder.

Essa historia de que fallamos não é, porém, a que por ahi escrevem assalariados chronistas do *imperialismo*, historiographos vendidos ás delicias de Capua cesariana, verdadeiros pedantes de *hoje*, que pretendem offuscar as glorias de *hontem*, porque as não alcançariam jámais em sua baixa adulação de aulicos. A historia a que alludimos não é a que de proposito cala os acontecimentos de summa importancia nacional, e não tem, sequer, duas palavras de consideração e de respeito para os dois grandes movimentos revolucionarios, tão generosos, tão patrioticos, d'esta nossa heroica provincia. Referimo-nos, sim, á historia, fiel interprete do passado, ante cujo tribunal incorruptivel póde elevar-se o merecimento, qualquer que elle seja, certo de que lhe não hão de arrebatar os loiros a que tinha direito.

Si nos sobrasse o tempo incetariamos d'aqui uma serie de considerações critico-litterarias, a proposito de Saldanha; e o mesmo fariamos, com relação a outros que tambem muito merecem das lettras patrias, como Ferreira Barreto, Frei João Baptista da Purificação, Lopes Gama e Marinho. Não tomamos comtudo, nenhum compromisso por esse lado: quanto a Sal-

danha temos a satisfação de pagar-lhe n'estas linhas o preito da admiração que lhe votamos. Pelo menos, não diremos do nosso illustrado patricio, tão notavel como politico e poeta, aquelle *quasi-nada* que o auctor do *Florilegio da poesia brasileira* a proposito d'elle disse: — « Era um *pardo* de grande talento; distinguiu-se em Coimbra onde estudára. Era filho de Pernambuco, e de principios ultra-republicanos. — »

Felizmente, já uma voz eloquente se levantou d'entre os nossos para commemorar a dolorosa *Odysséa* de Saldanha, e para devidamente aquilatal-o. O nosso respeitavel amigo, o sr. commendador Antonio Joaquim de Mello, amigo e collega de trabalhos do mallogrado poeta, que tanto honrou esta nossa provincia, disse a sua competentissima palavra sobre tão importante assumpto.

19 de maio de 1868.

FIM

INDICE

